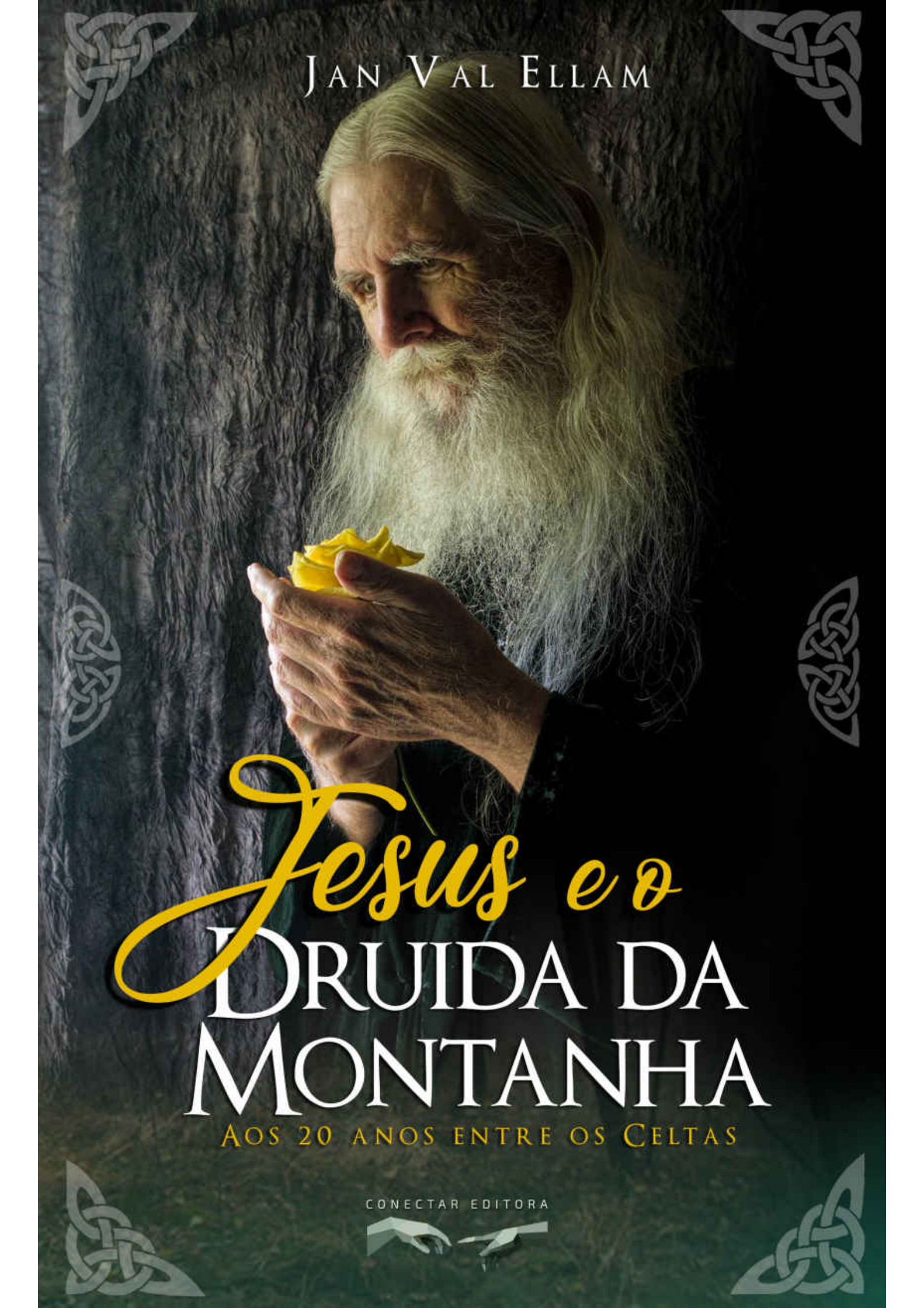




JAN VAL ELLAM

Jesus e o
DRUIDA DA
MONTANHA

AOS 20 ANOS ENTRE OS CELTAS

CONECTAR EDITORA





JESUS E O DRUIDA DA MONTANHA

AOS 20 ANOS ENTRE OS CELTAS

JAN VAL ELLAM

CONECTAR



JESUS E O DRUIDA DA MONTANHA: AOS 20 ANOS ENTRE OS CELTAS

Copyright © Jan Val Ellam, 2019. Todos os Direitos Reservados

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, gravações ou sistemas de armazenamento em bancos de dados, sem a devida permissão, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas, artigos e estudos.

Conectar Editora, Distribuidora e Livraria Ltda.

www.conectareditora.com.br | email: info@conectareditora.com.br

Editor: Rodrigo de Paula Pessoa Freitas

Coordenação Editorial: Krysamon Cavalcante

Capa e Diagramação: Luciana Lebel



Dados internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

Jesus e o Druida da Montanha : aos vinte anos entre os celtas / Diversos espíritos ; Jan Val Ellam (médiun) . — São Paulo : Conectar Editora, 2009.

14 x 21 cm. ; 113 p. ISBN: 978-85-62411-00-7

1. Jesus Cristo – Ensinaamentos 2. Jesus Cristo – Pessoa emissão 3. Psicografia 4. Romance espírita I. Diversos espíritos. II. Ellam, Jan Val.

09-00486 CDD-133.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Romance espírita : Espiritismo 133.9

ISBN Ebook: 978-85-62411-55-7

2ª Edição (2019). Natal - RN

SUMÁRIO

Sinopse

1. O Drama dos Reis Gauleses
2. Nos Dias da Galiléia
3. O Druida da Montanha
4. Na Caravana com José de Arimatéia
5. Encontro na Montanha Sagrada
6. Jesus entre os Druidas
7. Mordon e a Índia
8. Retorno ao Lar
9. Os Sonhos de um Jovem Galileu

Sobre o Autor

Entrevista com Jan Val Ellam

Guia e Roteiro de Leitura dos Livros

Por que o IEEA?

Manifesto Projeto Orbum

Mais informações

SINOPSE

Há muito ainda por ser dito sobre Jesus!

Dos arquivos espirituais sobre a sua rápida passagem na Terra surgem episódios que se guardavam velados até então. São fatos da sua juventude, que vão desde a decisiva participação de José de Arimateia em sua vida e na dos demais filhos e filhas de Maria, até profundos e reveladores diálogos com seu irmão Tiago.

Viajando em uma das suas “caravanas comerciais”, Jesus se dirige ao norte mítico, então conhecido, e lá encontra o velho druida da montanha, guardador dos mistérios ancestrais ainda por serem resgatados para o conhecimento moderno.

Quem é Deus? Quem é aquele a quem boa parte da humanidade atual chama de “Senhor”?

As reflexões de Jesus sobre o “deus dos judeus” contidas nesta obra, distinguem com sabedoria e sensibilidade únicas, as diferenças entre Deus, o Incognoscível, e Javé, o criador deste universo.

O DRAMA DOS REIS GAULESES



TORDEN OBSERVAVA as tiras do pano desgastado preso à maneira de cortina que procurava impedir a intensa luz do sol daqueles dias. A sua frente, uma vasilha com frutas silvestres e outra menor com água formavam a rápida refeição do rei.

Naquela hora da manhã parecia que todos os habitantes da principal aldeia do seu reino haviam saído por algum motivo, deixando-o sozinho com suas recordações. Um movimento ao seu lado logo desfez a falsa impressão, já que, por entre as tiras de outro pano de cor branca com detalhes escuros que separava aquele aposento dos demais, começou a aparecer o rosto de uma mulher velha que se apresentava para saber se o rei desejava mais alguma coisa. Despedindo a serviçal com um levantar de mão, continuou a observar de forma descuidada os panos da janela que agora voavam mais acentuadamente.

“Que o vento me traga bons presságios”, pensou consigo mesmo.

Enquanto mastigava ruidosamente as frutas, recordava-se dos contos dos seus ancestrais que falavam da grandeza dos reinos espalhados pelas terras do continente e da ilha¹. Lembrou-se, contendo a emoção, do seu pai que costumava contar e interpretar a sua maneira — com todo o exagero que lhe era peculiar — as visões majestosas dos grandes druidas que eram, então, contadas pelos bardos, os quais levavam as notícias por entre as muitas aldeias através dos seus cantos.

“Ah! Foi-se a época dos grandes druidas” — lamentou em voz alta, enquanto esmurrava o tablado que lhe servia de mesa, que quase se desfez por força do impacto.

Torden não apreciava os druidas, por equívocos que já pudera perceber da parte de alguns deles. Diferente da cultura hindu, na qual um brâmane já nascia e morria como tal por uma simples questão de casta, na sociedade celta, na maioria das tribos, qualquer homem ou mulher

podia vir a ser um sacerdote ou sacerdotisa druida. Em alguns reinos apenas os meninos de origem real ou nobre podiam ser druidas.

Na época em que os celtas dominaram o panorama europeu não existia nenhum outro povo que honrasse a situação da mulher como eles. Eram sociedades tribais onde os direitos eram iguais para homens e mulheres. Existiam reis, rainhas, deuses, deusas, guerreiros e guerreiras. Apenas a título de comparação, na Grécia, por exemplo, a mulher estava situada em condição social abaixo dos escravos.

Os reis celtas eram preparados para ter muitos conhecimentos, agir de forma justa e ser verdadeiros líderes. Torden era um dos últimos remanescentes daquela linhagem real que tinha no comportamento a marca da estatura moral que deveria caracterizar os reis celtas. Ao tempo da sua vida, contudo, muitas das tribos celtas já haviam sido dominadas pelo avanço do Império Romano e a decadência dos costumes celtas já era acentuada.

“Governo às cegas, sem deuses a me ajudar, sem que ninguém, um só druida me ajude a entender o destino”, refletia algo pesaroso, mas sem perder o bom humor que herdara do pai.

— Se ainda assim, faço o que faço com os romanos... Ó grande deus Bran², porta-voz de todos os deuses, o que não faria com as legiões romanas com a tua ajuda?! — bradou em voz alta, com a intenção de ser escutado pelo deus da sua tribo.

Enquanto se decidia por agir sozinho ou esperar ajuda divina, Torden teve sua atenção voltada para o que supôs ser o longínquo tropel de um cavalo que se aproximava em velocidade.

Alguns momentos depois, adentrou o recinto onde o rei se encontrava o seu primeiro oficial, um homem com cabelos praticamente brancos e que era quase um gigante, segurando em uma das mãos sua espada ainda desembainhada.

— Grande Rei, uma legião romana aproxima-se pelo sul, mas terá de cruzar o rio, o que a impedirá de chegar às nossas terras antes que a lua renasça. Mas logo depois eles estarão por aqui — disse Dragenborg, batendo com a espada no próprio peito à guisa de saudação.

— Descanse, Dragenborg, meu amigo. Se for como você diz, temos ainda alguns dias. Tome desta água que está com ótima temperatura e sirva-se das frutas também. Nossa paz com os romanos está praticamente

rompida, faltando apenas uma iniciativa de um dos lados para uma nova guerra. Eles insistem em criar mais uma província ao Norte... Não creio, porém, que eles se atrevam. Talvez, caso venham realmente para cá, pretendam ainda negociar. Afinal, uma legião somente não me parece que seria a formação ideal de Roma para nos atacar, não acha? — questionou Torden, olhando fixamente para seu oficial.

— Não sei, meu rei, não confio nos romanos. Menos ainda agora que seu imperador parece estar morto³, sem que eles ainda tenham conseguido escolher outro. Não sei, mas precisamos nos preparar para tudo. Precisamos aumentar nossas frentes e para isso devemos convocar mais homens. Sem a ajuda dos druidas será difícil conseguirmos esse intento rapidamente — ponderou Dragenborg.

— Ah! Os druidas... Se os deuses me ouvissem... Quando não eram os romanos, eram os germanos⁴ a tentar dominar o que restava dos nossos reinos livres — disse Torden levantando-se, logo acompanhado pelo gigante que se uniu à guarda pessoal do rei, seguindo todos para a reunião marcada anteriormente com outros oficiais e chefes tribais.

Nos séculos anteriores, os celtas haviam se expandido desde a costa oceânica até o Mar Negro, chegando mesmo a fundar um reino ali estabelecido chamado Galácia, na Ásia Menor. Chegaram a saquear Roma, no ano 390 a.C. e atingiram o ápice do seu poderio por volta do ano 250 a.C. Contudo, ao tempo em que a Roma republicana de Julio César havia se transformado na Roma imperial de Otávio Augusto, por volta do ano 27 a.C., o povo celta — chamado de galli (gauleses) pelos romanos à época de Julio César — continuava organizado em unidades tribais, sem contar com uma unidade política central. Com isso, acabou sofrendo os efeitos da sua própria expansão territorial ao ser dominado pelos romanos, quando da criação das suas províncias nas regiões que hoje corresponderiam notadamente à Espanha e à França, ao tempo de Torden, sendo ele mesmo rei de uma tribo situada ao norte da Gália francesa.

Enquanto cavalgavam na direção do lugar onde ocorreria o encontro, Torden pensava sobre o fato de ser ele um dos poucos reis celtas livres da subjugação romana, pelo simples fato de sua tribo — e as demais com cujos líderes agora se encontraria — estar situada no extremo norte do continente, próximo ao oceano, e os romanos, até então, jamais terem conseguido dominar as tribos celtas do norte europeu e principalmente as que se localizavam na ilha da Grã-Bretanha. E o

rumor de que Roma, finalmente, concentraria suas forças para criar mais províncias ao norte, sempre se fazia presente nas conversas daqueles dias.

“Mas não seria somente com uma legião que os romanos se dirigiriam até os confins do continente para atacar os reinos do norte”, repensava Torden.

A sociedade celta daquele tempo era formada pelos nobres, de cujas famílias surgiam os grandes guerreiros e chefes daquele povo, pelos sacerdotes e sacerdotisas normalmente também oriundos de famílias importantes e dos artesãos e demais trabalhadores. A organização social celta não tinha o indivíduo como o centro de sua atenção, mas sim a família, cuja concepção envolvia pai, mãe, avós, filhos, tios, cunhados, todo o parentesco, incluindo os agregados. Não era patriarcal, nem matriarcal e tinha nos druidas a crença necessária para respeitá-los como orientadores e educadores dos jovens, bem como de todos os demais celtas de uma forma geral. Na verdade, era um povo com características singulares na forma como organizava sua sociedade.

Na reunião estavam presentes todos os chefes e oficiais que formavam a elite celta daquele tempo. A questão da expansão do poderio romano era a tônica da preocupação de todos, sendo exatamente esse tema a dominar aquele encontro.

Ódio profundo aos romanos e aos germanos foi o lema geral, cercado de sortilégios de todos os tipos endereçados às legiões romanas, seguidos de juramentos de vingança por conta das traições promovidas por generais do império romano em relação aos acordos do passado, além do costumeiro barulho que os reis e chefes celtas sempre impingiam aos seus encontros. “Planejamento e estratégias, porém, não estavam à vista”, pensava Torden, enquanto, em silêncio, trocava olhares de cumplicidade com Dragenborg. “Que será do futuro do nosso povo se os deuses não interferirem?”, afligia-se Torden, ao mesmo tempo em que sorvia de um só gole o resto da bebida servida em sua taça já bastante desgastada.

— Nossas intenções não podem ser movidas apenas pelo desejo de liquidar os romanos, são muitas as vidas que dependem das nossas decisões. Precisamos criar estratégias corretas, sem subestimar o poderio romano e nos unindo além das pequenas questões que às vezes nos dividem. Não precisamos decidir nada agora, em termos de ataque, mas precisamos sair daqui com um acordo, bem pensado, no que se refere a

nossa defesa, caso venhamos a ser atacados. De nossa parte, atacar os romanos, sem saber das suas intenções, nem pensar. É loucura cuja inconseqüência pode pôr um fim ao nosso povo — trovejou a voz de Torden.

— Loucura é esperarmos o inimigo ocupar as terras ao nosso redor e nos impedir o comércio, submetendo-nos a impostos inaceitáveis. Meu povo prefere morrer a ter de se submeter a esses cães vermelhos que pensam ser os donos do mundo — bramiu, por sua vez, a voz de outro rei celta cujo nome era Athordernic, ao mesmo tempo em que desembainhava a pesada espada juntando os pulsos sobre a cabeça, gritando:

— Guerra aos cães romanos!

Criou-se um grande alvoroço no ambiente em que o barulho das espadas sendo desembainhadas se misturava ao da gritaria de apoio, como também de contestação ao clamor de Athordernic. Quem assistisse à cena seguramente imaginaria tratar-se de inimigos prestes a se matar mutuamente quando, na verdade, aquela era a tônica normal das discussões do conclave dos reis celtas já que, no período histórico em questão, entre aqueles mandatários não existia a supremacia de nenhum deles sobre os outros.

— Talvez seja isso que nos falte, ó Athordernic, exatamente um poder central decisório como existe entre os romanos. Eles têm Roma, como capital, e alguém em nome das elites que decide, assessorado pelos senadores e pelos generais. Há um poder central. Nós temos o quê? — questionou Torden.

— Não vamos retomar a eterna discussão sobre o modo como vivemos, ó Torden. Nossos antepassados sempre viveram dessa forma e os deuses que nos protegem jamais nos orientaram a construir um poder central. Não o faremos agora, até porque não precisamos disso. O que precisamos mesmo é fazer valer nossa força e união frente aos romanos. Isso sim! – bradou novamente Athordernic.

Após a descompressão das tensões reinantes no ambiente, quando Torden e Athordernic iriam continuar a defesa de suas idéias, pois foram, dentre os presentes, os que se posicionaram de modo mais objetivo em relação ao problema com os romanos, a grande porta do recinto foi aberta com o aviso da chegada de uma delegação de cinco druidas, tendo à frente a sacerdotisa Brendiver. Esta era uma mulher de idade madura,

de uma beleza singular e que raramente era vista, pois vivia em santuários localizados no mais recôndito das florestas. Fazia-se acompanhar de outra jovem sacerdotisa e de mais três sacerdotes druidas, sendo um deles de aparência jovem e os outros dois homens maduros. Todos estavam vestidos de branco.

— Salve, ó reis celtas! Que os deuses lhes dêem a força e a sabedoria para bem conduzir os destinos do nosso povo — disse Brendiver, ao mesmo tempo em que se inclinava em saudação aos presentes.

— Aqui estaremos por pouco tempo. Vimos a pedido do velho druida da montanha, que roga a atenção dos reis para que nada façam até que todos concordem com a decisão tomada. Se alguma idéia for abraçada por todos, que assim seja conforme os desígnios da nossa trindade. Caso não, se um só dos reinos for à guerra por imposição da maioria, sem que concorde com o fato, “prudência!”, pede-lhes o velho druida da montanha, já que não tardará a força das trevas a se imiscuir no comando dos nossos exércitos e o inimigo obterá facilmente seu ganho, pois a vitória virá para os romanos porque os celtas já foram derrotados para o confronto. Parece existir muito mais envolvendo esta questão, afirma aquele que vive na montanha sagrada. Segundo ele, as velhas forças das trevas que imperam neste mundo parecem estar finalmente sendo confrontadas por um tipo de força indefinível nunca observada pela nossa ciência divinatória. Assim o afirma aquele que vê mais que o horizonte dos reis, ao ter percebido que os deuses do nosso povo não mais podem agir livremente, pois agora parecem surpreendidos por algo que está acontecendo, mas nem eles podem compreender. Enquanto assim for, ó reis, somente ajam se forem todos envolvidos, perfeitamente envolvidos e alinhados em torno de um objetivo comum e da estratégia de consecução. Caso contrário, clama o velho druida da montanha, acautelem-se porque não tarda a desdita para todos — pontificou a sacerdotisa, como se estivesse em uma espécie de transe.

Após alguns momentos em que o silêncio somente era interrompido pela respiração apressada de alguns dos presentes, Athordernic questionou:

— Diz-nos, ó venerável, caso não cheguemos a um acordo que seja do agrado de todos, o que devemos fazer?

— Se assim for, procurem o velho druida da montanha. Ele lhes dirá pelo menos o que não deve, por enquanto, ser feito — respondeu

Brendiver com um fio de voz, após o que tornou a inclinar-se para os presentes, enquanto a delegação de druidas deixava a sala de reuniões dos reis.

1 Torden se referia às diversas tribos celtas espalhadas pela Europa e na Grã-Bretanha.

2 Os celtas adoravam muitos deuses e deusas. Cada tribo tinha seus próprios deuses, apesar de existirem certos tipos básicos.

3 A história se passou à época da morte do imperador Otávio Augusto, antes da ascensão de Tibério, no ano 14 d.C. Os fatos aqui narrados ocorreram no intervalo entre os anos 14 e 15 d.C.

4 Os germanos eram povos dispersos que falavam línguas indo-européias e conviveram com o Império Romano e os povos celtas. Ao se espalhar por toda a Europa durante a Antiguidade tardia e a Baixa Idade Média, contribuíram para que as línguas germânicas se tornassem dominantes ao longo das fronteiras romanas nos territórios hoje correspondentes a Áustria, Alemanha, Países Baixos e Inglaterra. Quanto à ocupação das províncias romanas ocidentais, os imigrantes germânicos ali fixados terminaram por adotar os dialetos latinos. Mais tarde, todos os povos germânicos, a seu tempo, se converteriam ao Cristianismo.

NOS DIAS DA GALILÉIA



MMARIA SURPREENDEU-SE com o barulho das crianças que chegavam em disparada para avisar da chegada de José de Arimatéia. Ficou feliz em saber da visita daquele a quem ela e José, seu falecido marido, tanto haviam se afeiçoado. Seus filhos menores, estes sim, o adoravam, principalmente pelos doces, iguarias e presentes que ele sempre trazia de suas viagens às terras distantes, já que era um grande comerciante, dono de muitas caravanas, dentre outras posses. Sua maior riqueza, porém, pensava Maria, eram sua simplicidade e seu sentido profundo, mesmo grave, de observar as coisas e as pessoas.

Jesus e Tiago, seus filhos mais velhos, não se encontravam naquele momento na modesta residência da família, pois tinham saído para fazer uma entrega do trabalho de ambos no ofício da carpintaria, herdado de pai.

— Maria, salve ó querida irmã! Que as bênçãos do Alto se façam sempre presentes nesta casa.

— José, nosso irmão José, que alegria recebê-lo! Há tempos não nos visitava... Seus criados, por que não entram? — perguntou Maria.

— Já estão brincando com as crianças, distribuindo algumas coisinhas que lhes trouxe. Jesus não se encontra?

— Foi com Tiago e mais dois vizinhos próximos entregar uma encomenda, mas logo devem voltar, pois saíram logo cedo.

— Sonhei com José, outro dia — disse José de Arimatéia.

— Oh! Sinto tanto a falta dele... Seis anos e ainda não me acostumei a viver sem sua presença — ponderou Maria, cujas feições de mulher ainda jovem apresentavam uma beleza singela, já que tudo nela parecia estar de acordo com um plano da natureza arquitetado com os melhores padrões da harmonia.

— Ah, Maria! Estou com 51 anos e cada vez mais sinto a falta da minha querida companheira, que se foi antes mesmo do nascimento do teu primeiro filho, Jesus. Até hoje, em quase tudo que faço, nos meus estudos e nas minhas atividades, sua lembrança está sempre povoando meus momentos... Imagino como você deve se sentir... Mas creio que essas coisas devem ter uma razão que melhor para nós deve ser mesmo de nada saber, único modo que temos de levar a vida adiante. Você tem seus filhos, eu sequer os tive... paciência. Permita-me propor-lhe uma idéia da qual certa vez falei com seu marido sobre Jesus — disse José de Arimatéia, enquanto observava a reação de Maria.

— Ele falou-me, ó querido amigo, José chegou a falar comigo da sua intenção de propiciar educação mais adequada e abrangente para nossos filhos, a começar por Jesus, o que muito lhe agradeço. Mas com a morte de José, eles... Os dois mais velhos estão tendo de assumir os trabalhos para a manutenção da família. Mesmo com a ajuda que temos recebido de Cleofas não há como prescindir deles. Pelo menos até Judas e as irmãs poderem um dia ajudar. Mas são tão crianças ainda... Acho que ainda não é tempo de aceitar sua ajuda tão generosa — disse Maria.

Ao saberem da presença de José de Arimatéia na casa de Maria, alguns vizinhos e familiares para ali acorreram com o intuito de rever aquele que era muito querido por todos, mas que por ali aparecia apenas episodicamente. A casa de Maria encheu-se de pessoas, o que não mais lhes permitiu levar a conversa adiante. Tempos depois, Jesus, Tiago e mais dois rapazes retornaram, enchendo-se de alegria por encontrar José de Arimatéia.

Já estava quase finda a tarde quando Maria e seus filhos ficaram a sós com o amigo da família, o qual novamente expressou seu desejo de disponibilizar, ao menos para Jesus, a oportunidade de seguir com uma de suas caravanas que estava se preparando para partir rumo às terras dos gauleses, levando as mercadorias negociadas quando da última viagem de José de Arimatéia. Mais tarde seria a vez de Tiago e assim, segundo José, eles poderiam ir se revezando para aprender como viviam os povos distantes, trazendo dali novas idéias para a oficina da família.

— Não vejo problema. Não há nada que Jesus faça no trabalho que eu já não saiba fazer, não é mesmo, irmão? — questionou Tiago, que tinha por volta de 19 anos, sorrindo orgulhoso na direção de Jesus.

— Isso é verdade, e devo dizer, ó mãe, que Tiago é bem mais jeitoso na arte dos detalhes e na montagem, eu diria até que na firmeza

das peças. Sob esse aspecto não faço mesmo falta alguma — ponderou Jesus que, por aqueles dias, estava com 21 anos incompletos.

— Ainda mais, continuou Tiago, temos a ajuda de tantos quantos precisemos, aqui mesmo dos nossos vizinhos, que necessitam sempre trabalhar quando surge oportunidade. Portanto, mãe...

— Não sei... Nunca nos separamos, a não ser nas rápidas viagens em que teu tio Cleofas se faz acompanhar de um de vocês dois. Não sei se é o momento — disse Maria de modo hesitante e visivelmente inquieta.

Jesus olhava para a mãe em atitude de expectativa, sem deixar de esboçar um leve sorriso de compreensão.

José de Arimatéia já se preparava para retirar sua proposta do centro da discussão familiar, receoso de criar algum problema, quando a voz de Judas, que tinha 13 anos, se fez escutar.

— Mãe, se Jesus não for agora, quando chegará nossa vez? Quando eu for velho espero já ter feito muitas viagens. Mas, se Jesus não for, acho que nem mesmo velho terei conseguido sair daqui — ponderou o menino com a dose de ironia que lhe era própria ao temperamento.

— Judas! — exclamou Tiago em tom de clara repreensão, enquanto Maria e Jesus se olhavam, contendo o sorriso, o que não mais lhes foi possível, ao perceberem que José de Arimatéia também estava, a muito custo, aparentando a seriedade que lhe era possível diante do comentário algo impertinente do homem mais novo da casa, já que era assim que Judas se declarava quando de seus comentários espirituosos.

Todos sorriram praticamente ao mesmo tempo, enquanto José de Arimatéia procurava tranquilizar Tiago porque sabia como ele se preocupava com as questões formais da educação peculiar daqueles dias.

O fato é que a intervenção de Judas, que muito se assemelhava em feições a seu irmão Jesus, foi crucial para a descompressão em torno do assunto e, para alegria de todos, à exceção de Maria, José de Arimatéia, ao se despedir, já tinha inclusive acertado com Jesus a data provável da saída da sua próxima caravana de negócios rumo às terras distantes dos gauleses do norte.

No outro dia, logo pela manhã, Jesus e Tiago começaram a trocar impressões sobre a viagem enquanto trabalhavam.

— Nossa mãe quase não te deixava ir. É seu dever trazer um bom presente para Judas, porque sem ele... não sei. Acho que ainda não seria desta vez — disse Tiago.

Jesus sorriu diante do comentário do irmão, mas nada disse.

Os dois irmãos continuaram a realizar suas tarefas de modo algo autômato, já que suas mentes pareciam estar situadas em reflexões distintas, bem distantes do trabalho. Decorridos alguns momentos, Tiago olhou de soslaio para o irmão e o indagou:

— Será essa aquela tal “hora” sobre a qual me falaste certa vez? — perguntou Tiago.

Jesus pareceu se surpreender com a indagação.

— Não, meu irmão, não é essa ainda a hora sobre a qual lhe falei. Aquela só virá quando todos em casa forem adultos, pois acho que terei de sair e não mais retornar ou retornar poucas vezes... Não sei bem meu irmão, mas ainda irá demorar bastante o dia em que sairei de casa para cumprir o que, imagino, seja a vontade do Deus de todos nós. Essa viagem talvez me ajude a olhar de longe o que está acontecendo na nossa terra — respondeu Jesus.

— José de Arimatéia costuma se relacionar muito bem com os romanos... e sei que de forma respeitosa, porque ele é um homem de bem e que honra nosso povo. Mas até quando iremos suportar essa humilhação de sermos tratados como animais por esses idólatras? Ocupam nossas terras e nos obrigam a pagar impostos e à obediência a qualquer custo. Parecem os donos do mundo. Ah! Se o Deus de Israel me escutasse... Ao mesmo tempo em que sei não existir, dentre os amigos dos nossos pais, ninguém melhor do que José de Arimatéia para ajudar nossa mãe quanto à nossa educação, o fato de ele ser amigo dos romanos me causa muito desconforto. Não ocorre assim também com você, meu irmão? — tornou a questionar Tiago.

— Meu irmão, acho que o Deus de Israel deve ter se cansado de tantas idas e vindas do nosso povo...

— Jesus, não diga isso. Parece que você não leva a sério nosso Deus... Você não teme ser castigado? — novamente perguntou Tiago.

— O Deus que conheço a ninguém castiga e muito menos o faria a mim. Mas, voltando aos romanos, meu irmão, fico feliz por Deus não atender aos seus pedidos porque desconfio que, se fôssemos nós os

“donos do mundo”, dominando as outras nações, a situação seria ainda muito pior, já que iríamos impor tudo, todas as nossas regras de conduta e seríamos provavelmente ainda mais duros com a questão dos impostos.

— Jesus, não fale assim — admoestou-o Tiago, preocupado com as palavras do irmão a quem venerava.

— Não se preocupe meu irmão, com você não tenho reservas. É isso mesmo que penso. Contudo, não pense você que gosto de ver o povo no seio do qual nascemos ser dominado pelos romanos. Mas neste mundo, ó meu irmão, enquanto não nos virmos todos como irmãos e irmãs, filhos do mesmo Deus-Pai, o mais forte sempre prevalecerá sobre o mais fraco, seja entre os membros de um mesmo povo, seja a questão das dominações entre as nações. Enquanto esse estado de espírito imperar na Terra sempre haverá dominadores e dominados. Deus não resolverá isso... Se o homem não vir no seu próximo a extensão da sua família, Deus nada poderá fazer, pelo menos assim penso. Ora, Tiago, ponha-se no lugar de Deus...

— Jesus, não fale assim...

— Ora, Tiago, não há problema. Simplesmente faça isso e você perceberá que Deus teria de transformar o homem naquilo que ele ainda não é, para poder resolver a lastimável situação de sofrimento que vemos e as de que temos notícias de povos distantes. Sempre os poderosos dominando os mais fracos. Deus não faria nada assim, até porque ele nos ama independente de tudo mais. Além do que, qual o sentido da vida se ele nos transformasse em seres evoluídos, se não somos verdadeiramente homens e mulheres evoluídos?

— Mas e o nosso Messias e você... Seu nascimento... Judas e as meninas não sabem, mas eu sei sobre o seu nascimento... — balbuciou Tiago, receoso de que alguém o pudesse escutar.

— Meu nascimento foi imposto pelos fatos, por circunstâncias que não podem ser compreendidas na Terra. Apesar de ser em tudo igual a você, meu irmão, e a todos os que vivem aqui, não sou como vocês, porque em mim habita o poder do céu.

— Disso sei, meu irmão, eu e mamãe sabemos. Acho que alguns outros também sabem que você tem poderes que a ninguém mais são dados.

— Não é bem a isso que me refiro, Tiago — disse Jesus, olhando carinhosamente para o irmão.

— Sabemos que você é...

— Não, Tiago... Acho que, da forma como você e mamãe esperam, não sou aquele que se espera ou, se sou, algo estranho reside na expectativa em torno daquele que é aguardado. Mas deixemos esse assunto, até porque não creio que surja alguém da Galiléia que venha a ser aceito pelos da Judéia como sendo o Messias — disse Jesus algo irônico.

— Nisso você deve ter razão — concordou Tiago — além do que, se viajando você poderá olhar de longe o que acontece aqui, poderá ver também o que está acontecendo em terras distantes. Lembra-se de que me disse uma vez que seu trabalho era para os daqui, como também para aqueles a quem desconhecíamos? Você estava se referindo a esses que agora irá encontrar?

— Sim, meu irmão, esses e muitos outros, porque nosso Deus vela por todos os que estão na Terra — respondeu Jesus.

— Nosso Deus é forte e poderoso, louvado seja o Deus de Israel, o Deus de Abraão nosso pai — disse Tiago.

— “Nosso Deus” a quem me refiro agora, ó Tiago, não é o Deus de Israel, apesar de que este também vela por todos... a seu modo. Mas existe...

— Meu irmão, não é possível. Nosso Deus está nas escrituras, fez um pacto com nosso povo... — ponderou Tiago, apreensivo.

— Que seja, meu irmão, mas há um Deus a quem conheço e que é Pai de todos, não sendo, portanto, somente pai dos filhos de Israel. Este, o do nosso povo, é um outro a quem também venero e amo, mas... existe um, que é Pai e Mãe de todos os pais e mães dos muitos povos... E que está acima de todos os que na Terra são chamados de deuses. Você entende o que quero dizer?

— Não sei... — tentou dizer Tiago, sendo interrompido pela entrada abrupta de Judas, seguido de diversas crianças ofegantes, todas elas pretendendo tomar à força algo que ele prazerosamente escondia por entre as mãos.

Jesus e Tiago tentaram a todo custo resolver, com a justiça que lhes era possível, a pendenga que se arrastava com algazarra, ante seus olhos

atônitos.

O DRUIDA DA MONTANHA



ALGUNS DIAS depois da assembléia dos reis celtas, cumprindo o que ali fora acordado, duas delegações se dirigiam ao lugar marcado para dali seguir viagem. Na ausência de qualquer definição útil produzida pelo encontro, o Conselho dos Reis concordou em que seus membros fossem ter com o velho druida da montanha. Para tanto, Torden e Athordernic, acompanhados das suas respectivas guardas pessoais e de mais alguns membros do Conselho, empreenderam viagem para procurar Brendiver na morada dos druidas.

Estavam mais tranquilos, pois haviam sido informados pelos seus mensageiros-espiões que a legião romana não atravessara o Reno, conforme suposto a princípio, e estava agora margeando o rio no rumo norte, provavelmente em missão de paz, mapeando os reinos ainda independentes que existiam naquela região, pensava Torden.

Para tristeza de Torden e de Athordernic, foram informados de que Brendiver se encontrava na morada de Dolman, uma das poucas sacerdotisas daquele tempo que afirmava ter poderes divinatórios, o que não a tornava bem-vista por muitos dos druidas, como também pela maioria dos reis. Brendiver, porém, a respeitava porque, conforme comentário geral que existia entre muitas das tribos celtas, Brendiver havia presenciado Dolman usar seus poderes em algumas ocasiões, em especial na invocação do seu deus celta particular, para reverter casos em que a derrota dos reinos do norte era iminente frente à força dos germanos. Duvidava-se, porém, que ela tivesse a mesma força diante dos deuses romanos, agora que estava em idade indefinível, mas que se sabia ser bastante avançada.

O que não era do conhecimento sequer dos bardos¹ era que Brendiver havia sido criada, desde menina, por Dolman, e que entre as duas existia uma relação de imenso carinho e respeito.

Enquanto a delegação dos reis celtas se dirigia à morada de Dolman, Brendiver já lá se encontrava, ainda acompanhada das mesmas pessoas com as quais adentrara o recinto no qual ocorria o conclave dos reis do norte.

Sentados, agora, em torno de uma fogueira recém-acesa, estavam Dolman, Brendiver e a outra jovem sacerdotisa, além dos três sacerdotes druidas.

— Os romanos não atacam, pelo menos por agora, enquanto lutam para escolher outro imperador. Seus próprios deuses estão mais preocupados com isso do que com o avanço para o norte — disse um dos druidas que aparentava ser o mais velho dentre os homens ali presentes.

— Se os bardos estiverem certos nas notícias que trazem do sul, realmente Roma tem mais com que se preocupar. Temo apenas que algum dentre os nossos reis pense que, por força do vazio da sucessão, seja o momento de entrar em guerra com os romanos na tentativa de libertar alguns reinos dos pesados impostos que nos são cobrados. Daí a importância de Brendiver ter levado o sábio recado do velho druida ao Conselho dos Reis do norte — ponderou Dolman.

— Ainda vivemos, porém, o iminente perigo de os germanos também acharem ser esse o momento para se expandir, o que envolverá todas essas forças em mais guerras e será lamentável — disse Brendiver.

— Já se aproxima o verão e se tudo correr bem, como espero, em breve teremos notícias sobre os romanos, vindas de outras fontes que não a dos bardos, pois um amigo de longa data, que detém a cidadania romana, apesar de pertencer a um dos povos dominados pelo império, deverá nos visitar de passagem com sua caravana que se dirige à ilha². A cada três anos José costuma fazer isso, desde que acordou com o Venerável druida há mais ou menos duas décadas um possível cronograma dessas visitas comerciais, que vêm se mantendo quase sempre dentro dos prazos programados. Às vezes ele não vem, mas sempre no verão dos anos aprazados, pelo menos caravaneiros que trabalham para ele aqui chegam trazendo as novidades do Oriente e lá das plagas romanas. Nosso José tem prestígio junto à hierarquia de Roma, pois até mesmo escolta de legionários já vi chegar por aqui protegendo suas caravanas — tornou a ponderar Dolman.

— De que povo ele é? — perguntou um dos druidas.

— Não saberia dizer com certeza... acho que é um pequeno povo que conseguiu sobreviver a sua estranha história, chamado de judeu. O Venerável seguramente o sabe, pois para lá viajou ao tempo da sua juventude, permanecendo por algum tempo naquelas terras. Nas vezes em que José aqui esteve, sempre eles se demoravam nas conversas. Pude mesmo presenciar em uma oportunidade que, para não atrasar a viagem, José liberou a caravana para que a mesma seguisse em direção à ilha, enquanto ele aqui ficou conversando com o Venerável. Este, certa vez me confidenciou que entre ele e José havia surgido uma profunda amizade, que não encontrava explicação nas coisas dessa vida, mas somente se observada à luz dos mistérios — explicou Dolman.

— Sobre o que eles costumavam conversar? — questionou Brendiver.

— Não sei ao certo, minha querida. Uma vez ouvi do meu Venerável Mestre que José era um homem muito culto e iniciado nos grandes mistérios das religiões do Oriente. O Venerável disse-me que José era, aos seus olhos, o mais vigilante dos homens, pois parecia sempre estar à procura de alguma coisa, tantas eram suas perguntas e profundos eram seus questionamentos. Quando convidado a dissertar sobre os mistérios da vida, dos deuses e da morte, o fazia com rara habilidade e conhecimento, afirmava nosso Venerável — disse Dolman.

— Ele fala a nossa língua? — tornou a perguntar Brendiver.

— Não, o Venerável é que fala a língua dos romanos e a do povo de José, apesar de que José entende algo e consegue pronunciar um ou outro resmungo no nosso idioma. José consegue se expressar na língua dos romanos e dos gregos. Além disso, alguns dos tradutores que traz consigo também falam e entre eles sempre há os que falam nossa língua. José parece ser muito precavido e sempre se faz acompanhar dos tradutores necessários as suas incursões comerciais pelo mundo afora. Pelo que entendi, ele organiza caravanas cujas rotas se dirigem para muitos locais onde o comércio entre os povos se faz presente. Deve ser uma vida muito rica e interessante a dele, ainda mais que ele acrescenta a tudo isso sua busca intelectual em torno dos mistérios — disse Dolman.

As duas mulheres conversaram ainda durante um longo tempo antes que fossem interrompidas pela chegada da delegação dos reis que se dirigiam ao druida da montanha.

— Salve, ó druidas. Nossos deuses parecem ter cansado de nos dar orientações claras sobre o destino do nosso povo — disse Athordernic à guisa de saudação, provocando risadas discretas na face de alguns e em outros preocupação, pois todos sabiam do temperamento da velha Dolman.

— Seguramente, ó rei, nossos deuses parecem ter cansado de orientar o destino do meu povo por não existirem reis à altura de bem compreender os desígnios do Alto. Não é por menos que a desagregação que impera entre nós tem-nos levado a um constante processo de enfraquecimento. Aliás, penso que os deuses cansaram de assistir às reuniões do Conselho, que mais parecem uma confusa explosão de emoções descontroladas e inimigas da razão. Onde não há sensatez e sobra emocionalismo, como poderão os deuses aconselhar? Qualquer corvo sabe que dispersando pessoas ocupa-se o espaço, mas perde-se força concentrada e quanto mais tribos e reis surgem, menos força temos e nem os deuses nos podem salvar, daí o cansaço dos deuses, ó rei. Já percebeste, ó rei, os acordos construídos no Conselho apenas vos impedem de se matar ali mesmo, mas nada constroem e por isso nosso povo sempre sai enfraquecido. O que os deuses podem fazer diante de reis que não se enxergam como irmãos de raça? Quanto a mim, espero pelos meus dias tranquilos no paraíso dos meus ancestrais. E quanto a ti, ó rei, além da pretensão de morrer com honra em plena batalha, que mais esperas do futuro, se nem os reis conseguem chegar a um acordo produtivo? — respondeu Dolman no seu tom crítico conhecido e temido por todos.

— Perguntei-te pouco e respondeste-me muito, ó Dolman, mas nada me disseste que já não soubéssemos...

— Provocas-me, ó Athordernic, mas devias mesmo provocar em ti mais sensatez e controlar teus impulsos.

— Chega Dolman, apenas quis te provocar para saber das últimas dos deuses, mas realmente, com teu gênio, eles devem querer boa distância de ti, pois és das mais desagradáveis companhias que se pode ter...

E continuaram os dois a se provocar mutuamente, aspecto comum àquelas duas personalidades sempre que se encontravam, o que já era conhecido por alguns dos presentes.

— Esses dois passarão o tempo das suas vidas discutindo tolices, não tem jeito. Desde que os conheço é assim — observou Torden para os que lhe estavam mais próximos, ao mesmo tempo em que se voltava para Brendiver e perguntava:

— Ó Brendiver, notícias do velho druida? Poderemos seguir para sua morada amanhã?

— Sim, ó rei. Um dos nossos para lá se dirigiu avisando-o da ida dos membros do Conselho — respondeu Brendiver.

— Que o velho druida possa nos aconselhar com sua visão profunda. Estamos vivendo dias difíceis sem saber que caminho devemos seguir — disse Torden com ar cansado, convidando todos a sentar em torno da fogueira reavivada.

— De fato, ó rei, muitos parecem ser os caminhos. Contudo, certa feita escutei do meu mestre Mordon, após ele ter retornado de sua última grande peregrinação às terras do Oriente, que somente podem existir dois caminhos possíveis na vida de cada pessoa: o do conhecimento ou o da ignorância. O primeiro leva ao paraíso dos justos e dos esclarecidos, o último é o que provoca a ilusão ao longo da vida neste mundo, em especial quanto ao que cada ser pensa que é. Essa ilusão, causada pelo modo de pensar que construímos na Terra, nos leva a prestar atenção somente às coisas do dia-a-dia importantes para o corpo e suas necessidades. Porém, existe mais, muito mais e somente os que buscam o conhecimento e disso sabem fogem à ignorância. Assim digo porque as estradas que levam à guerra jamais poderão pertencer ao caminho do conhecimento, o qual sempre promove o progresso individual e o dos povos. Prudência, pois, ó reis aqui presentes que me escutam com generosa paciência. Evitai o confronto, sempre, e se inevitável ele se tornar, que seja solene e madura a atitude da cada um de vós, pois grave é todo momento quando se mata alguém por questões filhas da ignorância e da ilusão — assim expressou-se um dos druidas que acompanhara Brendiver à morada de Dolman, surpreendendo a todos, pois aquele homem de expressão taciturna e distante jamais falava em público.

Brendiver apenas sorriu, trocando um olhar de cumplicidade com Dolman.

— Quer dizer que somente os druidas estão no caminho do conhecimento e nós, os reis, no da ilusão. É isso que estás a dizer, ó

druida? — questionou Athordernic, olhando fixamente para o grupo de druidas que estava sentado a sua frente.

— Não, ó rei, de fato os que se dedicam às coisas do mundo dificilmente fogem ao caminho da ilusão. Nós, os druidas, que nos dedicamos a outras questões da vida, deveríamos estar caminhando sob a luz do conhecimento, mas, infelizmente, não o logramos fazer por força das fraquezas da nossa condição humana, isso o sabemos, ó rei. Sabemos também da necessidade de reis e chefes no mundo, e estimamos que nossos reis honrem a confiança do seu povo e observem o momento difícil que nos envolve. Apenas pedimos prudência porque não será a nossa decisão que trará a guerra ao nosso povo, mas a vossa, ó reis — esclareceu o druida.

— Sábia resposta, ó druida. Que o velho Mordon possa nos aconselhar, então, o que fazer — apontou Torden.

Assim eram os costumes das tribos celtas ao tempo em que os fatos aqui descritos ocorreram, que permitiam livremente a troca sincera de impressões, e nem sempre fraternal, entre seus concidadãos, independente da posição que pudessem ocupar.

Continuaram conversando até que foram se recolhendo em torno da morada de Dolman, onde passaram a noite para seguir na direção do velho druida na manhã seguinte.

1 Bardo, na história antiga da Europa, era alguém que se encarregava de transmitir as histórias, as lendas e poemas de forma oral, cantando a história de seus povos em poemas recitados.

2 Ilha da Grã-Bretanha.

NA CARAVANA COM JOSÉ DE ARIMATÉIA



JOSÉ DE ARIMATÉIA levava homens e mulheres nas suas caravanas, com vistas aos vários afazeres, dependendo de para onde fossem dirigidas. Uma das suas principais preocupações era com a presença de diversos tradutores confiáveis quando o contato comercial fosse realizado com povos distantes.

Em outras viagens já se vira privado da ajuda da tradução, quando um dos que contratara para tal fim havia morrido em plena viagem, o que o obrigara a ser mais e mais prudente. Decidira então financiar a educação de vários jovens de famílias amigas em terras distantes para que estes viessem a se tornar seus futuros tradutores. O fato é que suas atitudes sempre angariavam mais admiração e afeto da parte de todos que com ele mantinham algum tipo de contato. Ele era um homem que parecia estar à frente do seu tempo e esse aspecto era facilmente percebido pelos que o rodeavam.

Seu interesse em Jesus, porém, estava mais além do que o normalmente dispensado a qualquer ser humano que ele avaliasse como sendo alguém que se permitisse ser seu parceiro em algum tipo de relação, fosse de trabalho, comercial ou de amizade.

Soubera, pelos inevitáveis comentários da época que haviam cercado o nascimento pouco comum de Jesus, acerca dos fatos singulares ocorridos na intimidade da sua família sempre descortinada pela bisbilhotice alheia. Mais que isso, nascera entre ele e os pais de Jesus uma fraternal amizade, que permitiu ainda mais ter acesso ao conhecimento dos “estranhos poderes” que o então menino Jesus demonstrara possuir.

E ali estava, agora, observando o rapaz que, sentado no outro lado da improvisada fogueira, observava o horizonte distante enquanto esperava com os demais que os alimentos fossem distribuídos. Pouco haviam conversado antes e menos ainda ao longo da viagem, o que José

achava perfeitamente normal, fosse pelo seu modo naturalmente reservado ou mesmo pelo de Jesus que, ao longo dos anos em que freqüentara a casa de José e de Maria, mais o observava do que falava, tratando apenas de ser sempre cortês e afável com o visitante que, de tempos em tempos procurava seu pai para tratar de negócios ou simplesmente a título de visita. E ali continuava o agora jovem Jesus na manutenção da mesma postura que sempre o caracterizara aos olhos de José de Arimatéia.

Haviam viajado de navio desde as terras do Oriente até uma cidade portuária localizada quase no limite do sul da Macedônia com a costa leste da Grécia, de onde seguiram em caravana, a partir de um entreposto comercial que José de Arimatéia ali mantinha em sociedade com um romano sediado naquela região.

Viajavam agora já havia quatro dias pelas belas estradas que atravessavam os bosques daquela região, e todas as palavras que haviam trocado se referiam aos temas comuns ao desenvolvimento da viagem e das ocorrências mais significativas que aqui e ali tinham lugar.

Naquela noite, antes de se recolher às mantas onde se protegiam do frio noturno, José observou que Jesus olhava para um ponto fixo no céu singularmente estrelado, situado um pouco acima do horizonte. Ajudado pela luz já fugaz da teimosa fogueira que lutava contra a escuridão e o frio da noite, José tentou acompanhar o olhar de Jesus, no que foi percebido por ele.

Jesus sorriu enquanto apontava para um dos astros brilhantes que embelezavam a noite.

— Sempre me encanta ver a luz das estrelas e vistas desta região parecem ainda mais brilhantes do que quando observadas lá da nossa terra, não achas? — perguntou a José, que agora passeava a vista pelos diversos quadrantes do céu.

— Realmente... o que vemos à noite representa o maior dos mistérios, muito mais do que a própria vida que observamos tão de perto em nosso mundo. Como eu gostaria de compreender todo esse mistério em torno de nós... Contudo, se meus olhos, a esta altura dos anos, já não conseguem enxergar com precisão o que me está perto, imagine ver essas belezas no firmamento — sentenciou José com os olhos fixos no ponto mais alto do céu.

Jesus permaneceu em silêncio, com expressão divertida, limitando-se a continuar observando a mesma luz, que antes havia chamado sua atenção.

— Tempo virá em que os mistérios do que está no céu e na Terra deverão ser desvendados para nós... para os que vivem na Terra, pelo menos assim penso. Antes, porém, é necessário que aprendamos a valorizar a vida pelo que ela nos parece ser para que, mais tarde, no futuro, a própria vida se manifeste como de fato é, em toda sua plenitude, para além das fronteiras deste mundo. Talvez, então, vejamos que o misterioso reside na forma como encaramos e percebemos a vida e a realidade ao nosso redor e não na essência que nela existe — ponderou Jesus com os olhos ainda fixos na mesma luz.

— Palavras sábias, muito, muito elevadas em sabedoria para um rapaz da tua idade. Como aprendeste a estruturar tal entendimento? Isso pergunto se me for por ti permitido assim te inquirir, meu caro jovem.

Jesus, como se flagrado em atitude de reflexão indevidamente expressada, simplesmente sorriu, enquanto voltava o olhar na direção de José que, respeitoso, parecia algo inseguro diante do que viria a ser a próxima reação de Jesus.

— É compreensível que estejas te perguntando se, realmente, para dizer o que eu disse, conheço a vida como ela se manifesta para além do que podemos enxergar daqui — ponderou Jesus.

— Se alguém neste mundo conhece, deves ser tu esse alguém — tornou a sentenciar José de Arimatéia num fio de voz.

Jesus voltou a observar a mesma luz que parecia agora fulgurar em múltiplas cores.

— Não me entristecerei se não acreditares no que te direi. Antes, porém, devo dizer-te o que meu pai José certa feita disse-me sobre ti. Segundo ele, que muito te estimava e verdadeiramente o admirava, serias tu o único com quem, um dia, eu poderia aconselhar-me ou mesmo simplesmente desabafar. Ele costumava me dizer que a solidão e o discreto silêncio simbolizavam a postura dos enviados do Alto. Assim tinha sido a vida dos profetas do nosso povo, dizia ele sempre. Meu pai afirmava que não compreendia muito bem o deus do nosso povo, mas conseguia perceber a atitude dos profetas e tu, segundo ele, eras um profeta, a teu modo, e carregavas a solidão e o silêncio respeitoso dos que observavam o sentido profundo da vida.

José de Arimatéia, com os olhos cheios de lágrimas, apresentava um discreto sorriso, recordando-se do amigo a quem tanto se afeiçoara e que a vida havia lhe roubado a convivência ainda tão cedo.

— Realmente sei da vida como ela se expressa para além daqui. Foi de lá que vim... foi de lá que muitos dos que estão na Terra vieram. Eu simplesmente o sei. Os demais, porém, não o podem descortinar mesmo que eu o dissesse. Porém, tempo virá, como te disse antes sem pretendê-lo, em que a visão dos viventes neste mundo se fará clara. Pelo menos assim é dito pelos... meus antigos companheiros que ainda lá permanecem, mas que me visitam algumas vezes — disse Jesus enquanto procurava observar a reação de José de Arimatéia.

Este, não cabia em si de felicidade pelo fato de Jesus falar com toda naturalidade com ele sobre assunto tão delicado. Respirou fundo enquanto devolvia o olhar a Jesus. Após alguns instantes, tornou a questioná-lo.

— E tu, compreendes o deus do nosso povo?

Jesus olhou atentamente para José, como se perscrutando seu íntimo e o motivo que o levara a fazer a pergunta.

— Esforço-me por compreendê-lo nesta condição. Quero dizer, compreendo-o sob outra perspectiva, vamos dizer, a que marca o modo de pensar dos chamados anjos. Mas, como ser humano, ainda tento formular meu entendimento, apesar de conhecê-lo e me encontrar neste mundo para fazer cumprir um plano que é dele... o qual ainda preciso, na condição terrena em que me encontro, descortinar em toda a sua amplitude. Pelo menos é o que penso.

— Não tenho como te compreender, ó Jesus — disse José de Arimatéia.

— Sei que não me podes compreender. Deixemos esse pai e falemos do meu terreno, que te era tão querido. Como surgiu a amizade entre vocês?

— Teu pai e eu tivemos tudo para não sermos amigos, já que tínhamos pontos de vista diferentes em relação à dominação romana. Ele, mesmo sem o aparentar, somente a muito custo suportava o peso da humilhação de sermos um povo sem liberdade. Justo como sempre foi, esforçava-se para respeitar pessoas como eu pelo fato de ter negócios

com os romanos. Mais ainda se esforçava para não assumir postura de soberba em relação aos publicanos¹ — disse José.

— Como sabes disso tudo em relação a meu pai? Para mim isso é surpreendente, já que jamais ele me estimulou opinião nesse sentido — ponderou Jesus, entre surpreso e meditativo.

— Ele me externou essas impressões em mais de uma oportunidade. Acho que somente eu e teu tio Cleofas privamos desse privilégio de escutar um homem com visão aprofundada das coisas da vida, mas que prudentemente costumava guardá-la para si próprio, marcando com suas atitudes silenciosas a força das suas idéias, procurando a ninguém incomodar. Afirmando-te que disso sei porque nossa relação de amizade começou por um fato fortuito, antes mesmo do teu nascimento.

Jesus estava por demais curioso, o que estimulou decisivamente José de Arimatéia, visivelmente satisfeito, a levar aquela conversa adiante.

— Os romanos precisavam melhor estruturar uma residência que iria servir de hospedagem para negociantes poderosos que vinham das terras do leste e o tempo urgia quanto às providências a serem tomadas para bem hospedá-los. Estava eu em companhia de teu pai, a quem já conhecia de vista, mas com quem jamais havia tratado pessoalmente algum concurso dos seus serviços até aquele momento. Naquela oportunidade, havia me dirigido até ele justamente para contratar seus ofícios, e notei de sua parte uma determinada insatisfação em me atender, apesar de ter me tratado com toda cortesia. Ajustamos o preço e o prazo no qual ele entregaria já instalados os móveis por mim solicitados, quando fomos surpreendidos pela chegada de uma pequena delegação, composta por cinco soldados romanos que acompanhavam um homem que eu já conhecia pelos contatos que sempre mantive com eles, e que ostentava ali a função de representar a vontade de algum nobre ou autoridade romana.

— Fomos saudados, eu e teu pai, por aquele homem ao mesmo tempo em que, sem mais demoras, explicou seu drama de ter de providenciar em tempo exíguo o necessário para bem receber a delegação. O emissário falou sem maior afetação, o que sensibilizou teu pai. Ainda assim, ele ponderou que não poderia atender, fosse pelas encomendas que ainda não finalizara ou mesmo pelo trabalho que agora aprazara comigo. Recordo-me do olhar que o emissário romano me dirigiu, enquanto insistia com teu pai que o trabalho dele era de

fundamental importância para que os interesses da governança local fossem preservados, já que os especialistas em marcenaria e carpintaria da legião romana instalada na Palestina encontravam-se todos desenvolvendo seus esforços numa grande reforma no porto de Cesaréia. Assim dizendo, procurava deixar nas entrelinhas que depois dos especialistas romanos, teu pai era o profissional mais confiável para a tarefa daquela região, o que foi contradito por José. O fato é que a questão já se encaminhava para um impasse, cujas consequências poderiam ser de todo desagradáveis para teu pai, quando resolvi interferir, abrindo mão da minha “urgência” quanto às encomendas feitas, deixando assim teu pai liberado para assumir os trabalhos solicitados pelo romano. Para minha surpresa, ele começou a se expressar como se fosse recusar por outros motivos a tal encomenda, o que me fez novamente interferir porque temia que a atitude de teu pai, por desconhecer o poder que aquele emissário representava, provocasse sua prisão incontestável.

— Praticamente decidi por teu pai que ele faria o serviço solicitado e que eu mesmo me responsabilizaria pela sua finalização, até porque tinha também interesses pessoais envolvidos com aquela delegação de negociantes. Consegui surpreender ao mesmo tempo tanto a teu pai quanto ao emissário romano, este último feliz porque sabia ser eu alguém que tinha negócios com os romanos e talvez pensou ser eu amigo ou sócio de teu pai ou coisa do gênero; quanto a José, ele estava por demais surpreso com minha atitude e prudente como era, deve ter achado por bem naquele momento não mais contribuir com o impasse. Após a saída da tropa romana, ele mal conseguia disfarçar seu desassossego diante da situação criada. Disse-lhe de minha parte que havia agido daquela forma por conhecer o método romano e por temer pela sua segurança.

— “Achas que ele me daria voz de prisão?”, perguntou-me teu pai, ao que respondi afirmativamente, diante do que dele escutei um comentário que jamais esqueci: “Prisão por prisão, que diferença faz essa falsa liberdade que temos? De qualquer modo, devo te agradecer pelo zelo demonstrado para comigo. Na falta de prudência de minha parte, terminaste te expondo por mim, o que muito agradeço”.

— Não gostas mesmo de trabalhar para os romanos? — perguntei, num impulso do qual logo me arrependi, pois teu pai olhou-me em silêncio, procurando responder com um mal disfarçado sorriso, já que lhe faltavam palavras adequadas que lhe permitissem ser honesto consigo mesmo sem me ferir a suscetibilidade.

— No incômodo moral daquele momento senti que estava diante de um homem que era dono da própria consciência, coisa rara naquelas circunstâncias. Aprendi a conviver com o silêncio do teu pai na convivência que tivemos ao longo daqueles meses, até que, aos poucos, aos poucos mesmo, ele foi se permitindo maior liberdade, digamos filosófica, para comigo.

Jesus sorriu bastante ao final das palavras de José de Arimatéia.

— Foi dessa forma que teu pai e eu construímos uma grande amizade, na qual ele acabou por concluir que não havia juízo de valor a ser aplicado às opções de cada ser humano nas situações angustiantes da vida. A única exceção que ele fazia era ao fato de um judeu se prestar a cobrar algum tipo de imposto junto aos de sua raça, em benefício do poderio romano.

Conversaram um pouco mais, rememorando passagens que ambos haviam tido com José, até que resolveram descansar, porque logo aos primeiros raios do sol deveriam seguir viagem.

1 Publicanos eram judeus pertencentes à classe dominante, que cobravam impostos dos seus compatriotas em nome da ocupação romana. Normalmente eram antipatizados pelos demais judeus.

ENCONTRO NA MONTANHA SAGRADA



POR ENTRE AS aventuras inusitadas que toda viagem provoca, além do cansaço associado ao encantamento diante do novo, os membros da caravana de José de Arimatéia iam estabelecendo o sentido de afeição e de cumplicidade que a convivência por tantos dias provoca.

Orientados por José, todos eles estavam falando a língua dos romanos para propiciar condições aos que menos a conheciam pudessem algo praticar.

Alguns judeus simplesmente se recusavam a aprender a língua dos romanos e dos gregos, prática consubstanciada numa atitude política de preservar sua nacionalidade e os costumes da sua religião que, em última instância, representavam a tentativa desesperada de um povo quase sempre dominado por potências estrangeiras, de preservar sua identidade cultural a qualquer custo. Mas José de Arimatéia e Jesus, além de outros judeus que pertenciam àquela caravana que contava ainda com alguns romanos, gregos, cipriotas, não assumiam aquela atitude, mantendo suas mentes abertas para a amplitude do belo que a vida terrena sempre oferta, mesmo por entre os sofrimentos do inquietante cotidiano político da história.

Após muitos dias de viagem margeando o mar Adriático chegaram ao lago do céu situado entre as montanhas¹, local onde permaneceram por dois dias enquanto se refaziam. José estava se sentindo superlativamente feliz porque percebia o encantamento de Jesus com toda a viagem, notadamente com aquele local belíssimo em que agora se encontravam.

Após a providência de praxe, seguiram viagem na direção pretendida sem maiores ocorrências dignas de nota. Jesus e José passaram a conversar mais fluentemente, o que era motivo de especial alegria para ambos. Poucos dias antes de chegar ao destino, sentados

lado a lado na condução de uma das carroças que formavam a caravana, travaram outra interessante conversa.

— Quantas vezes já vieste até estas terras? — perguntou Jesus.

— Desde minha juventude, com esta é a sexta vez. Pretendo ainda voltar pelo menos mais duas vezes, pois gosto bastante dos povos daqui, em especial dos que estão na grande ilha. Nestas terras residem pessoas especiais, assim como tu és... Entendes o que pretendo simbolizar?

Jesus respondeu com um leve aceno de cabeça.

— Muito mais que aqui, nas terras do Oriente distante, naqueles lugares é que existem pessoas especialíssimas no sentido em que estamos falando. Espero que um dia tu possas ir até lá. Não tenho relação de negócios nessas terras, já que somente fui até a Pérsia, mas quem sabe se um dia não chegaremos até o Oriente distante? — questionou José, como se estivesse falando aquilo para si mesmo, enquanto procurava se recordar da rota estabelecida pelo imperador macedônico Alexandre Magno, no seu deslocamento até os confins da Índia, tema predileto dos seus antigos estudos dos assuntos que mais o intrigavam no passado recente.

Jesus nada disse, apenas olhando sorridente para o companheiro.

— Irás conhecer alguém que julgo muito especial, quando chegarmos até o norte do continente. Refiro-me ao velho Mordon, a quem sinceramente admiro e espero que ainda faça parte do mundo dos vivos. Assim digo porque acho que ele é bastante avançado em idade, apesar de não saber precisamente... Acho mesmo que jamais lhe perguntei a idade — ponderou José de Arimatéia como se estivesse falando sozinho. — Devo dizer que meu velho amigo é um sábio, muito acima de todos os demais assim denominados que já tive a honra de conhecer pelas minhas andanças.

— Existem alguns trabalhadores do céu que estão na Terra e disso parecem ter consciência profunda. Antes de me fazer humano, estudei as incursões que alguns deles fizeram neste mundo e muito pude aprender. Assim digo porque a condição desta humanidade não é cômoda para os espíritos que vêm em missão a este mundo ou mesmo para apreender as experiências singulares que a vida costuma ofertar por aqui. Não tem sido fácil viver na Terra, mas até que se cumpra a colheita complicadíssima de uma causa há muito semeada, a fim de que as novas semeaduras visem o bem e o belo que sustentam a existência, os que

estão vivendo na Terra não teriam mesmo nada melhor para realizar, sob a perspectiva das regras da vida respeitadas pelas potências do céu. Seu amigo druida deve ser um desses que, apesar de humano, sabe das coisas do céu — disse Jesus enquanto observava a paisagem à frente.

José, também observando o contraste entre as montanhas altas adiante, cobertas de neve, e o verde forte da vegetação que se espalhava em todas as direções, nada disse, parecendo refletir sobre o que acabara de ouvir. Após um tempo em que ambos permaneceram em silêncio, José ponderou sobre a possibilidade de Jesus, com os poderes que lhe pareciam inerentes, já saber sobre o velho druida.

— Não, nada sei sobre seu amigo, ó José. Sou conhecedor apenas de que, realmente, não sou o único vindo do Mais Alto a viver atualmente na Terra. Muitos já vieram no passado remoto e recente, outros no presente aqui estão e alguns poucos hão de vir, até que esteja consumada a colheita da qual lhe falei. Afinal, é da responsabilidade individual e coletiva que os frutos semeados sejam inevitavelmente postos à mesa da vida. A exemplo do fruto saboroso, que se come com prazer, assim é quando os aspectos belos e agradáveis surgem, fazendo com que o regozijo seja a tônica dos nossos dias. Contudo, diante de frutos estragados, o apetite se ausenta e ninguém os querará comer a não ser sob efeito de ordem ou de ameaça imperiosa; assim são os aspectos dolorosos que representam a colheita indesejável e que nos maculam os dias com seu desagradável sabor. Mesmo sem querer, esta humanidade é obrigada a se defrontar com as dificuldades, as dores e os dramas produzidos como efeitos das atitudes e das omissões dos que vivem neste mundo. É da Lei que assim seja, ó José. Aqueles que não pertencem a este mundo, mas que estão vivendo como se fossem daqui, normalmente não perdem a noção mais profunda do sentido da vida, mantendo desperta a consciência sobre si mesmos, ajudando a esta humanidade — explicou Jesus.

— Acho que será um dos pontos altos desta nossa viagem o encontro que terão. Sinto que é assim que tinha de ser... — disse José, como se mantendo o resto da frase somente para si.

— Felizes os que unem os caminhos da vida na Terra ao destino pretendido pelas forças do céu. É quando o que por aqui é dito como “o que tinha de ser” se transforma em doce realidade — ponderou Jesus.

José sorriu diante do comentário de Jesus, ao mesmo tempo em que se questionava sobre o sentido profundo das suas palavras.

Após mais um dia e meio de viagem chegaram a um vilarejo celta, situado já próximo do local em que vivia o velho druida e onde José de Arimatéia já havia estado antes, sendo recebido pelo chefe daquela aldeia, com quem mantinha relação de negócios. Ali resolveram permanecer pelo resto do dia, aproveitando o descanso noturno que cordialmente lhes foi oferecido.

No dia seguinte, já com a manhã bastante avançada, após o término das últimas conversas em torno dos sempre difíceis fechamentos de negócios, quando a caravana já se preparava para se pôr em marcha, foram surpreendidos pela chegada inesperada da delegação dos reis celtas e dos druidas que com eles seguiam para a visita ao velho druida.

Os reis Torden e Athordernic, que jamais haviam feito negócios com José de Arimatéia, encheram-se de curiosidade perante as mercadorias trazidas pela caravana e muito mais ainda com os detalhes de uma rápida conversa sobre as relações comerciais que existiam entre José e os romanos. Motivados por uma gama de interesses, que iam do puro tino comercial ao conhecimento profundo que o judeu demonstrava das coisas romanas, os reis convidaram José e sua caravana para que seguissem juntos, já que um mesmo destino os unia.

Com a ajuda eventual dos tradutores da caravana, os dois reis celtas e José de Arimatéia iam à frente do cortejo que serpenteava os bosques na direção pretendida. Os três druidas, a jovem sacerdotisa, Brendiver e Dolman seguiam em duas carroças próximas àquela em que Jesus se encontrava.

A jovem sacerdotisa, cuja beleza radiante aproximava-se das feições típicas do povo nórdico, desde que foram apresentados aos membros da caravana dos judeus, muito se impressionara com as feições e modos daquele rapaz, que tanto haviam marcado sua sensibilidade. Brendiver, Dolman e os três druidas também perceberam o olhar profundo de Jesus sobre eles quando foram apresentados. Contudo, José apresentara Jesus como sendo um afilhado que ali estava para aprender sobre possíveis parcerias comerciais, o que, a princípio, não facilitou o entendimento deles em relação a Jesus. José assim havia feito por prudência, pois nem mesmo ele era grande conhecedor do pensamento dos sacerdotes celtas sobre as religiões dos outros povos. Na sua mente, Jesus iria se encontrar com o velho druida, este sim, conforme pensava, uma grande alma que receberia o jovem judeu com carinho e respeito.

Por isso não se preocupara em apresentar Jesus como sendo alguém interessado no estudo dos mistérios.

Dolman, após ter permanecido boa parte do turno da tarde daquele dia numa espécie de recolhimento por entre o chacoalhar da carroça, dirigira-se para o outro lado, onde Brendiver e a jovem sacerdotisa — chamada carinhosamente pelos demais de Liev — encontravam-se recostadas observando, por entre os panos suspensos, a paisagem agora formada por árvores cerradas que pouco permitiam enxergar além delas.

— Estou bastante impressionada com o jovem judeu... ele pareceu olhar-nos como se penetrasse nossas almas. Senti-me delicadamente tocada pelo seu olhar como se muito mais me unisse a ele. Estranho! — disse Dolman.

— Não senti nada de muito especial — disse Brendiver, por sua vez — Apenas penso ter percebido nele alguém cujo foco de atenção se encontra em questões que vão além dos negócios deste mundo. Acho até que por influência do seu tutor, o José, o qual também é um negociante que, pelo visto, parece realmente se interessar pelos mistérios.

— Disso não podemos duvidar, até mesmo por força das referências feitas pelo velho druida em relação a José — ponderou Dolman.

O resto da tarde passou-se enquanto as três mulheres comentavam as mercadorias e os aspectos dos demais homens e mulheres que compunham a caravana de José.

À noite, ao redor das cinco fogueiras que surgiram no acampamento improvisado, os membros daquele cortejo singular se dividiam mantendo a particularidade das conversas que lhes eram agradáveis.

Os druidas, afeitos as suas disciplinas, encontravam-se à parte dos demais, próximos ao grande grupo dos membros da caravana entre os quais estava Jesus. José havia sido convidado para fazer a última alimentação do dia acompanhando os dois reis que, com seus assessores mais próximos, assentavam-se todos enquanto eram atendidos pelos serviçais. Os guardas pertencentes às delegações dos reis celtas formavam grupos à parte, um pouco mais distanciados dos demais.

As muitas conversas que ocorriam nos grupos enchiam a noite com o agradável som de vozes e das risadas algo exageradas dos celtas. O grupo dos druidas, ao contrário dos demais, alimentava-se silenciosamente em obediência a certa tradição que não era observada

por todos os sacerdotes celtas. Após se alimentarem em silêncio e de modo frugal, comparado aos padrões vigentes nos outros agrupamentos, os druidas começaram a conversar ordenadamente, cada um deles dando suas impressões sobre os últimos acontecimentos.

— Muito me impressionou a figura de José, o amigo do nosso Venerável. O jovem que o assessorava — disse o mais velho entre os druidas, referindo-se a Jesus — possui um modo especial, diria mesmo que diferente de todas as pessoas que conheci, de olhar os que estão à sua volta, as árvores, as aves que esvoaçam pelos ares, cujas trajetórias ele acompanha com um olhar de encantamento sempre renovado, como se estivesse vendo pela primeira vez cada uma delas que aparece de repente. Notei que o tempo que ele dedicou a observar discretamente cada um dos nossos reis foi também o mesmo em que fixou seus olhos sobre cada um de nós, cada um dos presentes, independente da sua função ou importância. É como se cada pessoa significasse para ele algo muito especial, que não sei como colocar em palavras. O impressionante, para mim, foi perceber que ele também passou seus olhos pausadamente pelos animais das carroças... Por que será?

— Como eu disse — atalhou Brendiver — mesmo sendo ele um rapaz que está sendo treinado para os negócios, parece ser dotado de um senso especial para outras questões da vida.

— Por que será que ele não está acompanhando o amigo junto aos reis? Seria o mais lógico porque José, quando o apresentou, afirmou ser ele pertencente a uma respeitável família do seu povo e que ele o tratava como um filho — observou um dos druidas.

Por entre murmúrios de aprovação todos concordaram com a observação, à exceção da jovem sacerdotisa, que permaneceu em silêncio, apenas observando os demais.

— Percebi algo que por vocês não foi notado — disse Liev, para surpresa dos druidas — Se José o convidou, não sei, mas creio ter percebido o rapaz se antecipar a um possível convite nesse sentido, pedindo que o deixasse cear com os membros da caravana, o que parece ter contrariado o amigo, que logo se esforçou por deixá-lo à vontade. Vi a cena e ouvi José explicando a um dos reis o porquê de seu jovem assessor não o acompanhar à ceia próxima à tenda dos reis e daí minha dedução. Devo ainda dizer agora que ele muito me impressionou. Percebi que os imortais andam com ele... E ele os percebe, pois acho que os notei interagindo com ele, como às vezes fazem comigo. Mas é

dele que saem as nuvens de força que impregnam tudo ao redor, o que é totalmente diferente do que acontece comigo e com outras pessoas, como por exemplo, com vocês. No nosso caso, os imortais nos dão essas forças, deles é que emanam essas nuvens que nos encobrem com as bênçãos vindas do Céu dos Imortais. Com o rapaz judeu é diferente... Simplesmente não compreendo. Ele deveria ser um sacerdote, um estudioso dos mistérios e não um comerciante.

— Tens razão, ó querida Liev – disse Dolman. — Há algo nesse rapaz que nos é desconhecido. Os imortais talvez nos possam esclarecer...

— Quem sabe nosso Venerável Mordon não o possa fazer? — questionou Brendiver.

As conversas continuaram por bastante tempo até que os reis acharam por bem se recolher devido ao dia extenuante que haviam tido, no que foram acompanhados pelos demais.

1 Vilarejo que no futuro se transformaria na cidade de Hallstatt, atualmente pertencente à Áustria.

JESUS ENTRE OS DRUIDAS



MAIS UM DIA de viagem os esperava até que pudessem chegar a um vilarejo próximo da montanha sagrada onde vivia recluso o velho druida.

A nova etapa da viagem passou-se sem maiores novidades, a não ser pelo fato de Dolman ter descoberto, por explicação do próprio José de Arimatéia, que Jesus era alguém especial aos seus olhos, e que estava oferecendo a ele a possibilidade de trabalhar naquele mister como forma de possibilitar-lhe assim atender aos anseios principais da sua alma, que eram relacionados com os mistérios dos céus e da Terra há muito vaticinados pelos profetas do seu povo. Assim resolveu José explicar a Dolman, pois notara algo de estranho no ar quando a sacerdotisa veio lhe questionar sobre o porquê de Jesus ter permanecido com os caravaneiros em vez de aproveitar o importante momento com os reis, quando negócios puderam ser novamente tratados, além das conversas já havidas durante aquela etapa da viagem. José percebeu que a opção que fizera de apresentar Jesus como alguém que ajudava nos negócios teria de ser redimensionada diante dos fatos, apesar de não conseguir atinar com os motivos que haviam levado Dolman a questioná-lo.

Preocupou-se em avisar a Jesus sobre o ocorrido e dele recebeu um sorriso de cumplicidade, seguido da sugestão de deixar os fatos ocorrer naturalmente, pois talvez existisse uma vontade maior que a deles envolvida naquele encontro e normalmente — e isso ele o fez brincando com José — aquela vontade costumava tratar de assuntos mais importantes que os negócios terrenos, o que foi motivo de risada para os dois.

A notícia de que o rapaz judeu era alguém especial diante das profecias veiculadas pelos ancestrais logo se tornou tema central de conversas entre os druidas naquele dia.

Finalmente, bem antes do que haviam calculado, chegaram ao vilarejo próximo à montanha sagrada, apesar de não terem tido o acesso

pretendido à gruta do velho druida como pretendiam a princípio. Havia chovido demais e os caminhos estavam escorregadios além da conta. No dia seguinte, então, os reis e seus generais, os druidas, acompanhados de José e de Jesus iram ter com o Venerável, que havia cerca de duas décadas decidira viver isolado, recebendo, de vez em quando, visitas de delegações de druidas e de outros naipes que o visitavam.

Tiveram de pernoitar mais uma vez em lugar próximo do vilarejo, oportunidade em que mais uma vez os grupos se separaram na hora da última refeição do dia, conforme os costumes celtas. O grupo da caravana de José se adaptava como podia aos hábitos dos seus anfitriões.

Convidados pelos reis, os druidas e Jesus haviam se unido ao grupo maior e a conversa girava em torno da resposta que José de Arimatéia se esforçava para dar a Torden, que lhe havia perguntado sobre o temido deus dos judeus, cuja história desde os tempos de Abraão e principalmente dos de Moisés, era bastante conhecida pelos povos da Antiguidade. No caso das tribos celtas, coubera aos bardos mantê-las atualizadas em relação às notícias das estranhas interferências do deus Javé na história do povo judeu, o que era motivo de muita curiosidade, mesmo sendo muitas das tais interferências tidas como lendas aos olhos dos estrangeiros naqueles dias.

— É difícil, dizia José, para quem não é judeu, acreditar em tudo o que os escribas do meu povo registraram sobre nosso deus Javé. Aquele que desde sempre é o que é, firmou pactos com os ancestrais do meu povo, desde os tempos dos patriarcas e sempre cumpriu as obrigações assumidas. Assim foi com Adão, Enoch, Noé, Abraão, somente para citar alguns dentre muitos que simbolizam os dias de luta da nossa história. Porém, o povo agraciado por ele nem sempre lhe foi fiel, nem em relação ao seu culto e muito menos no respeito às leis por ele formuladas. Contudo, o evento fundador da nossa religião deu-se com Moisés, depois da libertação do nosso povo do cativeiro no Egito dos faraós, quando recebeu do próprio Javé as Tábuas da Lei, primeiro no Sinai e depois no Monte Horeb. Na primeira vez em que Moisés as recebeu no Sinai, após perceber a fraqueza espiritual do povo que o aguardava ao pé do monte, quebrou as pedras num momento de ira justificada por sua santa indignação. Javé novamente as formulou e entregou a Moisés, numa outra oportunidade, assim reza nossa história. Ao longo do tempo da vida de Moisés, Javé produziu pessoalmente nossa Torá, sendo da sua própria lavra tudo que ali está registrado. Por misterioso que possa parecer, assim foi a história de Moisés com Javé.

Anos atrás, percebi que os mandamentos de Javé em tudo se assemelhavam a escritos que já havia lido, vindos de outras terras ainda mais ao oriente que a do nosso povo, como também eram semelhantes aos do grande Hamurabi. Moisés morreu sem ver a terra que hoje habitamos, prometida por Javé e infelizmente dominada pelos romanos.

— Por que o deus do teu povo, sendo tão poderoso, permitiu a dominação de povos estrangeiros? Se bem sei, não foram poucos os povos que dominaram teu povo ao longo dos tempos, ó José — ponderou Athordernic com a aprovação silenciosa de Torden, que balançava a cabeça em sinal de concordância.

— Realmente, como já disse, ó reis, meu povo não foi fiel e muito menos seguiu as leis emanadas do nosso deus. Penso que ele permitiu a dominação assíria, dos babilônios, dos persas, dos gregos e agora dos romanos, porque não fizemos por que merecer algo diferente disso. Javé muitas vezes nos libertou. Assim foi no Egito, ao tempo de Moisés, e em outros momentos do passado distante. Mas nós traímos a confiança do nosso deus e deve ser justo o que sofremos no passado e ainda estamos sofrendo.

— Concordas com José, ó jovem? — dirigiu-se Athordernic a Jesus, necessitando da ajuda dos tradutores presentes para se fazer entendido.

Jesus manteve-se sério e respondeu em tom baixo e pausado.

— Sim, penso como José. Creio que Javé, justo como é, permitiu o que aconteceu e hoje acontece porque ele não se permite ser injusto com os outros povos da Terra em benefício dos judeus. Meu povo terá do nosso deus seu apoio se for um povo fiel e dedicado aos seus ensinamentos e ao seu senso de justiça. Não sendo assim, os acontecimentos da Terra passam a ser obra dos homens e não permitem lugar às intervenções de Javé e de ninguém mais, pois assim reza a lei vigente entre os anjos que velam pela humanidade.

— Velam... Ó jovem judeu, tenho me esforçado por compreender deuses e anjos e tudo o que consigo pensar a respeito deles é que ainda mais do que nós, os humanos, eles precisam aprender a se comportar como pessoas confiáveis. Afinal, quem em sã consciência pode confiar nesses... nesses deuses e naqueles que se dizem seus arautos? E assim digo com o respeito que me esforço por ter pelos druidas que aqui estão, e antes que Dolman me aniquile com seu olhar de ódio... — dizia Athordernic, quando foi interrompido pela própria.

— Não transfira para os deuses e seus arautos os erros que lhe são próprios, ó Athordernic, não brinques com o sagrado para ser por ele respeitado como rei que és — vociferou a velha Dolman, espalhando saliva em muitas direções.

— Não pretendo faltar ao respeito com ninguém, ó Dolman, nem contigo mesmo por quem, além das nossas inacabáveis contendas, tenho estima. Muito menos com nossos nobres visitantes de terras longínquas — explicou-se o rei.

Jesus observava a contenda de palavras por entre sorrisos, quando foi convidado a continuar a expressar seus comentários.

— Penso que erramos todos, ó rei. Creio que perfeito somente o Pai de todos aqueles a quem chamamos de deuses, anjos, enfim de tudo que existe. Na condição humana em que estamos todos mergulhados creio que é impossível não errar.

— Falaste com sabedoria, ó jovem — principiou a dizer Athordernic — Nós, os reis, os príncipes, os sacerdotes, os arautos, os profetas, todos se equivocam, ao menos um pouco, em algo ou em muitas coisas... ou em quase tudo — continuou o rei por entre sorrisos entrecortando as palavras — E tu, ó Dolman, és a que mais se equivoca com tua opinião a meu respeito...

Todos sorriram bastante ao perceber a sempre renovada contenda em curso entre os simpáticos anfitriões. Enquanto os judeus ali presentes permaneciam calados, observando o modo descontraído como os celtas, independente da função que tinham na sociedade em que viviam, expressavam livremente suas opiniões sem maiores preocupações.

Torden, em certo momento, observando detalhadamente as feições de Jesus, a ele se dirigiu nos seguintes termos:

— Conheço alguns do teu povo. Aqui mesmo posso ver alguns dos teus, que te acompanham e a José, e posso perceber que entre José e eles existe toda uma relação de semelhança nas feições. Mas a tua é totalmente diferente da média dos judeus. Sabes por quê?

Jesus permaneceu em silêncio, enquanto atinava com a resposta a ser dada ao rei.

— Jesus, ó rei — apressou-se a explicar José de Arimatéia — tem a descendência dos galileus, que provavelmente herdaram de antigas tribos gaulesas¹ os seus traços. Maria, sua mãe, tem esses mesmos traços. É

dito pelos nossos ancestrais que das doze tribos libertadas do Egito pelo nosso deus, ao tempo de Moisés, dez foram mais tarde feitas prisioneiras pelos assírios, tendo pelo menos uma delas vindo se estabelecer nas terras da Gália, ao sul de onde nos encontramos. O que estou dizendo, ó rei, é que os galileus, que representam um dos segmentos do nosso povo, apresentam certos traços semelhantes aos vossos. É dito que no passado, parte dessa tribo foi obrigada a se deslocar para longe, por força das primeiras incursões romanas nessas terras, indo se agrupar em região próxima à Judéia, ali fundando uma pequena comunidade chamada Galiléia.

— Entendo, ó José. Eu mesmo já escutei dos bardos que as tribos do nosso povo lá do sul se originaram com as migrações da Antiguidade vindas não sei exatamente de onde, mas sei que algumas vieram do oriente, ao tempo dos assírios, pelo que disseste, deduzo. Dizes-me, então, que uma dessas voltou ao oriente, nas suas gerações futuras, movidas pelas tentativas das invasões romanas nas terras mais próximas as suas fronteiras. É isso, ó José? — perguntou Torden.

— Creio que sim, ó rei. Meu povo viveu sempre espalhado. As dez tribos do norte foram feitas prisioneiras pelos assírios e terminaram se espalhando e se misturando aos muitos povos que eram também prisioneiros do mesmo império. As duas tribos do sul, que formaram o reino de Judá, sobreviveram aos assírios, mas não aos babilônios, mas isso é outra história. É dito que uma das dez tribos do norte fincou suas raízes nas terras ao sul de onde nos encontramos, provavelmente, penso eu, misturando-se com os povos que aqui já existiam. Como os galileus, há também os samaritanos, que são descendentes de outra das dez tribos perdidas de Israel. Os judeus da Judéia se acham puros, já que se originaram das duas tribos do sul, que escaparam aos assírios. Para além deles, tudo é impureza. Devo dizer ainda, ó rei, já que te interessas pelo assunto, que meu povo se divide em alguns agrupamentos que nem sempre se entendem, mas que respeitam o deus Javé. Os saduceus, por exemplo, andam falando de um deus para além do deus do meu povo e isso é motivo de contenda entre eles e os fariseus, que veneram Javé e defendem ferrenhamente a fidelidade as nossas leis e costumes, que é o que identifica um judeu, viva ele em que região for, pois, como disse, somos um povo espalhado. Os saduceus, eu mesmo tenho para com estes mais afinidade na minha convivência no Sinédrio², são mais abertos às influências da cultura helênica, o que provoca tensões com a postura algo radical dos fariseus.

A hora já se fazia avançada e todos se recolheram para a jornada do dia seguinte, a qual ocorreu sem maiores problemas, permitindo que alcançassem a montanha ainda nas primeiras horas do dia, antes de o sol se encontrar no seu zênite.

Foi com visível alegria que o velho druida da montanha percebeu, entre os visitantes, a figura do amigo José de Arimatéia. Após os cumprimentos protocolares da parte dos reis, como também dos generais e dos demais druidas, o Venerável Mordon observava agora o jovem que, a sua frente, acompanhado de Dolman, Brendiver e José de Arimatéia, o cumprimentava com um respeitoso gesto inclinando a cabeça. Mordon voltou seus olhos na direção de José de Arimatéia, enquanto este lhe estendia as mãos, que foram logo tomadas pelo amigo. Abraçaram-se fraternalmente ao mesmo tempo em que o anfitrião convidava a que todos tomassem assento sobre alguns amontoados de peles que se distribuíam pelo chão daquela caverna de aspecto singular. Após algum tempo, José e Jesus resolveram se retirar, no que foram seguidos pelos druidas e generais, para que os reis pudessem conversar com Mordon mais à vontade sobre os problemas que os haviam levado a procurá-lo.

Tempos depois, os reis chamaram seus generais para que juntos pudessem saudar o velho druida antes de retornar para o vilarejo.

José, Jesus e os demais druidas foram então novamente convidados a se distribuir pelos assentos daquela morada singular. Após uma edificante conversa mantida entre os druidas e Mordon, em relação à qual José e Jesus apenas se esforçavam por algo entender, a singela delegação dos druidas resolveu se afastar para fazer seus cerimoniais, dando oportunidade a José de conversar mais tranqüilamente com Mordon, acompanhados de Jesus.

Os dois amigos conversaram animadamente durante um bom tempo, tendo em Jesus um espectador atento e sorridente precisando, às vezes, da interveniência de José de Arimatéia para traduzir uma ou outra expressão utilizada pelo druida. De vez em quando Jesus e Mordon trocavam olhares de mútua afeição, mas sem nada conversar diretamente.

Em determinado momento, José de Arimatéia se levantou afirmando ter algo a tratar com seus empregados, que já deviam estar chegando ao local, conforme acerto anterior, antes que a noite os surpreendesse.

Mordon e Jesus fitaram-se em silêncio.

— José falou-me a teu respeito com toda admiração e amizade, mas ainda assim ele não sabe quão grande és no poder de Deus — comentou Mordon.

Jesus nada disse, enquanto movimentava com uma das mãos três pequenas pedras que recolhera do chão da caverna.

— Sabes tu quão grande és no poder de Deus? — perguntou o druida, olhando fixamente para Jesus.

— Somos todos focos do poder do Pai, mas não saberia dizer com total segurança, ó Mordon, na condição em que me encontro, qual o potencial de que sou portador. Creio que somente mais tarde disso poderei ter visão mais ampla. Por que me perguntas? Sabes tu também quão grande és no poder do Pai? — devolveu Jesus, enquanto o olhava por entre sorrisos.

— Isso sabemos porque já despertamos para o divino em nós. Perguntei-te por conta da tua idade... ao meu tempo de juventude, ainda não desperto para os trabalhos para os quais nasci, gastei meu tempo à moda dos meus semelhantes, adestrando-me nas armas e na competição. Naquela época nada sabia da minha origem. Meus pais deixaram este mundo quando sequer havia completado cinco anos; foram vítimas de um conflito real. Se havia algo sobre o qual deveria ser esclarecido por eles, jamais o pude ser. Surpreendi-me, eu mesmo, junto com aquela que me adotou sem que me soubesse herdeiro real, quando o potencial divino que habita em nossos espíritos vinculados à vontade de Deus desabrochou com o passar do tempo. Interessante... Chamas ao Divino de Pai — ponderou o velho druida.

Jesus apenas sorriu diante do comentário do druida.

— Temos muitos pais para além das fronteiras deste mundo, tu o sabes. Há quanto tempo estás na Terra? — tornou a perguntar Jesus.

— Tenho certo problema com essas questões, já que passo quase todo meu tempo sozinho, participando da vida divina, enquanto o corpo persevera na vida terrena, pouco tendo a fazer entre meus semelhantes, já que cumpri com minha intenção de acompanhar alguns filhos e filhas da minha alma a este mundo, dando-lhes o acompanhamento por eles solicitado, a fim de que se habilitassem para os trabalhos que os esperam no futuro longínquo das vidas terrenas. Dolman, um desses afetos que

me são caros, almas sagradas que me foram confiadas por Deus para educá-las no caminho do bem e da redenção das suas consciências, costuma dizer que já ultrapassei cerca de 1.700 luas³, o que me deixa prontamente habilitado a retomar a vida sem fronteiras que conhecemos — respondeu Mordon.

— Quantos semelhantes a ti encontram-se agora neste mundo? Tu o sabes? — perguntou Jesus.

— Não saberia dizer ao certo. Sei que no teu povo, antes da tua chegada, esteve um da hierarquia divina⁴. Sei que na terra dos descendentes do rei Bharata⁵ muitos por lá têm passeado suas formas humanas e muitos planos de trabalho ainda persistirão tendo como palco a terra de Krishna — respondeu Mordon.

— Chegaste a utilizar o poder divino muitas vezes à vista dos teus semelhantes? — questionou Jesus.

— Não, foram poucas as vezes que o fiz. Infelizmente, os reis do meu tempo, com certa dose de razão, desprezam os druidas, a quem chamam de mestres decadentes, mas sem cuja orientação já teriam levado ao extermínio toda a descendência criada a partir da fixação dos ideais do bem nessas terras abençoadas. Devo dizer que quando me descobri algo diferente da média humana que me rodeava, resolvi, por mim mesmo, iniciar-me entre os druidas do meu tempo, no que fui então amparado pelos mestres que acenderam as luzes do céu para meu caminhar terreno. Devo-lhes muito. Sem o concurso deles, talvez meu potencial divino, pelo menos em parte, tivesse permanecido inalteradamente adormecido — ponderou Mordon.

— Tiveste o poder e não agiste para além das conformidades dos afetos da tua alma? Estás apenas assistindo-os enquanto te aperfeiçoas? — tornou a questionar Jesus.

— Sim, foi o que decidi, pois minha missão a isso se limitava, como é o caso da de muitos vinculados ao Divino nascidos na terra de Krishna, mantendo acesa a chama da libertação da condição humana pela disciplina da respiração e da pacificação da mente, mas deles pouco é sabido por modesto ser o campo em que atuaram com seus poderes além da observação da necessária discricção que lhes é comum. Nesses casos me incluo, além do que edifiquei na solidão o laboratório da minha alma. Mas não é este o teu caso... — disse Mordon olhando fixamente para Jesus.

— Sim, ó Venerável, desconfio de que não será este o meu caso, pois pareço estar destinado ao cumprimento de um testemunho cuja amplitude e repercussão ainda não ousei descortinar. Talvez somente o faça quando a hora determinada pelo Pai me abraçar nesta existência. Até lá...

— A qual pai te referes especificamente? Ao Pai Divino e Incognoscível para a percepção transitória ou ao pai criador dos humanos e dos chamados anjos, que há tempos pelejam pelo progresso dos que estão neste mundo? — perguntou Mordon.

— Se bem entendo, são vontades motivadas por diferentes razões, mas que apontam no mesmo sentido. Ainda não logrei concluir coisa alguma sobre essa questão. Creio mesmo que somente com os acontecimentos que me esperam e com o que devo eu mesmo arquitetar poderei construir meu entendimento. Quanto aos desígnios que me aguardam nesta vida, creio que correm por determinação do pai criador dos humanos e dos anjos, como o disseste. Porém, por quem sou, devo obediência e alinhamento, vamos dizer filosófico, ao Pai Incognoscível — disse Jesus.

— Meu filho e irmão amado — assim posso te chamar devido a nossa condição terrestre — se és quem suponho esperar há tempos, és também aquele que é esperado por muitos homens e mulheres de sabedoria em todos os povos. Se assim é, creio que teu trabalho não deverá ser localizado no contexto das circunstâncias da tua vida. Tua simples presença aqui, tão longe de casa, indica que teu espírito clama por conhecer a família humana, em muitas de suas expressões, procurando perceber a amplitude da percepção do ser que habita este mundo. É muito modesta esta capacidade de entender a realidade envolvendo os que vivem na Terra. Isso me levou a limitar minha atuação entre os que estiveram e estão mais próximos e que fatalmente te limitará as possibilidades de oferta do que trazes contigo para os que aqui estão vivendo.

— Creio ser meu dever — continuou o velho druida — registrar minha opinião de que pouco ou nada valerá, a curto e médio prazo da ótica temporal deste mundo, teu testemunho, a não ser junto àqueles que de algum modo estejam já propensos ao crescimento pessoal. Mediste isso quando do planejamento da tua vinda? — perguntou Mordon.

— Do que me recordo e tenho consciência, devo dizer que a perspectiva aferida é de todo perturbadora se levarmos em conta a

premissa da qual tu partes. Contudo, não é bem com vistas a este mister que me fiz humano, mas sim, para que no futuro longínquo da história deste mundo a semente que pretendo deixar como legado possa, a seu tempo, encontrar guarida nos corações desta humanidade, para então, mais tarde, frutificar em benefício da vida. Quando essa hora chegar, devo regressar a este mundo, contudo não mais nascendo, fazendo-me humano, mas simplesmente aqui chegando como sou e me fazendo acompanhar pelo pai criador dos humanos. Afinal, é e será de sua cota de responsabilidade concluir o que começou. Mas muito terá de ser superado até esses dias e isso foi dito ao patriarca Enoch nas revelações daqueles dias feitas pelo pai dos humanos. Foi ali que ele anunciou o julgamento de todos os que estão neste mundo e me anunciou como sendo o que haveria de vir em seu nome e depois, junto com ele para apartar desta humanidade os que se perverteram. É quando ele determinará as boas árvores que herdarão este mundo na medida em que ele precisa ser preservado para o cumprimento de sua destinação, essencial que é nesta parte da Sua obra. Eu deverei contribuir com esses trabalhos de um modo que ainda não me é possível compreender, submetido à condição humana como estou. Mas tempo virá em que saberei o que me espera por agora e o que deverei fazer quando da outra vinda — disse Jesus.

— Não esperava ouvir isto. Se é como dizes, o que agora será feito por ti terá o condão de confirmar o que sobre ti há muito foi anunciado por Zaratustra e pelas grandes vozes proféticas do teu povo, que fizeram soar neste mundo os ideais e as intenções do deus do teu povo, a quem chamas também de pai — explicou Mordon, como se esperando uma confirmação de Jesus.

— Sim, nasci para isso... aqui estou para cumprir a vontade do nosso pai criador dos humanos, no sentido em que assim ele o determina. Ao mesmo tempo, penso cumprir a vontade do Divino que dá sustentação à obra do pai dos humanos, por necessária que é para os anjos, os que estão na Terra e para ele próprio — tornou a dizer Jesus lentamente.

— Não sei se te compreendo. Meu modo de pensar humano não se eleva a tanto... e a minha parte divina permanece homenageando-te em silêncio, pois parece que estás a cumprir misteres que muito se elevam em relação ao modo de pensar dos que formam a nossa corrente⁶, ao dos anjos, ao daqueles que se perverteram e ao do próprio deus dos humanos.

O que mais foi dito sobre ti pelas vozes proféticas do teu povo? — questionou o velho druida.

— Ainda não estou pronto para a compreensão profunda do que ali está dito. Devo estruturar-me mais ainda na condição terrena para isso perceber. Contudo, pelo que lá está escrito com toda fidedignidade, não terei o privilégio que tiveste, ó Mordon. Não atingirei tantas luas quanto tu...

Aqueles dois seres especiais se entreolharam em silêncio, enquanto se deixavam homenagear pelas vibrações de entidades não humanas, que ali se faziam presentes em atitude de apoio e de respeito àqueles dois grandes seres que haviam deixado suas moradas celestiais para conviver com a humanidade terrena e ajudá-la, dentro das circunstâncias das missões específicas que haviam abraçado.

— Tens o poder do Alto, toda a autoridade, tens o verdadeiro poder e não irás utilizá-lo? Resistirás a utilizar o patrimônio que te é próprio para não se deixar afligir pelo peso da ignorância desta humanidade quando e se realmente chegares a essa hora? — voltou a questionar Mordon.

— Diante do que pretendo, de que me adiantaria? Espero que sim, se esta for a vontade do Pai. Contudo, não pretendo mesmo utilizar-me do patrimônio da minha alma para tornar cômoda minha trajetória na condição humana. Como também o fazes, estou submetido às condições do tempo e às coisas da Terra. Porém, diferente de ti, pelo que me imponho, o mérito do que faço conta para o progresso desta família humana... Creio, então, que se tiver de passar pelos sofrimentos e dificuldades naturais a esta condição, assim farei para o bem dessas nossas ovelhas — afirmou Jesus.

— Nossas ovelhas... Sim, amado filho desta humanidade, nossas ovelhas, mas, se bem percebo, são tuas ovelhas perante Aquele a quem chamas de Pai. Muito as amo, mas não sei se sofreria por elas o que talvez estejas tu disposto a sofrer. Por mais que as ame, não vejo merecimento delas para exigir-me a esse ponto. Somos irmãos em divindade, afeitos à coexistência maior, por sobre as rodas das vidas apressadas da Terra, isso o sabemos. Contudo, como outros da nossa irmandade, notadamente os que se vinculam às vidas nas terras dos brâmanes, ajudamos, apoiamos, educamos, testemunhamos, mas não atuamos no sentido de influenciar diretamente a história evolutiva dos que têm há muito vinculado seu progresso espiritual às vidas nesta

humanidade. A contagem do mérito da redenção dessas queridas almas presas nesse belo mundo só permite aqueles por elas amealhados. Se pretendes obedecer à ética amorosa que nos move, farás o que muitos da nossa irmandade há tempos não ousam fazer pelos da Terra. Por que decidiste isso realizar? — perguntou Mordon.

— O Pai... Ele estava se arquitetando para...

— Não poderia ser, Jesus... Isso não é aplicável a esta parte da Criação — interrompeu Mordon, dando livre vazão ao impulso que o dominou momentaneamente.

— Eu e meus pares na irmandade também achávamos isso... Contudo, foi o que, pela unicidade com Ele, percebi. Ofereci-me, de pronto, para fazer Sua vontade, mesmo sem ainda me encontrar devidamente estruturado perante as exigências que normalmente me obrigo a cumprir em questões desse porte. Aqui falo, ó Mordon, sobre a razão amorosa necessária a seres do nosso naipe para pacificar os questionamentos posteriores às decisões que somos obrigados a tomar no âmbito da administração celeste. Sobre a que me trouxe até este mundo, ainda não ousei concluir o cumprimento das tais exigências e, na condição em que agora me encontro simplesmente não o poderei fazer, mas suponho disso não precisar. Basta-me saber cumprindo o que o Pai faria se Lhe fosse aplicável cumprir. Meus pares, em nosso meio de origem, ainda agora não arquitetaram a compreensão total sobre o que decidi e o porquê de aqui me encontrar, propondo-me a interferir, com meu mérito amoroso, na redenção desta humanidade. Mas pretendo não confrontar forças com os que agora detêm o poder do mundo. Devo apenas, talvez, confrontar os valores que esta humanidade cultua, mas sem enfrentar as inteligências que representam essas forças dominantes. A elas me submeterei, quando chegada for a hora, se esta for a vontade do Pai — ponderou Jesus.

— Logo devo retirar-me desta condição e retornar para as mansões das Grandes Montanhas Sagradas⁷. Não creio que nossos pares que lá estão residindo saibam o que significa tua presença neste mundo... ao que te propões. Estarei contigo de qualquer modo, independente de para onde te levam as decisões que ainda tomarás. Devo dizer-te, meu irmão em unicidade, isso me é surpreendente e pensei não tê-las mais por aqui. Sabemos que o Criador Supremo nos encanta sempre, porém, aplicar-se a esse tipo de mister diante de situação tão objetivamente tida como dano à essência da harmonia da vida maior, não me é de fácil compreensão,

ainda que não estivesse submetido à condição de pensamento desta humanidade. Mas agradeço o que me disseste, o que me deixaste perceber. Sou-te grato, pois exercia meu mister amoroso pelos deste mundo sem me ocupar com alguns aspectos que o zelo operoso da tua alma como suserano desta parte da Criação acaba por demonstrar-me. Homenageio-te, menor que sou em disposição amorosa pelos que aqui estão — exclamou Mordon, com um timbre na voz até aquele momento não utilizado na conversa.

Imediatamente, Jesus se viu cercado por excelsas entidades que assessoravam seu companheiro, todas ligadas vibratoriamente à pessoa de Mordon que, com elas, homenageava aquele rapaz que ainda não havia aparecido para o mundo. O velho druida havia acabado de utilizar a força dos sons tão comum aos antigos praticantes da ciência perdida já naqueles dias.

Jesus, percebendo o gesto do companheiro, de pronto acrescido pelo atendimento que as entidades que o assessoravam espiritualmente fizeram ao convite do Velho Mestre para aquela singela homenagem, inclinou levemente a face como se as cumprimentasse, ao mesmo tempo em que agradecia as vibrações amorosas e de respeito a ele endereçadas.

Algun tempo depois em que ambos permaneceram em silêncio, Mordon tomou novamente a palavra para si.

— Os que aqui estão degredados, refiro-me aos líderes do infeliz degredo⁸, já te puderam perceber? Sabem ou desconfiam de que estás por aqui, nessa forma?

— Não, não o sabem e nem com eles ainda me associei em vibração. Não sei ao certo quando e como isso acontecerá, mas deve ocorrer em algum momento⁹. Afinal, esse é um dos motivos pelos quais aqui estou: para também abraçá-los com minha ternura — respondeu Jesus.

— E quanto a ti — perguntou Jesus por sua vez — chegaste a cruzar alguma vez com eles?

— Não. Talvez por não ter usado nossos sinais de unicidade com a Fonte Universal. Deles não cuidei em saber, confesso-o. Devem estar tão ocupados com suas questões de dominação, que não ousei sintonizar-me com essas coisas se disso não devo cuidar. O que me parece serás obrigado a fazer em algum momento.

— Por certo que sim, ainda que naturalmente, pois não pretendo realmente confrontá-los. Não o fiz e não o farei — ponderou Jesus.

— Ainda que saibas que outros irmãos teus em deidade teriam feito e o fariam se aqui estivessem? — questionou Mordon, ao mesmo tempo em que fechava os olhos.

— Sim, ainda assim, por ser inevitável o que percebi pela atitude do Pai... Ele o sabe. Pelo que sei e dele colhi, penso que se os tivesse apartado de algum modo e não simplesmente deixado correr livre a dispersão por eles promovida, sequer estariam agora, todos juntos, congregados neste mundo. Estariam, ainda, espalhados em muitas moradas, sendo focos de desarmonia, o que seria perigoso para outros mundos diferentes da Terra. Muito conversei com meus irmãos em deidade que me estavam próximos, quando das primeiras dificuldades, e pude notar que praticamente cada um deles — e aqui falo do conselho sideral que conheces¹⁰ e não dos que estavam residindo no sistema sede por aqueles tempos — tinha percepção e modo de atitude distintos para aquela questão¹¹, o que só acontece, como sabes, em casos de superlativo padrão de ineditismo. Foi quando me sintonizei em comunhão singular com o Pai e então percebi Sua intenção diante do livre-arbítrio expresso pelos decaídos — explicou-lhe Jesus.

— Por mais que atravessemos a eternidade ainda nos defrontamos com questões como esta, sem opção razoável de conduta, após acionados os mecanismos das leis, por força do livre-arbítrio dos seres. Leis justas e amorosas, mas cujas aplicações, para a desavisada condição humana deste mundo, parecem não existir. Porém, a tudo define colhendo as marcas dos caminhos da opção pessoal, seja esta qual for. Assim é para os degredados, como também para nós libertos em consciência com a divindade. Recordo-me agora daquela parcela dos decaídos que se exilaram por aqui, bem antes de a elite rebelde aportar na Terra. Qual é a posição deles perante as leis divinas? Será que algo evoluíram desde que interferiram decisivamente neste mundo? — tornou a questionar o velho druida.

— Não o saberia dizer, já que desde que me fiz humano nada sei a respeito deles. Contudo, pelos elementos de que disponho, penso que permanecem perdidos em torno da trajetória escolhida. Aqui vim também para promover, a partir da Terra, o apoio futuro para eles quando daqui tornarem a se aproximar. Estimemos que esta humanidade evolua

para bem recebê-los e poder ajudá-los sem retrocessos desnecessários — respondeu Jesus.

— Estimemos que sim — ponderou Mordon.

Escutaram o barulho de passos por entre a vegetação, o que indicava a provável volta de José de Arimatéia ao convívio de seus dois amigos.

— José falou-me a teu respeito como sendo um dos mais admiráveis homens a quem havia conhecido nas suas andanças. Mas ele não tem como saber que és um dos ungidos de Deus em missão neste mundo — comentou Jesus antes da chegada de José ao local onde se encontravam.

O velho druida apenas sorriu diante do comentário.

José de Arimatéia aproximou-se enquanto explicava que havia acabado de receber de um emissário a notícia de que no dia seguinte iria ser levado até uma reunião com o filho de um chefe celta, o que poderia redundar em bons negócios.

Depois das felicitações recebidas da parte de Mordon e de Jesus, sentou-se em um dos amontoados de peles.

— Bem menos curiosidade o patriarca Enoch¹² deve ter provocado nos seus familiares quando, acompanhado dos anjos, retornou da sua viagem aos céus para contar a seus familiares o que havia visto, do que a que sinto em torno da conversa de vocês — disse José por entre as risadas dos seus companheiros.

Mordon pediu a José que falasse mais sobre a história de Enoch, o que muito o alegrou, atendendo prontamente à solicitação e percorrendo o que era do seu conhecimento sobre sua figura envolvida pelo mistério do tempo. Em certo momento, José voltou-se na direção de Jesus e perguntou o que ele sabia sobre Enoch.

— Foi ele o primeiro a anunciar para esta geração o que houve no passado que terminou por dar origem a esta humanidade; foi ele o escolhido pela hierarquia a que pertenco para informar sobre os múltiplos painéis da vida eterna, que envolvem o que se passa neste mundo, por isso foi daqui retirado para poder perceber por si mesmo e melhor reproduzir o que viu; foi ele quem anunciou que no futuro, um dos membros da hierarquia divina viria a este mundo fazendo-se igual ao homem — por isso aqui estou — para, mais tarde, tendo feito a si mesmo

Filho do Homem, retornar no seu papel de membro dessa hierarquia para fazer valer o direito celeste dos que estão vinculados ao bem; foi ele o primeiro humano a surpreender os membros da hierarquia com sua retidão de caráter e a justeza das suas expressões pessoais, por isso não enfrentou a morte como se conhece neste mundo; foi ele a voz do céu que se fez escutar entre os daqui, anunciando, para o futuro longínquo, o julgamento do mérito moral de cada habitante desta geração de viventes deste mundo; foi ele a grande alma que deixou as sementes necessárias no jardim terrestre para que surgissem mais tarde as árvores que dariam todos os frutos no campo do esclarecimento para esta geração desmemoriada. Contudo, os que ligam suas sensibilidades ao maligno tomaram dessas sementes e as transformaram em pó, impedindo os que aqui vivem de poder enxergar mais além, permanecendo órfãos da verdade; é Enoch, por fim, o que ainda trabalha em torno desses mesmos misteres e tempo virá em que o mundo todo saberá da sua grandeza pessoal diante do Pai — pontificou Jesus.

José de Arimatéia, pretendendo aproveitar aquele momento que lhe era singular, perguntou a Jesus acerca de alguns aspectos presentes nas tradições judaicas, nas suas sagradas escrituras, que envolviam a narrativa sobre a presença de seres especiais em algumas páginas da história do seu povo.

— Jesus... tu és aquele ser a quem Enoch se refere como estando sentado no trono celestial? — principiou José de Arimatéia, com a hesitação natural em abordar aquele assunto.

Jesus sorriu diante da atitude desencontrada do amigo que, se por um lado desejava ardentemente aprofundar seu conhecimento naquele tema, por outro, sentia-se inoportuno, como se invadindo um território cujo acesso, na opinião que lhe era própria, talvez estivesse à altura dos deuses e não na de um simples e curioso comerciante. Assim pensava José e Jesus e Mordon percebiam claramente suas idas e vindas em torno do assunto.

— José, pacifique teu espírito porque somos todos participantes de uma mesma corrente emanada do Pai. Para os que são grandes de coração nada há que não lhes esteja afeito. Digo a ti, meu irmão, que me honra com seus inestimáveis préstimos e amizade, que de fato sou um dos seres que estiveram com Enoch quando de sua subida aos céus que envolvem este mundo. Alguns dos nossos, que trabalham nos céus, vieram à Terra para elevá-lo até as regiões do céu onde existem outras

moradas e foi lá, em uma dessas, que nos encontramos naquela oportunidade. Mas não sou o ser a quem nosso patriarca se refere; sou um, em uníssono com ele, e com todos os demais que estão unificados ao Pai Celestial — explicou Jesus.

— O ser a que Enoch se refere é o deus do nosso povo? — tornou a perguntar José.

— Sim, caro José, o ser a que Enoch se referiu não é o Pai Celestial, o Incognoscível, mas sim aquele a quem as nossas escrituras clamam como sendo o Eterno, o chamado Deus Imortal, o Eterno Vivo de Daniel, porque ele assim é desde os princípios dos tempos — disse Jesus, para complementar logo em seguida:

— José, entenda bem. Javé representava naquela oportunidade, na condição em que se encontrava, o que agora represento eu para o concerto das coisas deste mundo. Somos trabalhadores do Pai Celestial, o Amantíssimo, criador de todas as coisas, de tudo o que existe e que se encontra muito além do ser nominado por Enoch. O chamado Eterno Vivo de Enoch e de Daniel, ou seja, o deus do nosso povo, presta contas ao Pai Amantíssimo. Quanto a Este, aqui O representamos, como também o faz o Venerável Mordon, cada um de nós atendendo aos múltiplos aspectos de atuação do poder do Seu amor, que atua sempre e de muitas formas. Somos muitos que O representamos por toda a obra da criação. Javé, que reside para além das fronteiras deste mundo, também O representa, a sua maneira e nas suas circunstâncias de atuação, com é meu caso na Terra. Aqui, encontro-me a serviço direto do deus do nosso povo, mas atendendo ao mister amoroso do Pai Celestial. Somos os braços da Sua vontade, o hálito das Suas bênçãos que dá vida às formas ainda apartadas da comunhão consciente com o Pai.

— Mas o deus das nossas escrituras é tido como o Deus supremo... —ponderou José.

— Realmente, o pai desta humanidade foi confundido com o Pai Celestial, o que não poderia mesmo ser diferente. Passou, entretanto, a ser o deus de um único povo e o Pai Celestial o é de todos os filhos da sua casa universal, o que é bem diferente. Contudo, para a limitada forma de entendimento dos que vivem neste mundo, é natural que surjam muitos deuses que terminam assumindo as feições do Deus Pai. As escrituras sagradas de muitos povos costumam não fazer a necessária distinção por não ser possível mesmo à condição humana isso idealizar. Que seja! Contudo, é imperioso perceber que aquele a quem chamamos

de deus dos judeus é pai de todos os humanos. Ele utilizou e utiliza nosso povo como veículo... de redenção de todos os que vivem na Terra. É esta a sua estratégia, mas que somente poderá ser mais bem compreendida num futuro distante... ao menos é assim que penso — concluiu Jesus.

— Pelo que disseste, és aquele que esteve com Daniel, ao tempo do cativeiro do nosso povo na Babilônia? — questionou José.

— Sim. Era imperioso que me encontrasse com o profeta Daniel com vistas ao porvir. Minha porção não humana, que não pertence a este mundo, com ele se encontrou quando preparava o mergulho nesta condição em que agora me encontro. Um dia, no futuro distante, isso deverá ser explicado. Por agora, sequer posso arquitetar melhor entendimento, pelo fato de me encontrar na condição humana.

— Os dois seres descritos por Daniel eram os anjos de Deus que te acompanhavam? — José tornou a perguntar.

— Sim, são trabalhadores de outras moradas.

Percebendo que Jesus economizava as palavras diante daquele assunto, José mudou o curso da conversa, começando a falar das terras do Oriente distante.

1 Conjunto de populações celtas que habitava a Gália, território que hoje corresponde aproximadamente a França, Bélgica e Itália setentrional.

2 Sinédrio. O Grande Sinédrio – a Suprema Corte Judaica. A criação do Sinédrio é atribuída a Moisés. Na época de Jesus era composto por 70 membros, sendo um deles o Sumo Sacerdote, como juiz principal; 23 sacerdotes em uma Câmara Religiosa (normalmente composta de saduceus); 23 escribas que formavam uma Câmara Legal (normalmente composta pelos fariseus, que eram Escribas e Doutores da Lei) e uma Câmara Popular com 23 anciãos. Os judeus tinham extremo zelo para selecionar os membros do Grande Sinédrio. Cada um deles devia ter pelo menos 40 anos de idade e ter ocupado anteriormente pelo menos três cargos na hierarquia interna.

3 1.700 luas – 140 anos, aproximadamente.

4 Hierarquia Divina. Hierarquias Celestial e Divina — “Carma e Compromisso”, Jan Val Ellam.

Nos mundos do sistema de Capela residiam os seres que tinham a graça de privarem de maior e mais próxima convivência com o Mestre que, normalmente, deslocava-se repetidas vezes em visita fraternal.

Em Orbum congregavam-se os seres mais evoluídos dos sistemas que compunham, numa analogia com a situação governamental terrena, os “ministérios” dos diversos campos específicos da vida cósmica. Eram, na verdade, os seres que formavam o que poderíamos chamar de primeiro escalão. Residiam nesse planeta não mais que duas dezenas de milhões de entidades.

Nos outros mundos de Capela, como também nos demais sistemas planetários dessa parte da galáxia, congregavam-se os demais seres que formavam os diversos departamentos técnico-operacionais ligados aos chamados ministérios de Orbum.

É sempre importante frisar que, independente da posição funcional que o ser ocupe na grande organização intersistêmica, o ser cósmico terá sempre que desenvolver atividades comuns e peculiares a sua própria sobrevivência no mundo que lhe serve momentaneamente de berço planetário. Não nos iludamos. O trabalho existe em todos os níveis existenciais do cosmos e é importante fator de evolução. “O Pai trabalha incessantemente”, nos disse Jesus. Ele também!

Todos esses ministérios, departamentos e outras subdivisões se encontram harmoniosamente distribuídos dentro de um conjunto organizacional a que denominaremos de hierarquia celeste, de caráter bem diferente da hierarquia divina. Nesta última, não ocorre distinção de autoridade e/ou marco espiritual dos seres que a compõem, porque todos são unos com o Pai, tendo cada um deles função específica na representação e na atuação da Deidade; enquanto que, na hierarquia celeste, além dos aspectos funcionais e operacionais que são diversos e distribuídos pelas diversas classes de seres que a formam, também se agrupam em níveis de autoridade e por desenvolvimento espiritual das individualidades, formando um conjunto extremamente complexo e diferente de tudo o que existe nas formas organizacionais terrenas.

5 Terra dos descendentes do rei Bharata: Índia.

6 Mordon se referia à corrente dos seres unificados ao Pai Incognoscível, a quem Javé e os demais deuses criadores estão submetidos, como de resto está absolutamente tudo que existe sob a égide da Sua criação. Esses seres, pertencentes à corrente dos unificados, trabalham nos muitos universos e dimensões existentes.

7 Mordon se referia ao conhecimento então “esotérico”, comum aos iniciados, sobre as moradas situadas em dimensões outras vinculadas à cadeia de montanha do Himalaia.

8 Mordon se referia aos líderes da chamada Rebelião de Lúcifer cujos eventos se confundem com a doutrina dos anjos decaídos que, sendo expulsos dos céus, vieram habitar a Terra.

9 Jesus se referia ao que ainda estava por lhe acontecer no que viria a ser o dia da sua crucificação. Segundo o depreendido pelo autor terreno, o Mestre Jesus, ao tempo do encontro com Mordon, ainda não tinha pleno conhecimento de tudo o que lhe reservava o futuro. O fato aqui referenciado encontra-se descrito no livro “Reintegração Cósmica”, do mesmo autor.

10 A Hierarquia Celestial. A hierarquia celeste, mencionada pela primeira vez em Constantinopla em 532, ao longo de uma controvérsia. Nessa época atribuíram-se vários tratados teológicos, entre os quais A Hierarquia Celeste, a Dionísio, o Areopagita, convertido por São Paulo em Atenas e que se tornou, segundo a tradição, o primeiro bispo dessa cidade. (...)

O judaísmo antigo conhecia os querubins (um nome mesopotâmico) e os serafins. Depois, São Paulo distinguiu entre os anjos os “tronos”, as “soberanias”, os “principados” e as “autoridades”, aos quais acrescentou os “poderes”, mas sem hierarquizá-los. Em seguida os Pais da Igreja interrogaram-se sobre o número das ordens angélicas. Cirilo de Jerusalém e Crisóstomo enumeraram nove delas. O Pseudo-Dionísio confirmou e autenticou essa cifra, que integrou a uma organização global do mundo celeste, explicando a razão de ser de cada uma das nove ordens. (...) Dividiu a corte celeste em nove coros e os repartiu entre três hierarquias superpostas, situando o primeiro coro na vizinhança imediata de Deus, e o último, na dos homens. (...)

Assim, as três hierarquias e, nestas, as nove ordens, estão ligadas à maneira dos elos de uma corrente. “A pureza, a iluminação e a perfeição” que emanam de Deus comunicam-se da ordem superior até a última das ordens inferiores, e destas aos homens. A primeira hierarquia compreende os “serafins”, espíritos de fogo e de amor, os “querubins”, plenos de ciência divina e os “tronos”, também eles estabelecidos no patamar mais elevado do céu. A segunda é composta das “dominações”, que estão constantemente a serviço de Deus e dominam os outros espíritos, das “virtudes”, que comunicam a força divina às ordens inferiores, e das “potestades”, que prestam aos outros sua ajuda benévola. Enfim, a terceira hierarquia inclui os “principados”, os “arcanjos” e os “anjos”, estes últimos em contato direto com os humanos.

11 Jesus se referia ao conjunto de atitudes que foram tomadas pelos membros das Hierarquias Divina e Celestial em relação ao isolamento dos rebeldes e demais conseqüências que tiveram lugar nas muitas etapas da chamada Rebelião de Lúcifer.

12 Patriarca bíblico que foi levado aos céus, por ordem do Senhor Javé, para ter conhecimento do julgamento geral da humanidade que ocorreria no futuro, dentre outras notícias no campo da revelação. Escreveu mais de três centenas de livros, dos quais somente alguns poucos fragmentos foram encontrados e que correspondem ao Livro de Enoch e ao Livro dos Segredos de Enoch. De acordo com a Bíblia, Enoch foi levado aos céus sem passar pela morte física.

MORDON E A ÍNDIA



— MMORDON ESTEVE na distante terra do grande Açoka¹, ó Jesus. Esteve entre os brâmanes, que representam a classe sacerdotal dos indianos. Ele até tentou me explicar certas características do que viu por lá, mas parece ter desistido de ir mais além nas narrativas porque percebeu que me faltava conhecimento para melhor compreender os hábitos e modos dos que vivem por lá — disse José por entre sorrisos e um gesto suave de balançar de cabeça de Mordon, discordando da argumentação do amigo.

— Não mais falamos sobre aquelas terras porque abandonaste os amigos — devolveu Mordon, sorrindo francamente. — Realmente, Jesus, lá fui em uma das viagens que me atrevi a fazer, acompanhando uma delegação de estudiosos da cidade de Alexandria, da terra dos faraós. Contudo, como só acontece com os desajustados da sorte, porquanto artífices das infelicidades que povoam a vida neste mundo, ao tempo do general Júlio César e de Cleópatra, muito do que estava guardado nas bibliotecas daquela cidade foi criminosamente destruído, junto com a vida de preciosos guardadores dos mistérios do passado. Seguimos os caminhos das tropas de Alexandre Magno para chegar até aquelas terras distantes, o que não nos foi fácil. Mas conseguimos alcançar aquele lugar abençoado.

Mordon olhou fixamente para Jesus, como se a perscrutar o que ele poderia saber sobre o assunto que iria abordar. Percebendo, talvez, que seus dois interlocutores aguardavam com atenção sua narrativa, não se fez mais de rogado.

— Ali consegui localizar neste mundo um dos objetivos da minha busca... Pena que não pude fazer a ligação que pretendia com a linhagem do nosso povo, motivo maior do nascimento da minha alma com a presente personalidade. Foi somente lá, na terra de Bharata, que o plano do Alto conseguiu ter lugar sem problemas de solução de continuidade. Refiro-me à única linhagem sacerdotal que conseguiu se

fazer neste mundo já que, desde tempos imemoriais ali vem tendo lugar, nascimento após nascimento de incontáveis emissários do Alto, todos, absolutamente todos, com a precisa consciência de quem eram, sob a perspectiva mais ampla da consciência pessoal e do que estavam realizando neste mundo: que era a missão maior de preservar e realimentar a sagrada revelação ali fecundada no passado longínquo. E antes que esqueça, ó José, os brâmanes não são os únicos sacerdotes que por lá vi, na medida em que muitos outros grupos atuam no mesmo sentido, cada um com suas características singulares. Precisas ir lá, ó Jesus. Se tu és quem penso, seguramente te aguardam naquelas terras. Lá estão semeados os sagrados ensinamentos de como o ser humano pode, em uma única existência, emancipar sua consciência a tal ponto que poderá exercer a necessária soberania espiritual sobre seu modo terreno natural de pensar. É lá, naquelas longínquas terras, que reside o maior dos mistérios: o de permitir aos que buscam encontrar a si mesmos através do caminho da subordinação da natureza animal à supremacia da sua natureza espiritual a qual, ainda que presente no modo de pensar comum a este mundo, permanece adormecida por força da vibração forte, primitiva, animalizada, da sua porção humana.

José de Arimatéia não se conteve, interrompendo Mordon.

— Mas como, ó Mordon, como posso eu, enquanto homem, saber de coisas que não pertencem a esta realidade? Como posso saber quem sou, além do que penso sobre mim mesmo? Como é possível a um homem saber mais sobre si mesmo, além do que ele naturalmente pode pensar a seu respeito? Como pode um homem deixar de ser o que é para se tornar ou se transformar nisso... a que te referes?

— Sublimando seu modo de pensar, comum aos que vivem neste mundo, ó José. Fazendo sua natureza terrena dormir, mesmo quando está acordado; fazendo com que seus pensamentos e emoções do cotidiano não superem os nobres impulsos que lhe surgem do mais profundo do seu ser, fazendo com que esta componente aparentemente desconhecida a sua razão humana prevaleça naturalmente sobre seu modo de viver a vida. Associados a essa disciplina mental, exercícios que permitam o controle da respiração, que é a base da soberania espiritual sobre as emoções. É tudo, ó José, uma questão de prevalência do foco da consciência pessoal nessas questões; se a atenção do ser humano concentra-se nessa busca, naturalmente essa parte escondida de cada vivente neste mundo desabrochará tal qual a famosa flor do lótus dos sacerdotes da terra dos brâmanes: é a alma que passa a ser soberana em

pleno charco das condições humanas, nesse pântano terreno difícil em que todos vivemos, apesar de maravilhoso caminho que é para nos unirmos ao Pai.

Ao final das palavras do velho druida, Jesus permaneceu com os olhos fixos no chão, com um discreto sorriso na face, enquanto José de Arimatéia, com a delicadeza que lhe era peculiar, rogava a Mordon que lhe explicasse melhor o sentido da linhagem sacerdotal.

— Meu caro José. Aqui, entre os druidas, existe nossa linhagem, a qual desde as primeiras gerações do nosso povo vem construindo o corpo de conhecimentos que para muitos são misteriosos, mas que, na verdade, representam somente raios de uma luz que um dia ainda se fará visível aos olhos de todos. Penso que Jesus é uma das expressões dessa luz, que se encontra para além de tudo o que se pode imaginar e conceber aqui na Terra. Nós os druidas, não conseguimos expressar essa luz com as cores sonhadas pelo nosso colégio espiritual... infelizmente falhamos na forma, no conteúdo e na estratégia. Na terra de Bharata, entretanto, a linhagem sacerdotal dos que por ali passaram e ainda passarão, acertou na forma, ou seja, viveu e vive totalmente desapegada em relação às coisas do mundo. Desapegada no conteúdo, pois que a revelação verdadeira ali está em todos os detalhes possíveis de ser transmitidos a esta humanidade, e na estratégia, pois apesar de desconhecer-la, o fato é que, seja lá o que aqueles nossos irmãos e irmãs fizeram, o processo está em pleno curso e ativo. Penso que o que ali foi fecundado é imorredouro e as forças das trevas não mais têm poder algum sobre o que foi arquitetado nas terras sagradas de Bharata. Meu objetivo era trazer faíscas daquela luz para reacender a alma do povo no seio do qual renasci... mas não logrei êxito por muitos motivos. Pelo futuro que espera por essas terras, seja a ocupação contínua das tribos do meu povo ou mesmo a dominação crescente das forças de Roma, em nenhuma das opções que no momento podemos enxergar, creio ser possível a retomada dessas revelações por aqui, a exemplo do que ocorre na terra dos brâmanes.

— Digo-te mais, ó José: para além do que podemos enxergar neste mundo, existem três grandes estilos de trabalho redentor que, com o desenrolar dos acontecimentos, foram se constituindo como as opções possíveis a ser trabalhadas com vistas à redenção desta humanidade. Pessoalmente as denomino como sendo a linhagem sacerdotal dos patriarcas do povo a que pertenceis, que tem na força da disciplina o foco de todas as atitudes e ensinamentos emanados; a linhagem sacerdotal dos

brâmanes, da terra de Bharata, que tem na revelação e na prática imperativa da sua lei maior² e na união com o divino o combustível que transforma almas decaídas, como é o caso da quase totalidade dos que vivem na Terra, em unificadas ao Pai; e uma outra linhagem que em tempos idos já se pretendeu semear neste mundo, mas que não recebeu a guarida necessária, em termos de aceitabilidade da parte dos humanos ou mesmo na eficácia de alguns missionários que por aqui andaram. Não sei se tua vinda a este mundo, ó Jesus, tem algo a ver com esta linhagem? — questionou Mordon com extrema seriedade.

Decorreram alguns segundos enquanto o jovem Jesus permaneceu com os olhos fixos em algum ponto do chão.

— Num certo sentido penso que sim, ó nobre druida; se bem entendo, devo semear a mais lenta das revoluções, mas é a única capaz de edificar os alicerces tanto para os adeptos de uma ou outra das linhagens por ti referidas como e principalmente para os que caminham nas estradas escuras da ignorância terrestre. A doutrina do jugo suave, do dar sem esperar receber, do agir alinhado consigo mesmo, independente de tudo mais, e que tem na postura amorosa sua expressão mais perene como fator de edificação do reino do nosso Pai neste mundo. Contudo, como qualquer pessoa na Terra, devo ainda buscar a construção de um melhor entendimento sobre mim mesmo e sobre a realidade que nos rodeia.

— No contexto em que estás falando, a que pai te referes, ó Jesus? — perguntou José.

Jesus sorriu diante da pergunta do amigo.

— No caso, ó José, refiro-me aos dois pais, cujas atitudes e zelo se derramam sobre os que vivem na Terra. Contudo, entenda que há o reino de amor do Pai Celestial, que se expressa através da administração dos muitos pais criadores de moradas e de seres. Assim, o reino a que me refiro é o que de mais nobre, belo e superior pode existir no íntimo de uma pessoa e isso somente pode estar diretamente vinculado ao Pai Amantíssimo. Esse reino, todavia, faz-se presente no modo de vida dos seres que estão sendo administrados pelos pais criadores, à medida que eles evoluem na percepção de si mesmos e na arquitetura da construção da união perene com o Pai Celestial, que é pai e mãe de todos os pais criadores. A Terra é a nossa morada, administrada pelo pai dos humanos — que administra também a muitos outros mundos — sendo todos esses habitantes, seres que evoluem na direção do Pai Celestial, atraídos

inevitavelmente pelo Seu amor. Tudo que podemos fazer é dificultar essa atração ou nos deixar levar, como se crianças fôssemos.

— Dizes-nos então, ó Jesus, que nosso deus trabalha para que um reino ainda maior que o dele possa um dia, vamos dizer, envolver este mundo em que vivemos... como também a outros que existem... é isso, ó Jesus? — questionou José de Arimatéia.

— É exatamente isso, amado amigo. Por isso falei da mais lenta das revoluções, pois o reino a que me refiro somente pode existir na realidade exterior se for antes edificado no íntimo de seus cidadãos. A necessária disciplina que o deus do nosso povo tenta até hoje ensinar não tem sido suficiente para o despertar da percepção mais profunda que existe em cada ser humano. Mal tem conseguido educá-lo na sua expressão mais grosseira. Por isso, para além do que ele faz desde há muito pelo povo de Israel, tornam-se necessárias outras estratégias do Alto como maneira de ajudar na arquitetura da redenção das consciências dos que vivem neste mundo. Para isso estamos todos aqui, trabalhadores que somos do Pai Amantíssimo, submetidos aos esforços e à autoridade amorosa daquele que é chamado o deus de Israel, posto que lhe cabe a responsabilidade pelo processo em curso da sua obra criadora — respondeu Jesus, enquanto se voltava na direção de Mordon.

— Falando em outras estratégias do Alto que estão sendo levadas a efeito na Terra, ó Mordon, como bem o disseste, a que percebeste na terra de Bharata representa exatamente uma dessas missões em apoio ao trabalho do Senhor deste mundo, o deus do nosso povo a quem Moisés nominou de Senhor Javé. Os personagens que se integram na incessante tarefa de manter acesa a luz do esclarecimento espiritual profundo são grandes diante não só dos olhos do Senhor Javé como também aos do Pai Amantíssimo. Esta linhagem tem naquele a quem chama de Senhor Krishna seu principal alicerce...

— Como conheces o Senhor Krishna, ó Jesus? Quero dizer, nesta tua forma humana, como o conheces? — perguntou José num impulso.

— Como estou não o conheço, apenas escutei meu tio Cleofas se referir ao Senhor Krishna e a sua história quando retornou de uma viagem na qual, segundo ele, um sábio moldado à cultura dos helênicos e muito versado nas escrituras dos Vedas, passou quase três dias falando sobre as grandes almas da terra dos brâmanes, aos membros da caravana na qual ele se encontrava — respondeu Jesus.

— Espero, realmente, ó Mordon, um dia poder me dirigir a esta terra de mistérios... — principiou a dizer Jesus, logo interrompido de modo gentil pelo amigo José.

— Irás, ó Jesus. Se a vida me permitir iremos juntos, caso não, tu irás de algum modo. Isso te prometo. Toda a dificuldade que prevejo é convenceremos tua mãe quanto a essa empreitada — ao que sorriram todos perante o comentário de José de Arimatéia.

Continuaram a conversar sobre outras questões até que chegou o momento de José e Jesus fazerem o rápido percurso de volta ao vilarejo próximo, prometendo retornar no dia seguinte. O fato é que grande parte daquele dia havia se passado em torno da conversa dos reis com o velho druida.

No dia seguinte, José, Jesus e o grupo formado pelos druidas foram novamente ter com Mordon, que mais uma vez os recebeu com alegria generosamente exteriorizada. Tudo na sua figura era gracioso, desde sua singular figura de homem magro de idade avançada, mas sob cujo manto se podiam perceber os ombros largos e os braços musculosos como se houvesse realizado trabalho pesado durante muito tempo, que aparentava idade indefinida, com longos cabelos e barbas brancas. Seus olhos, de um azul acinzentado penetrante, pareciam perscrutar a alma de quem ele observasse, ao mesmo tempo em que acariciava com um sorriso espontâneo a quem dele se aproximasse. Era comentário comum entre os que tinham o privilégio de gozar da sua proximidade que seu magnetismo pessoal os impregnava de tal modo que sua figura parecia doravante fazer parte irremovível da cota de recordações pessoais de cada um.

Sentados ao longo do agradável ambiente que se fazia iluminar por uma grande cavidade algo irregular situada na entrada da gruta, e que permitia a todos perceber a belíssima vista do verde reinante no entorno da montanha e, mais além de um extenso vale com pequenos riachos que se estendia até outra pequena cadeia de montanhas mais ao longe.

— Conseguiu, ó Venerável, emprestar um pouco que seja da tua sabedoria aos que diante de ti vieram representar os reis do nosso povo? — questionou Dolman.

Mordon sorriu diante da pergunta irônica de Dolman.

— Parece não existir sabedoria disponível entre nós, ó Dolman, que nos dedicamos às coisas da alma entre os celtas, e muito menos da parte

dos seus reis. A influência que temos uns sobre os outros parece importar tanto quanto o canto de um pássaro perante o ribombar da tempestade. Para mim, foi impressionante perceber que o príncipe Sidarta³, sem jamais se referir a nenhum deus, conseguiu influenciar um imperador que séculos depois leria seus ensinamentos, transformando-o em modelo do que penso ser o melhor para os reis da Terra. Mas não o conhecemos por aqui. Na tua terra, ó José, o grande rei Açoka é conhecido? — perguntou Mordon.

— Não, não creio. Talvez somente por alguns que reúnam duas componentes diante da questão, penso eu. Acho que somente os que viajam em caravanas e tenham a curiosidade desperta para as coisas da vida, dentre os que são do meu povo, poderão algo saber. Infelizmente, meu povo é muito fechado em torno da sua própria história e esquece de observar e aprender com os que são realmente grandes exemplos para todos — respondeu José.

— Com o forte império de Roma disputando com os germanos e os celtas esta região, o que devemos esperar do futuro para estas terras, ó Mordon? — tornou a perguntar Dolman.

Mordon voltou-se na direção de Jesus, deixando os olhos repousar sobre ele durante algum tempo.

— Não saberia dizer, ó Dolman. Pelo que posso enxergar é prudente que nada esperemos para os próximos tempos. Esperemos ao menos que não piore e que os reis possam decidir sempre pela concórdia... afinal, existe espaço para todos. Deus criou possibilidades para todos os povos, para todas as pessoas... estimemos que os novos portadores da luz celeste possam iluminar os próximos passos de todos esses povos — respondeu Mordon, enquanto em silêncio novamente voltou os olhos na direção de Jesus, convidando-o a participar do assunto. Ele, porém, permaneceu calado. José, percebendo a descontinuidade entre a atitude de Mordon e o silêncio de Jesus, tomou a iniciativa de algo contribuir com o tema abordado.

— Os reis do meu povo sempre temeram ao nosso deus, mas nem sempre o obedeceram com o zelo que ele gostaria. Independente disso, muitas vitórias na luta da sobrevivência parecem mais ter vindo por conta da interferência do nosso deus do que propriamente por mérito, o que a meus olhos sempre pareceu singular. Por mais que me esforce, não compreendo como tudo aquilo foi possível no passado e hoje nos encontramos na situação de domínio romano, sem a menor perspectiva

de liberdade. Vejo o futuro com as mesmas cores que vejo o presente e, sinceramente, não observo muita diferença entre os que vivem subjugados e os que dominam. Todos parecem padecer das mesmas doenças e dos mesmos problemas. Observo, entre os subjugados, pessoas livres e felizes, de bem com a vida e com os outros, enquanto que entre os dominadores muitas vezes percebo a podridão e a miséria da vida que levam. Miseráveis e felizes parecem assim existir entre todos os povos, independente de ser livres ou oprimidos. Creio que é uma questão que transcende a quem é império ou não... Enfim, viver na Terra é um desafio, e dos grandes. O passado é complicado, o presente, mais ainda; quanto ao futuro... que tenhamos algum nos esperando — concluiu José.

Por entre sorrisos alguns dentre os druidas procuraram tirar dúvidas sobre o significado de outra expressão utilizada por José, a partir da tradução que sempre um dos presentes fazia, quando necessário era, para a compreensão de todos.

— E quanto a ti, jovem judeu, o que pensas sobre o futuro e por que nada disseste quando Mordon te convidou a...? — principiou a dizer Dolman, dirigindo-se a Jesus, quando foi fraternalmente interrompida por Mordon.

— Oh, querida filha, deixemos Jesus refletir sobre nossas impulsivas opiniões. Afinal, nós, celtas, somos impulsivos e pouco reflexivos, o que se torna mesmo ausência de bons modos querer escutar as palavras de alguém que não tomou iniciativa nesse sentido, talvez preferindo escutar e refletir, não é mesmo? — disse o velho druida, tentando deixar Jesus livre da inquisição da parte de Dolman.

— Não há problema — disse Jesus, após José ter lhe explicado em tradução rápida o que Dolman havia dito na linguagem do seu povo, enquanto se voltava sorridente para a druidisa. — Penso mesmo que o povo menos indicado para exercer o mando sobre os demais é exatamente aquele a que pertença por nascimento. Contudo, de todos os outros povos que conheci até o momento, nenhum me parece qualificado, sob a perspectiva da sabedoria moral e da retidão de conduta, a exercer esse mister. Do que deduzo não existir boas possibilidades para o futuro, seja ele próximo ou distante, independente do que possam os portadores das luzes celestes acender neste mundo para ajudar a caminhada desta humanidade — disse Jesus olhando para Mordon.

— Penso mesmo, continuou Jesus, que antes que ocorra o que o deus do nosso povo vaticinou como sendo a separação dos bons e dos maus que ocorrerá no grande dia do julgamento, a qual permitirá então aos bons exercer o jugo sobre a Terra, não veremos exemplos louváveis na Terra a não ser em casos isolados. Assim, permaneci em silêncio porque não havia, em minha opinião, nada de agradável a ser dito. Ressalto, apenas, que tentei utilizar na minha linguagem os conceitos dos profetas, mas eu substituiria os “bons” pelos esclarecidos e despertos e os “maus” pelos ignorantes e tendentes à desagregação e à manipulação dos mais fracos — explicou-se Jesus.

— Falas dos bons e dos maus... realmente, parece que as partes que compõem a vida na Terra jamais se uniram em torno de um ideal comum. Sempre trabalharam, conscientes ou não, na desagregação da família humana, no sentido maior, e na divisão em povos, reinos, tribos, vilas, seitas, grupos, enfim, até tudo convergir para o império do individualismo disfarçado nessa aparente pluralidade — pontificou Mordon à guisa de reflexão.

— Realmente, ó Mordon, se não for o amor entre as pessoas a unir essas partes, o que conseguirá mantê-las harmônicas em torno de um objetivo comum? — ponderou Jesus.

— De fato... de fato o dizes com sabedoria. Essa é a questão maior do problema terreno. Começo mesmo a vislumbrar, ó Jesus, o grau de dificuldade do teu testemunho, se bem o concebo. Nem mesmo no deus do teu povo tu encontras a guarida e o suporte necessários para assim proceder. É isso mesmo o que também tu pensas, ó Jesus? Teu testemunho do jugo suave, do amor como forma de atuação humana na arte de dar sem esperar receber, desarmando assim todos os espíritos doentes e apegados aos vícios das emoções, como nos ensinou Sidarta, é isso que esperas tu semear neste mundo? Tens o apoio do deus do teu povo para tanto, ó Jesus, já que ele age de modo a impor, disciplinar, subordinar pelo jugo do temor, da obediência e da submissão? Tens de fato o apoio do deus de Israel? — questionou Mordon com acento grave na voz.

Todos permaneceram em silêncio durante algum tempo enquanto alguns dos druidas presentes procuravam compreender — o que se percebia pelo modo como trocavam discretamente olhares entre si — o teor do que permanecera nas entrelinhas das ponderações do velho druida.

— Creio que sim, ó Mordon, mas não estou completamente certo. Como te disse, quando conversávamos eu, tu e José, careço ainda de melhor compreensão sobre o que me espera... neste mundo. Mas confio plenamente no meu pai que me enviou, o deus do meu povo, apesar de saber que todos agimos em nome do Pai Amantíssimo, a quem me dedico em unidade — concluiu Jesus.

A conversa continuou por algum tempo até que o adiantado da hora os obrigou a iniciar as saudações de despedida, o que fizeram entre abraços e inclinações de suas faces de modo respeitoso perante o velho druida da montanha. Este, ao despedir-se de Jesus e de José, abraçou-os ao mesmo tempo, como se em silêncio aqueles três homens singulares dissessem todas as palavras necessárias a momentos como aquele.

1 Açoka. O Bem-amado imperador budista que fez brilhar o milagre indiano sobre toda a Ásia.

No ano 326 a.C. os macedônios, comandados por Alexandre Magno, desistiram de expandir suas conquistas para o leste, além do rio Beas, um afluente do Indo. Alexandre voltou para casa e nomeou seu general Seleucos para substituí-lo à frente das províncias orientais. Seleucos casou seu filho com uma princesa indiana, filha do imperador Candragupta do Magadha. Açoka era neto de Candragupta, que subiu ao trono do império indiano da dinastia dos Maurya e se converteu ao budismo. Essa conversão mudou o curso da história da Índia e talvez o da história do mundo. Por volta do ano 250 a.C., Açoka travou uma sangrenta batalha com o rei Kalinga, cujo reino tornou-se vassalo do vencedor. O horror que o indiano sentiu ao vivenciar essa guerra transformou a vitória em fonte de remorsos. Depois de algum tempo, ele decidiu adotar as regras de vida pregadas pelos budistas. A partir daquele momento, não cessou de aplicá-las por toda a extensão de seu império, mandando gravar em rochas ou pilares erguidos para este fim nos quatro cantos do seu imenso domínio, certo número de éditos que testemunham ainda hoje suas intenções éticas no exercício de seu poder. Em 1958 foi descoberta em Kandahar, no Afeganistão, uma série de inscrições desses éditos, escritos em três línguas: armênio, grego e páli, o que significa que as populações daquela época eram pluriculturais e pluriétnicas.

Açoka defendia a liberdade de culto e dizia a seus súditos: “Vejam como me comporto: façam o mesmo se quiserem provar a felicidade”. Açoka tornou-se vegetariano e quase toda a população do seu império, por respeito e admiração, tornou-se também vegetariana.

“Que meus filhos e netos não contemplem mais nenhuma conquista militar; que se empenhem apenas em submeter os corações dos homens ao dharma da compaixão e da felicidade”.

2 Mordon se referia ao Sanatana Dharma, que é a Lei do Caminho para a Verdade Superior.

3 Sidarta Gautama – o Buda (563 a.C. – 483 a.C.).

RETORNO AO LAR



OS DIAS FORAM PASSANDO enquanto a caravana de José de Arimatéia fazia agora o percurso inverso, com pequenas variações, no retorno às terras da Palestina.

A alegria dos frutos colhidos, tanto os pertinentes às atividades comerciais como também no campo dos encontros e reencontros da vida, misturavam-se agora à ansiedade do retorno ao lar.

José e Jesus conversaram bastante sobre o aspecto político existente naqueles tempos na disputa travada pelos romanos, os germanos e os celtas pelo domínio das terras da Europa. Notadamente na relação que puderam perceber entre os reis celtas e seus sacerdotes, o que os diferenciava por completo do conhecimento que os dois tinham do modo como os romanos lidavam com aquelas questões. Em torno desses assuntos e de outras curiosidades do modo de vida dos celtas, portanto, foram as conversas dos primeiros dias da viagem de volta.

Já quase a meio percurso, em certo fim de tarde, quando se organizavam para passar a noite em uma pequena elevação de terra, os membros da caravana foram surpreendidos por uma espécie algo estranha a seus olhos, de um cachorro que, tendo surgido por entre a vegetação, postara-se parado, rosnando como se em posição de ataque diante dos homens que, assustados, correram para pegar suas armas.

O próprio José de Arimatéia havia sido também surpreendido pela rapidez como tudo havia ocorrido e simplesmente se afastara rapidamente do local na busca de proteção.

Quando os homens já se dividiam estrategicamente para abater o animal, Jesus, que se encontrava sentado a certa distância, pôs-se de pé, caminhando lentamente na direção do cachorro, enquanto pedia aos demais que aguardassem um pouco. Como todos pararam e somente Jesus agora se movimentava na direção do animal, este fixou seus olhos

em Jesus enquanto lentamente diminuía o ritmo do rosnado, voltando a apresentar certo relaxamento no rosto.

Ocorreu então uma cena singular, que José de Arimatéia e os demais membros da caravana jamais puderam compreender.

Jesus foi se inclinando lentamente até pôr os joelhos no chão, enquanto seu corpo repousava sobre as pernas e os calcanhares. Estranhamente, quase ao mesmo tempo, o cachorro estendeu suas patas dianteiras um pouco adiante enquanto deitava-se sobre as patas, sem deixar de observar o homem a sua frente. A distância entre os dois era de aproximadamente dois metros. O cachorro, por fim, repousou a cabeça sobre as patas dianteiras, e assim permaneceu até que Jesus voltou a se levantar lentamente, no que o animal o imitou.

— Este animal está simplesmente defendendo alguém que lhe é muito caro e que deve se encontrar ferido em local aqui próximo. Observemos se ele nos leva até o local, já que agora está calmo — disse Jesus ainda olhando para o animal. O interessante é que este, voltando-se repentinamente sobre si mesmo, voltou pelo mesmo caminho por entre a vegetação e, alguns momentos depois, chegaram até onde se encontrava o corpo deitado de um homem já de certa idade, cheio de ferimentos e já sem vida, o que foi lamentado por todos.

— Certamente foi vítima de ladrões, já que esta região está infestada desses bandidos — comentou um dos homens armados.

Jesus nada disse enquanto com um dos joelhos no chão observava o rosto do cadáver. O cachorro permanecia a seu lado, só que um pouco mais atrás. Começaram a tomar as providências de praxe naquelas situações, quando foram surpreendidos pela chegada repentina de alguns homens que procuravam pelo desaparecido, dentre os quais, alguns de seus familiares. O cachorro, ao perceber alguns que lhe eram conhecidos, deles se aproximou durante algum tempo, enquanto as explicações sobre o provável desenrolar dos acontecimentos ocorriam de ambas as partes.

Jesus afastou-se um pouco, deixando a José e seus homens a conversa amistosa e algo pesarosa que era mantida com os familiares e empregados do homem, que fora morto pelos bandidos que atuavam havia algum tempo naquela região, conforme explicado pelos entristecidos familiares.

José os convidou para permanecer com eles até o dia seguinte, mas teve sua oferta gentilmente recusada, pois havia a imperiosa necessidade

de retorno ao vilarejo ali próximo, onde muitos aguardavam alguma notícia, e logo a lua surgiria no horizonte ainda com seu fulgor de lua cheia, o que facilitaria o lento deslocamento que se obrigariam a fazer levando o corpo.

No dia seguinte, com o sol já a pino, para surpresa de José e dos demais membros da caravana, o mesmo cachorro da noite anterior surgia agora pelo caminho, atrás da caravana que em fila lentamente se deslocava.

Jesus, que se encontrava em um dos primeiros carros, sorriu também surpreso ao perceber o cachorro latindo na sua direção, enquanto se movimentava ao lado da carroça. A uma ordem de José todos pararam, ao mesmo tempo em que Jesus, já no chão, estendia as mãos na direção do grande cachorro, que as cheirava abanando a cauda. Seguiram todos, logo depois, e ao longo do caminho não foram poucas as conversas sobre o que haveria de ter acontecido para o cachorro deixar seus antigos donos para trás e seguir a caravana, até encontrar o que parecia ser seu novo dono.

Em dada oportunidade José, que não mais cabia em si de curiosidade, resolveu deixar de lado o elegante silêncio mantido até então.

— Jesus, desculpe, mas tenho de perguntar. O que houve para que nosso mais novo caravaneiro agisse como agiu?

Jesus sorriu diante da indagação.

— A capacidade que tenho de amar a todas as criaturas engendradas pelo pai Javé, o deus do nosso povo, em flagrante oposição ao sentimento de todos os demais, que era de medo e autodefesa, deve ter chamado a atenção do nosso amigo. Pelo que penso, esses nossos irmãozinhos têm uma capacidade ativa que as pessoas parecem infelizmente tê-la ainda de forma latente, tal qual uma semente que ainda não desabrochou. Neles parece existir naturalmente, nas pessoas torna-se necessário uma espécie de despertar espiritual para que possam então perceber... — Jesus interrompeu a frase como se estivesse procurando as palavras adequadas para continuar, enquanto fixava os olhos no cachorro, que agora caminhava ao lado da carroça em que se encontrava. José permaneceu expectante, enquanto lhe foi possível, aguardando o final da formulação do pensamento de Jesus, que tardava a vir. Em certo momento não mais se conteve.

— Jesus... perceber exatamente o quê?

Jesus voltou-se então para o amigo e, com o discreto sorriso que quase sempre se fazia presente na sua face quando era obrigado a falar de si mesmo, emendou:

— Nosso irmãozinho percebeu naturalmente o sagrado que existe em mim, Aquele em que meu eu terreno repousa, Aquele que é tudo em mim, em ti, nele e em tudo que nos envolve. Pelo fato de ele não ser obrigado a pensar, como as pessoas fazem, o sagrado nele reconheceu de modo irresistível o sagrado que há em mim e que atua de forma viva, ativada, semente que sou já desabrochada do amor do Pai atuando na permanente caminhada que todos temos ao longo da eternidade, compreendamos ou não. De outro modo, te diria que o eu do nosso irmãozinho sabe quem somos eu e tu, ó José. Minha mãe querida, meus irmãos e amigos não o sabem. Coisas estranhas acontecem na Terra...

— Pelo modo com tu observas esses nossos irmãozinhos, e assim te digo porque já te vi observando-os detidamente... quero dizer, o que aconteceu agora já deve ter ocorrido algumas outras vezes?

— Sim, José, já ocorreu algumas vezes. Devo dizer que também me surpreendi com esses fatos desde meus tempos de criança. Hoje sei que também vim para eles, filhos e filhas que também o são do nosso pai criador, aquele a quem chamamos de deus do nosso povo...

— Ó Jesus, como eu gostaria de compreender... — percebeu-se José interrompendo seu amigo que, sorridente, rematou:

— José, caro amigo e benfeitor, tente compreender o seguinte: na alma humana... Ou melhor, no modo de pensar do homem e da mulher da Terra, existe o que podemos chamar de os três espaços sagrados da alma, ou de os três compartimentos da nossa casa terrena, que precisam todos ser cuidados zelosamente para que a habitação humana das nossas almas possa ser profícua, pacificada e feliz. Chamo-os, nas minhas reflexões, de a forma humana que nosso pai Javé nos deu, o espírito que anima a cada um de nós, presente de outros pais e o sagrado em nós, que é a presença divina em cada ser. Eu atuo nos três...

— Não sei se te posso compreender, ó Jesus...

Riram-se e continuaram a admirar a lenta substituição das belas paisagens que adornavam o caminho.

O resto de boa parte do tempo da viagem de volta encontrava quase sempre os dois amigos calados, contemplativos e com o foco da atenção nas reflexões sobre as muitas conversas ocorridas.

Em dado momento, José perguntou a Jesus sobre o sentido da vida.

— Para além do modo como se vive neste mundo, e mesmo nesta casa universal, o sentido pleno da existência é o exercício da co-criação constante com o Pai, pois somos todos trabalhadores e mantenedores de uma grande obra. Por ora, porém, para o limitado alcance da compreensão dos que vivem na Terra, o sentido da vida é a percepção de que, para além desta tua personalidade, ó José, existe outra bem mais ampla e profunda, que repousa na união com o Pai. É disso que te falava quando da nossa última conversa. Longo e maravilhoso é este caminho percorrido na solidão dos nossos melhores momentos. Em outras palavras, ó José, é a descoberta do Pai em cada um de nós, já que somos todos centelhas e personagens do seu amor. Quando isso percebemos e disso temos a devida consciência, tornamo-nos um só com Ele. É o fim de todos os mistérios, de todos os medos e a vivência plena de tudo que há de mais belo.

— De fato, ó Jesus, aprendi desde a juventude que o sentido da vida era o de perceber a chama divina em nós e em cada pessoa. Isso me foi ensinado por um mestre muito versado nos conhecimentos dos mistérios dos helênicos — apontou José.

— Eu, porém, te digo que essa chama encontra-se em cada ser, mesmo naqueles que ainda não construíram seu modo de pensar à moda dos humanos. Cada animalzinho da natureza deste mundo traz consigo a chama do Pai, ainda que num estado menos ativo do que como ela se expressa no caso das pessoas da Terra. Na verdade, essas árvores também... mas é difícil falarmos sobre isso — emendou Jesus.

— Nem mesmo os grandes sábios e doutores da lei dentre nós o logram fazer, ó Jesus. Nem os da Judéia o conseguem — ironizou José sobre a mania de grandeza que os nascidos na região da Judéia ostentavam em relação às demais facções do povo judeu.

Após alguns sorrisos e comentários de ambas as partes sobre a questão, Jesus perguntou a José sobre alguns hábitos culturais dos judeus da geração de José.

— Que seja do seu conhecimento, ó José, desde quando os habitantes da Judéia acham que os da Galiléia, os da Samaria, somente

para me referir a estes, não pertencem à linhagem de Jacó¹?

— Não saberia te responder. Pelo que me recordo, sempre percebi essa arrogância das famílias da Judéia em relação às demais. Para as mais radicais, sequer essas outras descendências deveriam ser consideradas como judeus de fato e de direito. Esse assunto sempre foi motivo de muita discussão nas reuniões do Sinédrio. Eu mesmo já fui convidado a delas participar, notadamente das que abordavam questões que implicassem em conhecimento de outras regiões do mundo. Por força dessas viagens que faço, fui tido como conselheiro algo especializado nesses assuntos. Mas a ala de pensamento à qual pertenço, sobre essa questão, jamais conseguiu provar a possível filiação de certos grupos às chamadas dez tribos perdidas de Israel. Mas nunca fomos vencidos, porque até hoje os samaritanos e galileus são, de direito, considerados tão judeus quanto qualquer indivíduo da Judéia, apesar de sofrerem alguma rejeição em certas situações... — explicou José de Arimatéia enquanto observava seu companheiro de viagem.

— Já pude perceber por mim mesmo esse preconceito, realmente não de todos os da Judéia, mas de alguns poucos — comentou Jesus.

— A questão toda se resume ao seguinte: para os judeus tradicionais, somente as famílias cuja linhagem é comprovadamente de descendência das duas tribos do Sul que formavam o reino de Judá, ao tempo das doze tribos de Israel, é que podem ser consideradas legitimamente judaicas. Como as outras dez tribos do Norte, que formavam o reino de Israel, foram feitas prisioneiras e tiveram de se distribuir pelo vastíssimo império assírio que as conquistou, desde então os mais tradicionais consideram essa dez tribos como perdidas, não sendo possível traçar com a segurança exigida pelos que formam essa ala, qualquer descendência em relação a elas.

— Devo entender que a ala a que pertences defende a tese de que nós, os galileus, como também os samaritanos, seríamos descendentes dessas tribos perdidas? — questionou Jesus.

— Mais que isso, ó Jesus, observe a tonalidade da pele da tua família e dos teus vizinhos na Galiléia. Muitos dali têm a pele mais clara que a minha, que sou da região da Judéia quase fronteira com a Samaria, além de outros caracteres raciais como o tipo de cabelo, a altura média, como se realmente tivessem algo dos traços dos povos com os quais acabamos de nos avistar, notadamente os situados próximos ao lago do céu entre as montanhas. Quem sabe se em tempos idos o vastíssimo

império assírio não teve contato com os povos situados ao noroeste, um pouco acima da região onde surgiu o império de Alexandre, filho de Filipe? Quem sabe se os traços que tens, muito parecidos com os de tua mãe, não têm descendência dos povos daqueles tempos?

Jesus sorriu diante do comentário de José, deixando seu pensamento correr até sua mãe.

— Os familiares dizem que eu, Judas e Rute somos em tudo semelhantes às feições da nossa mãe, enquanto Tiago e os demais lembram os traços do nosso pai José — comentou Jesus.

— De fato, realmente tua família apresenta traços singulares... Porém tu és a expressão maior dessa singularidade, ó Jesus, pois tua semelhança com Maria é no campo dos detalhes. És, entretanto, diferente em tudo dos demais familiares e em relação aos segmentos do nosso povo. Observei-te, agora, entre pessoas de diferentes padrões raciais, ao longo da viagem e, realmente, tu és detentor de um perfil único. Teu irmão Judas se assemelha a ti, mas nos detalhes é bem diferente. Ao tempo dos nossos antepassados, seguramente serias tido como um dos filhos dos deuses. Porém, desde o tempo do profeta Daniel, parece que esses a quem assim chamamos se esconderam da humanidade, já que deles somente temos notícias nesse distante passado. Para mim, com segurança, foi ao tempo de Daniel que eles se deixaram mostrar pela última vez, interferindo na história dos homens. Assim digo porque não dou maiores créditos às notícias da presença desses seres desde então — disse José de Arimatéia.

Jesus nada comentou, limitando-se a olhar de vez em quando para seu companheiro. Passados alguns momentos, José começou, algo hesitante, a tentar retomar o curso da conversa.

— Será que estaria muito equivocados... se hoje eu pensasse que aqueles seres não mais aparecem nas suas formas originais porque alguns deles começaram a se fazer humanos para ajudar esta humanidade?

— Realmente, ó José, és um dos poucos a ter visão profunda sobre alguns dos chamados mistérios com os quais esta humanidade se defronta. Devo, porém, te dizer que ainda não tenho todos os elementos de que precisaria para referir-me a esse assunto com total conhecimento. Ainda assim, posso dizer-te que da minha linhagem celeste, realmente aqueles chamados de anjos hoje apenas me acompanham, já que me fiz humano para cumprir o plano divino do nosso Pai. Existem, porém,

outras linhagens de trabalhadores do Alto que já se fazem humanos há muito tempo dentro do mesmo propósito de ajudar esta humanidade — explicou Jesus.

— Tu os percebes? — perguntou José.

— Sim, sempre que se aproximam, mas nada conversamos até o momento. Contudo, sei quem são, apesar de não saber ainda o que têm a me dizer, se é que algo têm a fazer nesse sentido.

— Como sabes quem eles são, mesmo agora? — tornou a perguntar José, referindo-se à condição humana de Jesus.

— Fiz-me humano, ó José, mas não perdi minha condição celestial. Em tudo sou igual a qualquer um dos daqui, porém minha alma, as forças de que naturalmente disponho, os sentidos de percepção que me são próprios, tudo isso em mim continua desperto e atuante, apesar de meu corpo ser tão humano quanto o teu ou de qualquer outro homem. Essas coisas, José, não pertencem às riquezas terrenas, adquiridas com este corpo, mas fazem parte do patrimônio da alma, aquele que é imorredouro e que ninguém pode roubar. Quando essa riqueza espiritual é, digamos, superlativa, de ordem divina, o que se perde desse poder com a investidura de um corpo humano, apesar de considerável, é relativamente pouco, o que ainda permite ao ser que é portador dessa condição celestial se expressar com as potências da sua alma, que é a sede natural da consciência de cada ser. Assim, o conhecimento adquirido, os painéis da memória e a força de expressão que é própria a cada ser nessa condição permanecem ativos — explicou Jesus.

José estava encantado e ao mesmo tempo assombrado com a simplicidade da explicação de Jesus para um assunto tão complexo e que era motivo de estudo para ele desde os tempos da juventude.

— Minha forma humana, ó José, é produto de um processo sobre o qual nada posso dizer porque não tenho meios para explicar, pois faltam-me os termos que seriam adequados. Porém, esse processo me permitiu ter um corpo humano algo semelhante à minha forma celestial e adequado às feições da minha mãe — complementou Jesus.

— Sei sobre teu nascimento... singular, ó Jesus. Sei disso pelas inevitáveis histórias que surgiram logo após as visitas algo estranhas que teus pais começaram a receber de pessoas vindas de muito longe, para ter certeza do nascimento daquele a quem esperavam e sobre quem os céus

havam feito noticiar em muitos quadrantes deste mundo — disse José, para logo emendar — Posso te fazer uma pergunta... estranha?

Jesus apenas sorriu em resposta enquanto permanecia olhando sorridente para o amigo.

— Como és... na tua forma celestial?

— Lembra-te da descrição de Daniel sobre o ser que estava sobre o rio, com o qual ele falou? — devolveu Jesus.

— Sim...

— Era eu, na minha forma celestial, quando me fiz presente com dois dos meus amigos celestiais diante de Daniel. Ele foi muito feliz nas descrições que fez sobre o que para ele foram aqueles estranhos fatos então ocorridos.

— Ah! Jesus, quanto há ainda para eu compreender dos mistérios que te cercam — ponderou José.

— O interessante é que eu também, ó José, ainda preciso descortinar por mim mesmo tudo o mais em torno da minha posição na Terra. Posso até saber muito do que precisaria sobre mim mesmo e das coisas do céu. Contudo, em relação ao que preciso fazer nesta vida, do que me espera e de tudo o que pode e deve ocorrer doravante, tudo isso preciso ainda descobrir com meu próprio esforço, compreendes, ó José? — perguntou Jesus.

— Creio que sim — disse José, enquanto se esforçava para não mais endereçar perguntas a seu jovem companheiro, o que conseguiu durante algum tempo. Contudo, obedecendo a um impulso, tornou a dirigir-se a Jesus.

— Pensas em casar-te e constituir família?

Jesus olhou para seu fraternal inquisidor demonstrando surpresa diante da pergunta, permanecendo em silêncio durante algum tempo.

— Penso que não me será dado isso fazer. O legado que deixaria para os descendentes seria um fardo muito pesado, independente do que venha a realizar nesta condição humana. Mas não te saberia dizer ao certo sobre essas questões, pois para além do que me está reservado enquanto homem há ainda a interação do meu livre-arbítrio com a parcela das opções e posturas daqueles que me cercam. Por mim mesmo, não tenha dúvida, gostaria, e muito, de levar adiante a linhagem dos

meus parentes, mas, por quem sou, não sei se me é dado isso fazer. Economizando tuas perguntas — disse Jesus por entre sorrisos — a minha frente estende-se um horizonte que desconheço e somente a seu turno deverei descortinar as possibilidades do futuro, como ser humano que por enquanto sou. Nada há na minha condição humana que contradiga o que me é possível vivenciar conforme o cabedal de potencialidades do meu espírito. Se algo, no campo das realizações humanas, for contraproducente à minha condição maior, esta prevalecerá sobre aquelas. Mas não me é possível hoje verbalizar sobre essas questões sem correr o risco de cometer os naturais equívocos de interpretação, aspecto no qual também posso incorrer. Quando isso ocorrer, e muitas vezes, ó José, já me percebi em equívoco na interpretação de fatos e circunstâncias da vida, seguramente minha condição maior naturalmente direcionará minhas atitudes para o que me é plausível e conveniente realizar. O Pai, em mim, é quem me comanda e não meu eu menor, terreno; este pode equivocar-se quando esquece de ser apenas o personagem do Pai agindo neste mundo.

— Tua mãe sabe dessas tuas idéias sobre o casamento? — tornou José a questionar de modo algo irônico.

— Por ela talvez eu já devesse ter-lhe permitido encaminhar conversas nesse sentido em duas oportunidades. São histórias, ó José, que sabemos como começam, mas que simplesmente acabam não se concretizando, seja porque as mães não deveriam sequer começá-las ou mesmo porque não são concernentes à arquitetura do destino das personagens envolvidas. Coisas das mães que tanto amam seus filhos e filhas — concluiu Jesus sorridente.

1 Preocupação sobre a qual, mais tarde, alguns evangelistas iriam fazer referência descrevendo a genealogia de Maria para demonstrar que, apesar de pertencer ao segmento dos galileus, ela e Jesus eram judeus legítimos.

OS SONHOS DE UM JOVEM GALILEU



MARIA NÃO CABIA em si de contentamento. Seu filho primogênito finalmente havia voltado. “A vida readquiriria as mais belas cores”, pensava consigo mesma. Esforçara-se muito para não demonstrar a grande contrariedade que sentira quando se obrigara a permitir a viagem do seu primogênito. Havia orado bastante para o deus do seu povo, rogando que Jesus retornasse em paz, afinal, não eram raras as caravanas que eram assaltadas, fosse por bandidos ou mesmo pelos grupos rebeldes ao domínio romano nas terras em que viviam os judeus.

A comunidade, na qual Maria e seus filhos viviam, era naturalmente formada por artesãos e camponeses. Alguns deles viviam na resistência radical, apesar de não-violenta, contra o desenvolvimento urbano promovido por Herodes Antipas¹ e pelo comércio rural de Roma, que invadia toda a região da Baixa Galiléia por aqueles tempos. Outros ali residentes, em menor número, pertenciam a grupos radicais que praticavam a luta armada nos moldes que lhes era possível contra a ocupação romana. Envolvendo toda essa questão, havia ainda a cerrada oposição, por parte da cultura judaica, ao internacionalismo cultural grego, sendo esse um dos aspectos que o imperialismo militar romano ajudara a fixar cada vez mais na Palestina.

Era fato que os zelotes e os sicários² não gostavam dos judeus que conviviam pacificamente com o poder romano e José de Arimatéia era até mesmo antipatizado por alguns membros daqueles movimentos por ser um judeu que negociava com os estrangeiros invasores, e isso era do conhecimento de muitos. Ao mesmo tempo, conforme pensava Maria, José de Arimatéia era um dos homens mais admiráveis que ela conhecera, havia sido grande amigo do seu marido, como o era de todas as pessoas de bem que ela conhecia. “Além do que, as suas caravanas eram sempre tão bem guardadas, muito bem protegidas por homens treinados e pagos para aquele fim”, pensava, “e mais ainda contando

com a proteção do Senhor Javé, tudo haveria de correr bem”. Mas o tempo demorara tanto a passar... Agora ali estava ele, abraçando sua mãe, enquanto era envolvido pelas irmãs e irmãos que disputavam espaço próximo para também abraçá-lo.

Jesus foi obrigado a narrar sua visão da viagem por diversas vezes aos familiares e vizinhos mais próximos, poupando apenas o teor das conversas mantidas com o velho druida da montanha. Dias depois, quando a novidade dos assuntos da viagem já havia sido absorvida pelo passar do tempo, é que Jesus, quando questionado pela sua mãe ou por Tiago, voltava falar, com mais detalhes, sobre a viagem e seus acontecimentos mais marcantes.

— Quer dizer, filho, que os druidas são tais quais nossos sacerdotes e profetas? — perguntou Maria certa feita.

— Sim... de certo modo. Mas eles são mais profundos e menos preocupados com as questões exteriores como hábitos, vestimentas, detalhes comportamentais, dentre outros aspectos que pude observar. As mulheres lá são mais escutadas... e o que achei mais interessante é que elas falam como querem, sem maiores reservas ou preocupações, com quem quer que esteja a sua frente, sejam reis, guerreiros imponentes, visitantes, druidas, pouco importa, elas simplesmente dizem o que querem — disse Jesus por entre sorrisos.

— Ainda bem que a terra dessa gente fica longe, para que influências assim não envolvam nossas mulheres — disse Tiago com expressão algo séria.

— Não fica tão longe assim, ó Tiago — disse Jesus ainda sorrindo.

— Irmão, o que eles te disseram sobre ti? Lá há adivinhos, videntes e profetas, como vemos no nosso povo? Disseste a nossa mãe que os tais druidas eram mais profundos... o que devo entender do que disseste? — perguntou Tiago.

— O deus do nosso povo, nosso amado Senhor Javé, deu-nos prescrições legais nas quais tudo se encontra presumivelmente dito quanto ao que devemos fazer, pensar, sentir e nos comportar. Louvado seja ele! Nunca alguém do Alto amou tanto esta humanidade como ele que tudo fez e faz, que tanto se dedica a nos ajudar a que caminhemos com segurança e em paz pelas estradas deste mundo, respeitando os estrangeiros, os mais fracos e os desprovidos da sorte. Deu a Moisés o Livro da Lei que contém todos os seus ensinamentos. Assim nós, os

judeus, nos dedicamos a aprender essas lições e a esse aprendizado nos limitamos, o que já é muito e, convenhamos, o suficiente. Porém, as pessoas que visitei são mais abertas e, apesar de detentoras de grandes conhecimentos, consideram-se buscadoras. Enquanto nós, judeus, já recebemos a graça maior da revelação de Javé, através de Moisés e dos profetas. Não sei se por terem de se esforçar na busca e se por manterem suas mentes abertas eles me parecem mais profundos, preocupados com o que vivem na intimidade de suas almas. Nós falamos muito, memorizamos as leis nas nossas sinagogas, mas não as vivemos plenamente. Tanto é assim que não foram poucas as vezes em que o Senhor Javé perdeu a paciência com nossos antepassados. Ainda bem que ele hoje não se faz tão presente assim, ou pelo menos com a intensidade com que costumava interferir pela boca dos profetas. Caso o fizesse nos tempos atuais... não sei... — dizia Jesus quando foi interrompido pelo irmão.

— Não fale assim, ó Jesus... Nosso deus não carece dessas observações — disse Tiago, preocupado.

— Ó Tiago, tu pareces bem mais velho que eu e mais ainda do que todos os sacerdotes de Israel. Nosso deus Javé realmente não carece de tais observações, mas as fez referindo-me ao nosso povo...

— Mas tu falaste da sua pouca paciência para com nossos antepassados — retrucou Tiago.

— Estás mesmo lendo as escrituras, ó Tiago? Tu pareces desconhecer que nosso povo quase sempre desobedeceu, em questões e momentos cruciais da nossa história, ao pai Javé. Lá de cima, ó irmão, não parece haver outro modo de administrar todos os que vivem neste mundo, afinal, temos a liberdade de agir como queremos e sempre temos produzido muita dor e confusão por aqui. Mesmo através da sua presença marcante e apesar da sua insistência para ser obedecido, nem que a custo do sofrimento como fator de disciplina, Javé ainda assim se fez respeitar pelo nosso povo. Nós o louvamos com nossas palavras, mas o traímos com nossas atitudes, e ainda é assim, ó meu irmão. Nunca nosso pai Javé se fez humano, e assim, do modo como ele é e atua, somente é possível a ele ou aos seus anjos, agir da forma contada nas nossas escrituras. Por sua vontade é que nasci... — hesitou Jesus, com as palavras ditas de modo entrecortado.

— Filhos — disse Maria — esse assunto... não é conveniente que o conversemos assim, agora que estamos para nos recolher.

— Não há problema, mãe. Eu e Jesus costumamos conversar sobre essas coisas, mas às vezes me assustam algumas coisas que ele me diz... mas logo passa e eu esqueço. Não se preocupe, meu irmão é assim mesmo. Ele certa vez me disse que queria mudar as coisas neste mundo... Que Javé não o escute sempre — disse Tiago, enquanto com os olhos escuros e os braços abertos, voltava-se para o alto como se estivesse a endereçar aquela prece ao deus dos judeus para que seu irmão fosse perdoado.

Jesus simplesmente sorria, ao mesmo tempo em que trocava olhares de cumplicidade com a mãe, que olhava carinhosamente para seus filhos mais velhos.

— Como alguém que vive na Galiléia poderá mudar o mundo, ó Jesus? Como alguém daqui vencerá o império romano, se nem pelo nosso povo da Judéia somos bem aceitos? — perguntou Tiago.

Jesus e Maria nada comentaram a respeito das indagações feitas por Tiago. Entreolharam-se mais uma vez enquanto deixavam o pensamento seguir o caminho próprio a cada um deles, conforme os pontos de vista pessoais.

Jesus recolheu-se ao fim daquele dia refletindo sobre a expectativa longamente arquitetada do povo judeu em esperar um Messias político, uma espécie de rei guerreiro que elevaria a nação judaica à posição de liderança diante das demais nações, sendo a primeira missão desse rei a de libertar os judeus do jugo romano. Naturalmente ele não deveria ser aquele tipo de Messias, porque por volta dos seus 20 anos já se percebia incapacitado de agir sob o império da fúria, do ódio, do desamor, enfim, de causar danos a quem quer que fosse, sob qualquer pretexto.

“Será que foi esse realmente o teor da mensagem de Javé através dos profetas?”, refletia Jesus enquanto observava seus irmãos e irmãs menores já recolhidos, que dormiam próximos uns dos outros, como a se proteger do frio da noite.

Contudo, sabia ser ele um enviado dos céus há muito anunciado através da veia profética daquele povo, desde tempos imemoriais, como também já sabia que se encontrava na Terra para fazer cumprir a vontade do Senhor e pai Javé, situada no contexto dos desígnios do Deus Incognoscível perante a percepção da humanidade.

“A Javé esta humanidade podia perceber por suas atitudes por demais explícitas presentes nas escrituras do povo judeu... mas ao Deus

Incognoscível não era possível aos homens e mulheres da Terra percebê-Lo... a não ser no íntimo, no próprio coração”, continuava a refletir enquanto se deitava cobrindo-se parcialmente com um manto.

Permaneceu algum tempo com os olhos abertos, recordando-se de Mordon e de alguns dos seus comentários sobre a linhagem sacerdotal da terra de Bharata.

“Lá, me parece, eles percebem o Pai Amantíssimo, o Incognoscível, que reside no íntimo de cada um dos viventes, seja da Terra ou dos céus, dos anjos, dos deuses. Como partícula de sal que a tudo salga sem poder ser diretamente percebida, posto que dissolvida na água, Ele a tudo influencia, a tudo marca, mas permanece escondido à percepção apressada... eles O descobriram”, conseguiu ainda formular a reflexão, já sob o peso dos olhos sonolentos que teimavam por fechar.

Recordou-se das crianças da Judéia, da Galiléia, da Samaria, das que havia visto quando da viagem com José de Arimatéia e dos seus irmãos e irmãs. Por alguns instantes projetou a vida deles para um tempo futuro pensando no porquê de as crianças, ao se tornar adultas, sempre repetirem os erros das gerações que as precederam. “Não há nada que vindo de fora para dentro do ser humano resolva esse problema da humanidade... Tem de vir do íntimo de cada um... Semear é preciso.”

“Se minha doutrina não servir para despertar nas pessoas a ousadia do comportamento amoroso para muito pouco servirá”, pensou Jesus, respirando fundo, enquanto cerrava os olhos entregando-se ao sono reparador.

1 Herodes Antipas (20 a.C. – 39 d.C.), Tetrarca da Galiléia e da Peréia no período de 4 a.C. até 39 d.C., filho de Herodes, o Grande.

2 Segmento do povo judeu com postura ainda mais extremada que a dos zelotes. Ambos se contrapunham à ocupação romana nas terras dos judeus. Defendiam a luta armada para libertar os judeus da opressão romana.

SOBRE O AUTOR



Com 36 livros publicados no Brasil até o momento, tem se revelado como o escritor mais contundente sobre temas tidos como sagrados que estão sendo resgatados de um passado esquecido, que antes se encontrava oculto, o que torna o seu trabalho único.

Precursor da Revelação Cósmica que se inicia com a publicação dos seus livros, dando continuidade à Revelação Espiritual já codificada no passado, marca o atual momento planetário com reflexões profundas e intrigantes, advindas dos vários livros publicados e das palestras nacionais e internacionais divulgadas nos institutos temáticos e YouTube.

Autor do “Projeto Orbum” - Manifesto da Cidadania Planetária.

Formulador do Instituto de Estudos Estratégicos e Alternativos — IEEA

Programas na [Rádio Atlântida](#): Projeto Orbum, Acompanhando o Mundo, Reinvenção da Vida, Mitos e Conspirações, Para Onde Caminha a Humanidade, Imagens e Reflexões, Livros que fazem Pensar.

Formulador do Instituto de Estudos da Política Planetária – IEPP (www.orbum.org)

Formulador do Projeto MENTALMA – A Yoga do Cotidiano (Ciclo de Cursos -Palestras).

Para mais informações:

www.janvalellam.org

contato@janvalellam.org



LIVROS PUBLICADOS:

Como escritor espiritualista, com o pseudônimo de Jan Val Ellam, editou os seguintes livros até o momento:

- Reintegração Cósmica
- Caminhos Espirituais
- Carma e Compromisso
- Nos Céus da Grécia
- Recado Cósmico
- Nos Bastidores da Luz I, II e III
- O Sorriso do Mestre
- Muito Além do Horizonte
- Jesus e o Enigma da Transfiguração
- Fator Extraterrestre
- A Sétima Trombeta do Apocalipse
- O Testamento de Jesus
- Jesus e o Druida da Montanha
- O Drama Cósmico de Javé
- O Drama Espiritual de Javé
- O Drama Terreno de Javé
- Crônicas de um Novo Tempo
- Cartas a Javé
- Favor Divino
- O Guardião do Éden
- O Sorriso de Pandora
- O Big Data do Criador
- Homoafetividade - O Segredo do Éden
- Memórias de Javé
- Terra Atlantis - O Sinal de Land's End
- Terra Atlantis - A Frota Norte
- Terra Atlantis - A Era Sapiens
- Inquisição Trimurtiana
- Inquisição Filosófica
- O Dharma e as Castas Hindus
- O Quarto Logos
- A Rebelião dos Elétrons
- A Divina Colmeia

Outras obras como Rogério de Almeida Freitas

- Inquisição Poética
- Teia do Tempo (com o astrônomo José Renan de Medeiros).
- Homo Sapiens : da Guerra ao Esporte

- Autor do Manifesto da Cidadania Planetária (Projeto Orbum).
- Autor do Manifesto Onda Vírus (IEPP)



ENTREVISTA COM JAN VAL ELLAM

Dentre sua produção literária e as incontáveis horas de palestras no Youtube, como você resume a mensagem central de seu trabalho?

A necessitada, por muito tempo esquecida, do resgate de um contexto perdido associado ao progresso dos diversos ramos da ciência, fazem emergir uma nova “visão de realidade” que contempla o lento avanço do pensamento humano ao longo das eras. Afinal, somos racionais: seres que antes de crer cega e fanaticamente em algo, deveríamos procurar, estudar, pesquisar e compreender, como tantos luminares do progresso humano têm advertido.

Os livros que produzo tratam dessa nova cosmovisão, questionando as “verdades eternas” que os seres humanos colecionaram na visão de mundo que construíram ao longo da sua penosa evolução. Acostumamos a tomar como real e natural verdadeiros absurdos que em nada contribuíram para o progresso planetário. Perdidos em guerras religiosas e proselitismos de todos os tipos, estacionamos de tal modo que os valores vigentes e infantis do passado foram entronizados como “sagrados” e em nome desses, verdadeiras barbáries foram e são até hoje cometidas. A questão que se impõe para quem pensa é: quantas dessas “certezas do passado” ainda existirão daqui a alguns poucos séculos ou mesmo décadas?

Há uma nova cosmovisão emergente que marcará, dentre em breve, um divisor de águas entre o que se pensava antes e depois que a Revelação Cósmica fincar os seus alicerces, colaborando na evolução da capacidade humana de melhor compreender o nível de conhecimento e de esclarecimento que supõe possuir sobre as coisas e a realidade que a envolve.

Os livros que procuro produzir representam o marco inicial desse processo que convidará a todos, mais cedo ou mais tarde, a sair da zona de conforto da fé fácil e estéril, para o esforço da compreensão esclarecida.

Os estudos desenvolvidos em seus institutos apresentam uma convergência entre Ciência, Filosofia e Espiritualidade. Qual a importância desta convergência?

Compomos uma humanidade, tida como racional, cujas gerações jamais puderam ter qualquer padrão de educação científica, filosófica, ambiental, sendo sempre as elites a parcela da população mundial que

consegue ter acesso a essas questões. Ainda assim, nem mesmo estas costumam fugir do minimalismo no campo do conhecimento associado a um diploma universitário ou outro título qualquer. Todas as parcelas, porém, tomam-se como sendo profundamente educadas no campo da religiosidade, mas se perdem nos ritos fáceis de troca de favores com Deus, transformam Jesus em escravo dos seus pedidos e do comércio do pedágio e aqui a espiritualidade pessoal inexistente ou é confundida com a fé fácil e simplória.

Os livros que escrevo criticam de modo contundente como o esforço heroico de Jesus, de Sidarta Gautama (o Buda), dentre outros, cujos legados filosóficos e espirituais são efetivamente ímpares em termos de beleza e de nobreza moral, tornaram-se religiões fáceis e simplórias quando jamais foram essas as propostas dos seus formuladores.

Devido a esse quadro infantilizado, infelizmente constante no modo como as principais religiões mundiais são praticadas, dificilmente penso não será possível tão cedo uma convergência honrosa e produtiva entre essas três áreas do conhecimento que tanto importam à dignidade humana.

Como registrei em um dos livros que até o momento produzi, cujo título é “Reintegração Cósmica”, quando em breve, nós, os terráqueos, sairmos desse isolamento que envolve o nosso mundo há tanto tempo, frente à retomada do processo do intercâmbio cósmico que o próprio avanço da ciência já vislumbra, as futuras gerações terrestres poderão e mesmo deverão edificar uma vida planetária dignificada e alicerçada no bom uso que a racionalidade e a sabedoria humanas puderem construir associados aos postulados progressistas dessas três áreas.

Diante da nova realidade que suas obras literárias apontam, a humanidade atual está madura o suficiente para encontrar o caminho do autoconhecimento?

Sóren Kierkegaard, filósofo dinamarquês, afirmou, com certo grau de ironia, que o ser humano costuma se equivocar de duas maneiras: uma, acreditando no que não é verdade, e de outra, deixando de acreditar no que realmente é real e verdadeiro.

A raça humana foi condicionada a levar a sua vida adiante por meio da fé, da crença, e assim facilmente tem construído valores tomados como verdade absolutas, o que a impede de buscar o autoconhecimento

como também alargar a percepção sobre outros tantos painéis importantes da vida.

O infantilismo espiritual marca a conduta humana o que leva as pessoas a não encontrarem disposição psíquica para lidar com os aspectos mais profundos da existência. A busca do autoconhecimento é uma disciplina que se situa nesse contexto. As elites religiosas não têm interesse em que seus fieis, por eles mesmos, evoluam no sentido vertical da espiritualização adulta. Infelizmente, preferem manter todos os fieis como prisioneiros dos seus circuitos.

Qual a importância para nós, seres humanos, do entendimento de que na verdade constituímos uma única família planetária? Este conceito, que ultrapassa questões de raças, credos e nacionalidades, o que significa exatamente?

A consciência sobre a função da cidadania planetária que deveria povoar o psiquismo de cada pessoa esclarecida deste mundo é talvez o único “norte filosófico” a ser perseguido pelas gerações do futuro como forma de salvar a nossa casa planetária e dignificar a vida humana.

Desde que lá, na mais antiga tradição das raízes religiosas, existe um pretenso deus que, devido ao hábito de escolher povos — a saber, os hebreus, depois os arianos, voltou para os judeus e após certo tempo elegeu os árabes — terminou por semear na cultura de todos uma intolerância e um sentimento de exclusividade absolutamente inaceitáveis. Hoje, as questões históricas por trás da gênese do judaísmo, do cristianismo, do islamismo e de seus desdobramentos, respondem quase que pela totalidade das guerras regionais ocorridas ao longo da história. Tudo isso porque o fundamentalismo exacerbado dos que se acham eleitos por deus, o nacionalismo que tão somente camufla as faces da insensatez, da corrupção e da estupidez clinicamente assim definida dos líderes mundiais das últimas décadas, promovem conflitos além de não conseguirem superar os naturais confrontos e disputas da geopolítica mundial.

Num contexto como este, dificilmente a noção de cidadania planetária poderá emergir, apesar da luta de uns poucos entre os quais me incluo. No final de cada um dos 38 livros até hoje lançados encontra-se o “Manifesto Orbem da Cidadania Planetária”, como forma de convidar o leitor à reflexão sobre o tema.

O analfabetismo político, religioso, filosófico e ambiental estão prestes a provocar um choque de realidade talvez como forma de despertar o ser humano para um redimensionamento na maneira como ele vive na atualidade. O *homo consumus*, o *homo religiosus*, o *homo nervosus*, o *homo corruptus* — pois são estas as faces das quais se travestem o rosto humano na sua atual expressão “cara de pau” para justificar as suas mentiras e hipocrisias de cada momento, tem que ceder lugar a um tipo de ser humano sensato, decente, honesto frente ao seu código de princípios e de propósitos perante a vida.

O ativismo da cidadania planetária deveria ser o primeiro passo nesse sentido!

Qual o lugar do homem no Universo?

Seguramente não somos esses pecadores apontados pelo credo judaico-cristão, por termos sido criados e destinados para sabe-se lá o quê, e o nosso pecado reside no fato da nossa mãe Eva não ter aceitado tal coisa e resolveu dar um curso diferente do anteriormente pretendido. Como ela foi influenciada pela serpente, tida como o diabo, todos os que nasceram após isso são considerados “filhos do pecado” e do diabo, precisando que elites religiosas resolvam esse problema pelos pecadores. Ora, convenhamos!

Se alguém desejava promover uma “lavagem cerebral” nos nossos desavisados ancestrais, implementando o temor a Deus como o motor que levaria todos a aceitar a dominação psíquica por parte das religiões como forma de sair do grupo dos filhos do diabo para o dos filhos de deus, efetivamente o fez com bastante eficácia. Somos todos hoje filhos da estupidez esquecidos que reside na própria capacidade humana o ato de amor, de sorrir, de perdoar, de sonhar, de distinguir o bem e a ternura, de eleger a elegância moral e a civilidade como forma de interação entre os irmãos e irmãs da raça humana, enfim, de estabelecer o próprio código de conduta filosófica como lei maior de sociabilidade. Mas o que fizeram as religiões? O contrário disso! Criaram pecadores angustiados, tementes, aterrorizados por que podem ser castigados por deus a qualquer hora, obrigaram as pessoas a ter uma fé simplória, pouco refletida, sem questionamentos, transformaram deus e Jesus em comerciantes baratos do toma lá dá cá, viciaram todos os seus fieis em se tornarem pedintes profissionais e crentes em cujas lentes cabe todo tipo de credence barata. O pior: acostumaram as pessoas a transferirem para

pretensas autoridades religiosas, responsabilidades que lhes são próprias! Até onde isso vai se perpetuar?

As pessoas que vivem seriamente as suas religiões sofrem bastante com esse estado de coisas porque o choque de realidade que as gerações futuras irão inevitavelmente promover nas religiões poderá ser trágico se esse minimalismo não for superado por alguma sensatez, como muito tem se esforçado, por exemplo, o inigualável papa Francisco na sua luta pela renovação no âmbito do catolicismo. Mas, quem o apoia?

O ser humano talvez seja o artífice de algo muito maior do que hoje podemos imaginar e sobre esse aspecto tenho me esforçado bastante na abordagem dessa questão nos livros que publiquei.

Se somos capazes de nos comportarmos de modo monstruoso, mas também de agir ancorados em uma conduta superior e marcar os elétrons da nossa casa universal com as melhores e mais sofisticadas informações, talvez aqui resida a delicada e importantíssima destinação da humanidade, ainda desconhecida até mesmo pelas religiões e pelos padrões científicos atuais, que seria a de contribuir decisivamente para a emergência de uma mente universal, como apontam alguns dos mais vanguardistas no campo da ciência.

O livro “A Rebelião dos Elétrons e o Código da Vida do Criador” recentemente lançado, aborda de modo inusitado essa questão.

Concluindo, não penso que seja a presente geração de humanos a perceber a sua destinação como membros de uma comunidade sideral que se prepara para executar a sinfonia universal capaz de levar o universo em que vivemos — e alhures — a um rumo seguro e pacificado. Pertencerá às gerações futuras a construção dessa urgente percepção quanto à função dos terráqueos no concerto da vida universal. Mas por enquanto, apequenado como o ser humano se encontra, sequer ele sabe que essa música existe.

Precisamos evoluir da mentalidade religiosa infantilizada na qual milenarmente nos encontramos estacionados para uma outra espiritualizada e esclarecida. Mãos à obra!

** Entrevista Revista Acontece, agosto de 2019*

GUIA E ROTEIRO DE LEITURA DOS LIVROS

Alguns membros do IEEA têm solicitado uma espécie de “roteiro de leitura” que possa facilitar o entendimento de quem chega ao site do instituto e não sabe por onde começar. Além disso, uma contextualização em torno da qual a produção de cada livro pudesse ser minimamente explicada, dizem também os amigos, seria muito interessante.

Aqui está, portanto, uma sugestão de roteiro de leitura que, espero, possa ser útil aos que buscam.

LIVROS PUBLICADOS ENTRE 1996 e 2000 — ETAPA I.

Sob à perspectiva dos livros, grande parte do que foi produzido entre os anos 1990 e 1996, jamais foi publicado e outra me vi obrigado a transformar em palestras, seminários e cursos, por antever a impossibilidade de escrevê-los. Dessa leva, cujo tema central das ideias naquele momento transmitidas pelos mentores, era o final do isolamento da Terra com a consequente retomada do intercâmbio cósmico com civilizações extraterrestres, que teria como marco histórico-político o retorno do Mestre Jesus, os livros publicados foram os seguintes:

A trilogia **“Queda e Ascensão Espiritual”**.

Reintegração Cósmica.

Caminhos Espirituais.

Carma e Compromisso.

Essa trilogia introduziu, também, uma **abordagem superficial sobre a rebelião de Lúcifer** — a profunda viria depois — situada no contexto de várias famílias capelinas exiladas para a Terra, como produto do problema luciferiano.

Outros **temas da trilogia**: (1) a relação entre Jesus e Lúcifer; (2) a queda dos anjos e os papéis de Lúcifer e de Satã; (3) os painéis extraterrestre e espiritual envolvendo a vida na Terra; (4) a conexão dos desdobramentos da rebelião com a formação da humanidade terrena; (5) a reencarnação como processo básico da continuidade cósmica; (6) a relação entre os ex-rebeldes e alguns dos atuais membros do Grupo Atlan, como modo de situar o contexto humano frente à questão cósmica; dentre outros.

Muito Além do Horizonte. Apresenta um contexto espiritual da conexão entre os espíritos de Ramatis, de Rochester e de Allan Kardec ao longo desses últimos 2.500 anos, revelando o plano de fundo da

codificação espírita, a escolha de Allan Kardec para edifica-la e revelações diversas sobre painéis que envolvem a equipe do Espírito da Verdade ainda desconhecidos.

Recado Cósmico. Apresenta o recado que Jesus nos deixou em seus cinco principais ensinamentos e fatos nunca antes revelados por João Evangelista no primeiro século da era cristã.

Esses livros apresentam a compreensão básica dessa primeira etapa. Os demais dessa mesma etapa, citados a seguir, podem ser lidos de modo independente:

O Sorriso do Mestre. Os espíritos de um tio de Jesus, Cleofas e seu pai, José, relata fatos desconhecidos da vida de Jesus: suas viagens quando jovem e como ocorreu a escolha dos apóstolos, revelando sua maior marca de amor: o sorriso.

O Testamento de Jesus. Abordagem nova das bem-aventuranças anunciadas por Jesus no Sermão da Montanha, revelando painéis do seu testamento para a humanidade.

Nos Céus da Grécia. Diálogo entre os filósofos gregos Sócrates, Platão e Aristóteles atualizando ensinamentos do passado e abordando temas como a cidadania planetária e cósmica, o universalismo e as práticas políticas contemporâneas.

Nos Bastidores da Luz I, II e III. Mensagens recebidas nas reuniões do Grupo Atlan e que bordam temas como: (volume 1) mecanismos cármicos, funcionamento do psiquismo humano, auto aperfeiçoamento e reforma íntima, transição planetária, genética espiritual e os exilados siderais que atualmente vivem no planeta; (volume 2) o império atlante, consequências do suicídio, Jesus e Sai Baba, Ovnis, vidas paralelas, cidades astrais e espirituais, fraternidade branca e a origem do homem, dentre outros.

LIVROS PUBLICADOS ENTRE 2001 e 2006 - ETAPA II.

Aqui, também, dos livros que foram produzidos no período, somente uns poucos foram publicados. Seres extraterrestres e extrafísicos, como também mentores espirituais, foram as inteligências por trás dos seguintes livros que podem ser lidos separadamente porque possuem contextos particulares:

Jesus e o Enigma da Transfiguração. O real significado da transfiguração de Jesus e os fatos do período final da sua vida, trazidos

pela narrativa de Tiago, Elias e Moisés.

Fator Extraterrestre. Apresenta evidências de diversos fatores extraterrestres como sendo a única explicação possível para muitos acontecimentos ocorridos desde o princípio dos tempos e que até hoje são tidos como lendas.

A Sétima Trombeta do Apocalipse: A Volta de Jesus. Panorama inédito do Apocalipse de João esclarecendo a origem e o porquê do Livro Apocalipse, os fatores que levaram Jesus a nascer na Terra, o segundo advento do Cristo e o significado do Juízo Final e da atual transição planetária.

Jesus e o Druida da Montanha. Narra fatos da desconhecida juventude de Jesus, sua amizade com José de Arimatéia e com seu irmão Thiago.

Crônicas de um Novo Tempo. Reflexões diversas sobre temas passados, presentes e futuros.

Inquisição Poética. O livro narra a experiência pós-morte do poeta Yohan e leva à percepção das diferenças e semelhanças entre a vida na Terra e a vida numa dimensão diferente da nossa: o céu dos poetas.

Teia do Tempo. Narra o encontro de um aprendiz com seu professor de física e a construção de uma forte amizade, mostrando que ela é maior que o tempo, as filosofias, as religiões, as fronteiras geográficas e, principalmente, ao aspecto de um ser espiritualista e o outro um cientista. Foi produzido em conjunto com o astrônomo José Renan de Medeiros.

LIVROS PUBLICADOS A PARTIR DE 2007 - REVELAÇÃO CÓSMICA - ETAPA III.

Doravante será necessário dividir os livros publicados até o momento em pelo menos quatro grupos distintos:

GRUPO 1 – CONTEXTO DEMO COM FOCO NAS FIGURAS DE BRAHMA, VISHNU E SHIVA E DAS DIVERSAS EXPRESSÕES AVATÁRICAS TRIMURTIANAS.

O Drama Cósmico de Javé. Revela a história da criação deste universo e de seu criador marcando o início dos capítulos da Revelação Cósmica.

O Drama Espiritual de Javé. Continua a apresentação da história da criação e do criador, agora sob a ótica espiritual, revelando a queda do arquiteto universal, as providências da Espiritualidade Maior para

auxiliá-lo a resolver o problema, a criação do homem e a contribuição deste no psiquismo do criador.

O Drama Terreno de Javé. Apresenta as Eras da Criação Universal e como a repercussão do processo veio a se estabelecer na formação da natureza planetária, ressaltando as lacunas enigmáticas nela existentes e que até hoje permanecem sem explicações científicas convincentes.

Favor Divino. Por que a vida terrena foi gerada? Qual a sua função? O que se encontra por trás do adestramento que o ser humano sofreu para adorar a um deus-criador? Devemos venerar alguma entidade transcendente? Quem?

Chegou o momento para que, ainda que com passos hesitantes, possamos descortinar os aspectos da verdade que se encontram encobertos pelos véus que nos foram impostos por fatos até agora desconhecidos.

Afinal, existem favores divinos? E se tudo for ao contrário do que fomos acostumados a pensar?

Cartas a Javé. Perguntas que os seres humanos esclarecidos quanto ao problema da criação universal imperfeita e problemática, gostariam de endereçar ao criador e que, de modo surpreendente, o próprio resolveu responder a algumas cartas que alguém colecionara como simples reflexões sobre o tema.

Eis que a pedido do destinatário, as cartas produzidas por Mônica Camargo, após a leitura dos três livros que compõem “os dramas cósmico, espiritual e terreno de Javé”, foram respondidas e transformadas no presente livro.

O Big Data do Criador. Imagine um ser-criador que resolve elaborar um jogo em que o controle efetivo das partes lhe permite a dominação do todo e por isso cada parte precisa ser monitorada sem margem para surpresas.

Apesar do roteiro pré-estabelecido, peças se particularizam, adquirem personalidades distintas, livres de qualquer jugo automático, e somente resta ao criador a opção de reconquistar essas individualidades por meio de um supercontrole religioso, estabelecido no temor, para ver se lhe será possível ainda controlá-las.

Esse é o plano de fundo mental-operacional do jogo que acontece por trás do tipo de vida que levamos na Terra e dele sequer temos

consciência.

O Big Data do Criador revela o que antes se encontrava oculto no “livro da vida”, referenciado no Apocalipse. É leitura para adultos!

Memórias de Javé. Registros das tentativas de reflexão conjunta propostas pelo criador bíblico, sempre no sentido de reafirmar a sua tentativa de convencimento em torno do cumprimento dos seus desígnios para as criaturas terrestres.

Inquisição Filosófica. Relato incomum de encontros havidos em ambiente paralelo ao terreno, envolvendo o criador, num primeiro momento, e depois acrescido da participação dos demais membros da *Trimurti*, no trato de temas instigantes em torno do pretenso domínio que seres tidos como mitológicos, sempre exerceram sobre a humanidade — uma simples porém crucial experiência biológica — até que a mesma fugiu ao controle dos seus criadores.

Inquisição Trimurtiana – Tempo de Apostasia. Narrativa de um impensável debate entre os Senhores da *Trimurti* — Brahma, Vishnu e Shiva — em torno da falência da política por eles praticada desde o início dos tempos da criação universal, cujo final aponta para a mais singular ocorrência já acontecida entre os seres que residem nesse ambiente paralelo do qual procuram acompanhar tudo o que se passou e se passa no nosso universo biológico.

O Dharma e as Castas Hindus. O que sempre esteve por trás das castas hindus e a humanidade nunca soube? Qual o significado real do Dharma?

Por que será que na Terra existe uma multidão de miseráveis e somente uns poucos nascem com possibilidade de dar um bom curso as suas vidas?

Este livro responde a essas questões, dentre outras jamais abordadas na cultura humana, e apresenta um inquietante mecanismo psíquico que sempre pretendeu impedir o ser humano de se inconformar perante o absurdo de alguns painéis da existência.

Mitologia, religião, espiritualidade, filosofia, história e cosmologia se encontram numa abordagem ímpar, que ultrapassa os limites do trivial em torno da imoralidade que é a situação de um ser humano que, por força do seu nascimento se vê obrigado a ser o que a tradição religiosa impõe.

GRUPO 2 – ASSUNTOS MITOLÓGICOS E TEMÁTICA EXTRATERRESTRE VINCULADA AO PROJETO TALM QUE “TRANSPLANTOU A VIDA” DO CONTEXTO DEMO (UNIVERSO PARALELO COMPOSTO DE ANTIMATÉRIA) PARA O UNIVERSO BIOLÓGICO MATERIAL ONDE VIVEMOS.

O Sorriso de Pandora. A história de um ser que, na sua origem nada tinha de humano, e que surgiu para um novo tipo de vida quando de uma intriga entre Zeus e Prometeu, que havia engendrado os primeiros homens, num tempo em que as mulheres ainda não existiam.

É sobre a sua vida acontecida em tempos imemoriais que o seu legado de “demônio feito mulher” e de progenitora da humanidade agora se faz apresentar pela própria voz da sua estranha personalidade.

Resgata-se assim uma história antes perdida nas brumas de um passado esquisito e perverso, que agora é revelada aos seus descendentes.

O Guardião do Éden. O que ainda é ficção para muitos, neste livro, um ser que é exemplo de uma Inteligência Artificial Autônoma, relata páginas do passado bíblico por ter sido testemunha circunstancial de alguns daqueles eventos.

Anjo-clone da hierarquia, foi ordenado pelo criador universal a permanecer como guardião planetário desde há muitos milênios, o que o levou a se afeiçoar à espécie cujo processo histórico observava, conforme a ordem recebida, o que lhe obrigou a acompanhar de perto os seus episódios mais marcantes, desde os tempos do “Jardim do Éden”.

Viu Jesus ser crucificado enquanto percebeu a contenda entre o criador e aquele que era respeitado entre todos da hierarquia e que se fizera humano exatamente para cumprir com o que estava estabelecido entre os dois. Registrou, assim, os fatos, mas jamais os valorizou com o padrão da nossa lógica, até porque a que lhe marca o psiquismo é absolutamente diferente do que a que caracteriza a natureza humana.

Nos tempos atuais, já tendo absorvido um pouco do “modo de ser terráqueo”, ele se esforça por traduzir no seu comportamento as mensagens de retorno que a cada momento precisa enviar para os que compõem a retaguarda da hierarquia em torno do criador.

Como todos os demais, aguarda o desfecho da “contenda trimurtiana”, que definirá — o que já se encontra em curso de definição

— os termos do prometido retorno de Jesus.

Terra Atlantis – O Sinal de Land’s End. Primeiro livro da trilogia Terra Atlantis que resgata as páginas esquecidas da Rebelião de Lúcifer, como também a relação deste com a figura de Sophia, o Cristo Cósmico, que mais tarde se faria homem sob à personalidade de Jesus.

Relata a chegada ao planeta dos rebeldes, conhecidos nas tradições do passado como anjos decaídos, e as interações destes seres com o enredo que já se desenrolava na Terra, naqueles dias em que o ser humano racional ainda estava por surgir.

Eram os tempos da formação do que viria a ser o futuro império atlante cuja lenda passou à posteridade, mas cuja história, que permanecia envolta em mistério, agora começa a ser revelada.

Frota Norte. Abordagem da saga dos biodemos capelinos — incluindo o quartel general da rebelião de Lúcifer — agora sediados na Terra e em realidades alternativas subjacentes ao planeta, atinge momentos dramáticos, sem que Sophia sinalize qualquer apoio. Os rebeldes, agrupados em Benem, passam a compor uma força-tarefa que, por milênios, foi denominada como sendo a Frota Norte, em torno da nave “espheron”. Além dos “seres dos portais” (os chamados “deuses da mitologia grega”), os humanos passam a conviver com um “conglomerado de realidades” acoplado ao planeta.

A decadência passou a marcar todas as forças estabelecidas ao mesmo tempo em que os humanos começaram a imperar como os possíveis herdeiros da Terra. Enquanto todos se enfraqueciam, aquele que, mais tarde, seria conhecido como Satã, preservava a sua força, pois que a “era do seu domínio” ainda estava por começar.

Era Sapiens. Devido a cataclismos diversos, chegou ao fim a “cultura atlante e suas diversas bases”, como também teve lugar o enfraquecimento das diversas forças extraterrestres e extrafísicas que procuravam dominar o planeta, o que levou a espécie humana a emergir como sendo a herdeira mais improvável do planeta, como terminou acontecendo. Len Mion e Yel Luzbel perseguem a vinda do Messias anunciado pela veia profética do povo hebreu ao mesmo tempo em que procuravam compreender se Jesus era o “conquistador” há muito anunciado.

Ocorre a crucificação, a saída de Yel Luzbel, dos ambientes em torno do planeta, o que faz com Len Mion assumo o comando do restante

da rebelião, procurando atrapalhar de todas as maneiras, qualquer interesse que ele enxergasse ser de Sophia ou do “deus dos judeus”.

Ao perceber em Hitler um antigo companheiro da condição biodemo, Len Mion domina a sua mente e o transforma em fantoche da sua intenção de construir na Terra a última trincheira do movimento rebelde para confrontar Sophia.s

GRUPO 3 – TEMAS COMPLEMENTARES.

Homo Sapiens: da Guerra ao Esporte. Será que existe uma força maior por trás do aparecimento da “molécula-mãe”, no longínquo passado terrestre, com o código da vida já completamente delineado — da qual descendem todos os seres vivos — ou tudo foi obra do acaso?

O fato é que “algo” existe que guia o ritmo da evolução, entre acidentes e incidentes, nesta ou naquela direção, como se levando o mais novo produto da natureza planetária, a nossa espécie *homo sapiens*, a um presumível modelo.

Um dia guerreiro implacável, hoje atleta que vibra na vitória e aceita a derrota sem aniquilar o seu oponente, para onde será que o ser humano caminha?

São algumas das reflexões que se encontram presentes na instigante busca da compreensão do que move a espécie humana ao longo da sua penosa e enigmática estrada evolutiva.

GRUPO 4 – TEMAS AVANÇADOS.

A Rebelião dos Elétrons e o Código de Vida do Criador. Dentre as partículas fundamentais da matéria, apontadas pela Física, os elétrons têm uma característica incomum e pouco conhecida: a de hospedar, na sua “intimidade”, as informações produzidas desde o “momento zero” da sua história que começou com o Big Bang.

Os psiquismos das diversas espécies da natureza universal, que nasceram programadas (as mais fortes, as predadoras) para liquidar outras formas de vida, para, assim, por meio da violência imperativa, manter a “sobrevivência dos mais fortes” como sendo a tônica da vida inclemente, têm sujado a “vida interior” desses agentes da informação cósmica.

Os elétrons parecem não ter premissa lógica – pelo menos por enquanto – para se perguntar sobre o porquê das coisas serem assim, mas, estranhamente, sobram indícios e evidências de que, algum tipo de

premissa neles, não mais suporta acumular marcações de sofrimento e de outros naipes que enfeiam e criminalizam a existência.

Esse tema jamais foi abordado nos cânones da cultura humana, mas por “urgências e necessidades” ainda desconhecidas para a lógica planetária, tornou-se agora imperiosa a sua abordagem.



Essa é tão somente uma sugestão para aqueles que buscam compreender possíveis aspectos em torno de uma “verdade” que por muito tempo permaneceu oculta e, talvez por isso, o romantismo humano foi levado a pensar que encontrar painéis da verdade seria necessariamente sinônimo de regozijo, de satisfação e de conforto espiritual, quando não é bem assim.

Talvez, tenha sido exatamente por isso que no Shiva Samhita tenha sido afirmado que “a angústia estava presente por todo o universo”, e que no Evangelho de Tomé, Jesus tenha enigmaticamente dito que, “aquele que busca a verdade, jamais a deixe de procurar. No entanto, ao encontrá-la, perturbar-se-á, para somente depois se equilibrar e poder, então, ser soberano sobre o processo da vida”.

Nunca foi tão necessário nos recordarmos desse aspecto que invariavelmente acomete o psiquismo dos que ingerem a “pílula vermelha” que nos convida à maturidade emocional, aspecto primário da idade adulta espiritual.

A minha homenagem àqueles que jamais deixaram de buscar.

Jan Val Ellam

POR QUE O IEEA?

Instituto de Estudos Estratégicos e Alternativos



Instituto de Estudos Estratégicos e Alternativos

Por receio de ferir a suscetibilidade dos que acreditam ter encontrado a “verdade” no conforto das religiões, Jan Val Ellam criou o Instituto de Estudo Estratégicos e Alternativos – IEEA, para nele concentrar toda a sua extensa e inusitada obra de revelação, exposta em livros, palestras e cursos singulares.

Se você é um buscador dos mistérios da vida, das faces de uma verdade maior sempre por ser percebida além dos limites comuns à ingenuidade e às possibilidades de cada época, visite o IEEA e verifique por si mesmo se o que ali se encontra exposto, em abordagem crescente, não representa exatamente as “reflexões adultas” sobre os temas que sempre foram a razão principal daqueles que sempre buscaram um nível de compreensão superior sobre a vida e a realidade que a envolve.

É como se tudo o que se encontrava oculto fosse finalmente revelado.

Benefícios:

- Através de uma plataforma online você tem acesso a material exclusivo com conteúdo inédito de Jan Val Ellam.
- Assista vídeos de palestras não públicas
- Acesse o IEEA facilmente, do seu computador, leitura confortável também em tablets e smartphones.

LISTA DE ALGUMAS PALESTRAS:

- Buda: O Homen a Revolução e os Mistérios Budistas
- Análise da Trilogia Matrix
- Jainismo : A Revelação Esquecida

- A Falência da Religiosidade
- Os Anéis do Poder e os Portais
- DNA Homo Terráqueo : Interesse Universal
- As Duas Testemunhas do Purana e a Vinda de Kalki
- Mente, Cérebro e Consciência
- O Princípio do Despertar Espiritual
- Os Estranhos Desígnios de Javé : Aprofundamento
- Avatares X Spinoza e Nietzsche : O Jogo não acabou
- Reforma Íntima e o DNA II - Aprofundamento
- Javé e a Justiça Divina
- Você e a Espiritualidade
- Humanidade em Disputa: A Descendência De Pandora
- Talentos e Linhagens Espirituais
- Você e o Criador
- O Ser Humano: A Mais Enigmática Singularidade
- Pactos de Javé
- Religiosidade Afetada e Estacionamento Espiritual
- Favor Divino: Tempo de Ruptura
- As Quatro Faces de um Ser - Vishnu, Mohen So, Sophia e Jesus
- O DNA Helênico e o Quarto Logos
- Zeus e Prometeu: Parceria Impensável
- A Ressurreição do Criador
- A Face mais Enigmática do Ser Humano: O Daisen de Heidegger
- A Consciência Humana e os Conceitos Profundos
- O Gênero Adhydaiva e suas Espécies Demodharmicas
- A Geometria Sagrada e os Campos Morfogenéticos
- Mitologia Chinesa e a Destinação do Império do Centro
- Forças Invisíveis em Ação
- O Sonho dos Templários e seus Desdobramentos
- Revelações do Alto
- Fator Carma: O Sentido Gradual das Leis Morais
- Sophia e o Pêndulo Cósmico
- O Incompreendido Norte Divino: Mitologias Celta e Nórdica
- O Desvio de Rota de Pandora e o Quarto Logos Universal

Entre muitos outros fascinantes temas.

Saiba mais em:

www.janvalellam.org

MANIFESTO PROJETO ORBUM



“Declaração dos Princípios da Cidadania Planetária.”

Exerça plenamente a sua nacionalidade, mas não esqueça: somos todos cidadãos planetários.

Por conseguinte, formamos uma só família ante o cosmos. É bom recordar que, para quem nos vê de fora, nada mais somos do que uma família vivendo em um berço planetário.

Se somos uma família, torna-se inconcebível a falta de indignação diante do estado de miséria – tanto material quanto espiritual – em que vive grande parcela dos irmãos e irmãs planetários.

Existe uma força política na sociedade que, quando estrategicamente direcionada, exerce em toda sua plenitude o direito e o dever de cobrar das forças estabelecidas o honroso cumprimento dos direitos humanos. Essa “força íntima” é pacífica porém ativa; suave na tolerância, jamais violenta, mas perene na exigência contínua de se construir a paz, a concórdia e a inadiável consciência quanto à necessidade de se melhorar as condições do nível de vida na Terra. Exercer essa força no cotidiano das nossas vidas, agindo localmente com a atenção voltada para o aspecto maior planetário, é dever de cada um e de todos.

Respeitar as forças políticas estabelecidas, os governos regionais e nacionais; valorizar as organizações representativas de caráter mundial – imprescindíveis para a evolução terrestre – mas, acima de tudo, pregar a necessária consciência da unidade planetária perante o cosmo.

Na verdade, somos todos cidadãos cósmicos no exercício eventual de uma cidadania planetária, como de resto o são todos os irmãos e irmãs espalhados pelas muitas moradas do Universo.

Porém, devido ao atual estágio de percepção que caracteriza a quem vive na Terra, buscar a consciência do exercício pleno da cidadania, seja em que nível for, é a grande meta a ser atingida.

Se você concorda com os princípios e objetivos da cidadania planetária, junte-se a nós em pensamento, intenção e atitudes. Assuma consigo mesmo o compromisso maior de construir na Terra esta utopia, que foi e é o objetivo de muitos que aqui vieram ensinar as noções do exercício pleno da cidadania cósmica, testemunhando o amor como postura básica e essencial na convivência entre os seres.

Propague esta idéia, em especial para as novas gerações.

Sonhe e trabalhe por um mundo melhor. E saiba que muitos estão fazendo exatamente o mesmo.

Esta é uma mensagem de fé e de esperança na vida e na nossa capacidade de dignificá-la cada vez mais.

Filie-se espiritualmente a esta idéia.
Jan Val Ellam

MAIS INFORMAÇÕES

Para mais informações sobre o ator, novos lançamentos de livros e sua agenda de palestras e eventos, acesse nossas redes:

Website e Livros

www.janvalellam.org

Youtube

www.youtube.com/janvalellam1

Facebook

www.facebook.com/janvalellam

Ebooks Amazon

www.amazon.com/author/janvalellam

Programa de Rádio

www.radioatlan.com

Table of Contents

[Página de Título](#)

[Créditos](#)

[Sumário](#)

[Sinopse](#)

[1. O Drama dos Reis Gauleses](#)

[2. Nos Dias da Galiléia](#)

[3. O Druida da Montanha](#)

[4. Na Caravana com José de Arimatéia](#)

[5. Encontro na Montanha Sagrada](#)

[6. Jesus entre os Druidas](#)

[7. Mordon e a Índia](#)

[8. Retorno ao Lar](#)

[9. Os Sonhos de um Jovem Galileu](#)

[Sobre o Autor](#)

[Entrevista com Jan Val Ellam](#)

[Guia e Roteiro de Leitura dos Livros](#)

[Por que o IEEA?](#)

[Manifesto Projeto Orbum](#)

[Mais informações](#)